

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

FRANCISCO MAURÍCIO DE SENA JÚNIOR



INSTITUIÇÕES QUE ARTICULAM AS POLÍTICAS DOS NEGROS EM MACAPÁ:
ESPAÇO RELIGIOSO E EDUCAÇÃO AFIRMATIVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/06/2016.

VITÓRIA
2016

FRANCISCO MAURÍCIO DE SENA JÚNIOR

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/06/2016.

INSTITUIÇÕES QUE ARTICULAM AS POLÍTICAS DOS NEGROS EM MACAPÁ:
ESPAÇO RELIGIOSO E EDUCAÇÃO AFIRMATIVA



Trabalho Final de Mestrado Profissional para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação. Linha de Pesquisa: Religião e Esfera Pública.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Pereira Rosa.

VITÓRIA
2016

Sena Junior, Francisco Maurício de

Instituições que articularam as políticas dos negros em Macapá /
Espaços religioso e educação afirmativa / Francisco Maurício de Sena
Junior. -Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2016.

ix, 85 f. ; 31 cm.

Orientador: Wanderley Pereira da Rosa

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2016.


Referências bibliográficas: f. 81-85

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Instituições e
políticas de afirmação. 4. Religião e educação afirmativa. 5. Espaços
religioso e educação. 6. Macapá - Tese. I. Francisco Maurício de Sena
Junior II. Faculdade Unida de Vitória, 2016. III. Título.

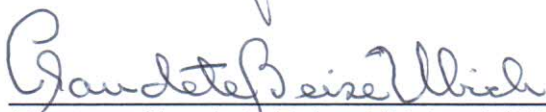
FRANCISCO MAURICIO DE SENA JUNIOR

INSTITUIÇÕES QUE ARTICULAM AS POLÍTICAS DOS NEGROS EM MACAPÁ:
ESPAÇO RELIGIOSO E EDUCAÇÃO AFIRMATIVA

Dissertação para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões no
Programa de Mestrado Profissional em
Ciências das Religiões da Faculdade Unida
de Vitória.



Doutor Wanderley Pereira da Rosa – UNIDA (presidente)



Doutora Claudete Beise Ulrich – UNIDA



Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA



À minha família, por todo carinho, e aos amigos companheiros de vida, pelas buscas e conquistas. Aos amigos que direta ou indiretamente contribuíram para mais essa caminhada.

AGRADECIMENTO

Minha gratidão a pessoas especiais: Deus, minha mãe, filhos, nora, irmãos, entrevistados, Prof. Dr. Wanderley Pereira Rosa, professores de Ciências das Religiões e à equipe da Faculdade Unida.



RESUMO

A presente pesquisa é resultado de um estudo qualitativo na área de Religião e de Educação, com o foco em uma experiência construída por um segmento social e sua resposta à necessidade de intervenção, como sujeito histórico, no contexto das relações sociais demarcadas pelas relações raciais religiosas no Amapá. Apresenta a União dos Negros do Amapá-UNA – Organização não governamental amapaense, que tem atuado há 29 anos no Estado do Amapá e o Instituto de Mulheres Negra do Amapá – IMENA, que articulam as políticas em favor dos negros em Macapá. A dissertação pretende destacar sua atuação no Movimento Negro e o diálogo Inter-religioso entre as religiões Afro e a Igreja Católica que participam na União dos Negros do Amapá no espaço religioso existente em suas dependências físicas, onde ocorre a Semana da Consciência Negra. Objetiva indicar as ações educativas, como as propostas pela União dos Negros do Amapá e pelo IMENA, como contribuição efetiva no processo contínuo e necessário de transformação nas relações sociais entre os negros e a sociedade amapaense, bem como analisar alguns resultados de pesquisa-campo feita por meio de questionários e entrevistas, como exemplo de ação educativa e de inclusão dos negros e das negras pobres nas universidades e nas escolas; de incorporação das ações afirmativas na forma de leis que ampliam a cidadania do negro e das negras no cotidiano amapaense; e algumas leis, como a lei de valorização do Marabaixo e da Semana da Consciência Negra, que atendem a algumas reivindicações do Movimento Negro do Amapá e abrem espaço para outras investigações.

Palavras-chave: Instituições. Religião. Educação. Macapá.

ABSTRACT

This research is the result of a qualitative study regarding Religion and Education, focusing on an experience built by a social segment and its response to the need of intervention, as a historical subject, in the context of social relationships demarcated by race relationships in Amapá. It includes the União dos Negros do Amapá (UNA), a non-governmental organization from Amapá and also the Instituto de Mulheres Negras do Amapá (IMENA – Institute of Black Women of Amapá), which articulate policies in favour of black people at Macapá. This dissertation intends to highlight its role in the Black movement and the inter-religious dialog between the afro religions and the Catholic Church, which participates of religious meetings at UNA, in a place for religious meetings only, where the Black Consciousness Day takes place. This research indicates educative actions as a proposal for UNA and IMENA, as an effective contribution in the continuous process of transformation in the social relationships between black people and the population of Amapá, as well as analyzes some results of the field research, made through survey and interviews. As an example of educative action, there is the inclusion of poor black men and women in universities and schools; incorporation of positive actions as law that increases the citizenship of black men and women in the daily life in Amapá; some laws, like the one that valorizes Marabaixo and the Black Consciousness Week, which meets some demands of the Black movement in Amapá and opens area to further analysis.

Keywords: Institutions. Religion. Education. Macapá.



PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL DA UNA E DO IMENA NO AMAPÁ	13
1.1 Características do local da pesquisa	13
1.1.1 História da UNA, como resistência dos negros no Amapá.....	13
1.1.2 A estrutura arquitetônica com espaço para o sagrado	15
1.1.3 Objetivos da União dos Negros do Amapá	16
1.1.4 A coordenação cultural da União dos Negros do Amapá.....	17
1.1.5 A Semana da Consciência Negra: Início das festas religiosas	17
1.1.6 A UNA como espaço religioso.....	18
1.1.7 O calendário para atividades dos deuses na Semana da Consciência Negra.....	21
1.1.8 Breve história de resistência do negro no Amapá	22
1.1.9 Os quilombos, um dos modelos de resistência.....	22
1.1.9.1 Os quilombos no Amapá.....	22
1.2 A história da resistência dos negros no Amapá.....	24
1.2.1 O Marabaixo como resistência à Igreja Católica.....	25
1.2.2 A chegada dos padres italianos - 1940	26
1.2.3 O movimento dos negros do Amapá, criado em 1987	26
1.2.4 O IMENA, criado em 2010, como instrumento de luta	27
1.2.5 As mulheres negras no trabalho das repartições públicas do Território	28
1.2.6 Os negros na organização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Amapá em 1981.....	28
1.2.7 Relação do IMENA com a UNA.....	29
1.2.8 A relação da UNA com os governos hoje	29
1.2.9 A estrutura financeira e orçamentária configura-se na instituição.....	29
1.2.10 A história das mulheres negras no Amapá	31
1.2.11 A criação do Instituto de Mulheres Negra do Amapá em 2000	31
1.3 Tipo de pesquisa.....	32
1.3.1 População para o questionário.....	34
1.3.2 Amostra	34
1.4 Resultados	35
1.5 Discussão.....	35
1.6 Hipóteses	36
1.7 Síntese	37
2 A UNIÃO DOS NEGROS DO AMAPÁ COMO ESPAÇO RELIGIOSO	38
2.1 A dimensão simbólica da religiosidade.....	38
2.1.1 Os símbolos para as tradições religiosas na UNA.....	39
2.1.2 A experiência religiosa na União dos Negros do Amapá.....	40
2.1.3 O sagrado para o homem religioso da UNA	41
2.1.4 Espaço sagrado dos orixás na União dos Negros do Amapá.....	43
2.1.5 Habitação: espaço sagrado da União dos Negros do Amapá	44
2.1.6 O sacrifício como ato de consagração do Espaço Religioso da UNA.....	45
2.1.7 O espaço religioso da UNA como espaço consagrado.....	45
2.1.8 O tempo sagrado na UNA	46
2.1.9 O tempo das festas.....	48
2.1.10 O mito como modelo exemplar.....	49

2.1.11 A UNA como espaço religioso das religiões	50
2.2 A experiência do diálogo inter-religioso	51
2.2.1 As posições sobre o diálogo inter-religioso	53
2.2.2 A esperança no diálogo inter-religioso.....	55
2.2.3 As condições do diálogo inter-religioso, segundo Faustino Teixeira.....	56
2.2.4 Contribuições de José Maria Vigil para o diálogo inter-religioso.....	57
2.2.5 A UNA e o diálogo inter-religioso	58
2.3 Síntese	59
3 A UNA E O IMENA COMO ARTICULADORES DA POLÍTICA EDUCATIVA	
AFIRMATIVA.....	60
3.1 As políticas de inclusão no Brasil	61
3.1.1 Educação inclusiva.....	61
3.1.2 A história da luta da inclusão dos negros na educação do Brasil.....	62
3.2 As políticas e ações afirmativas no Brasil.....	65
3.3 Políticas educativas afirmativas ou ações afirmativas.....	65
3.3.1 O sistema de cotas na educação como ações afirmativas.....	66
3.3.2 Os resultados positivos para as mulheres negras com as cotas	67
3.3.3 A Lei nº 10.639/03 – Ensino da história e cultura africana nas escolas	68
3.3.4 A lei de cotas para concurso público.....	69
3.3.5 Dia da Consciência Negra como ação afirmativa	69
3.3.6 Estatuto da Igualdade Racial	70
3.4 As políticas públicas e educacionais para os negros no Amapá.....	70
3.4.1 As ações afirmativas para o negro do Amapá	72
3.4.2 A UNA como articulador político das ações afirmativas.....	72
3.4.3 As cestas básicas para as mulheres quilombolas.....	73
3.4.4 Acesso das mulheres negras na educação superior no Amapá.....	74
3.4.5 Criação da Secretaria Extraordinária dos Afrodescendentes como ações afirmativas no Amapá	75
3.4.6 Projeto de lei que cria o botão do pânico para mulheres.....	75
3.4.7 O crescimento das religiões afro como ação afirmativa.....	75
3.4.8 Síntese	77
CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS.....	86

INTRODUÇÃO

O processo histórico de conquista da dignidade do negro no Brasil teve início com a Abolição da Escravatura, no ano de 1888, quando os negros foram alforriados pela Lei Áurea, nascendo, a partir de então, a possibilidade de sua valorização; contudo, à custa da destruição de sua cultura e de sua religiosidade. E foi, então, o momento em que eles adquiriram o status de liberdade civil, porém continuando presos às condições econômicas e sociais impostas pela sociedade dos brancos.

Em 1850, foi aprovada a Lei de Terras, por meio da qual, curiosamente, foram fechadas todas as oportunidades para que o negro tivesse acesso a terra. O projeto de lei antecipou o fechamento das condições econômicas, inviabilizando que o negro pudesse se organizar como cidadão autônomo e criasse condições para o exercício de sua cidadania plena. De fato, os negros foram jogados às margens da sociedade brasileira, sendo obrigados a deslocarem-se das cidades para os morros, como forma de garantir a sua sobrevivência.

Porém, no período da Colônia, e mesmo na República, os negros lutaram por seus direitos e, por meio dos quilombos e da ajuda dos intelectuais abolicionistas, desenvolveram estratégias para as mudanças da sociedade. Os escravos, portanto, nunca se submeteram inteiramente a sua condição servil – fato comprovado pelas constantes e crescentes fugas ou revoltas. E é dentro desse contexto que devemos situar o fenômeno dos quilombos.¹

Durante a República, o negro participou das atividades da cidade, trabalhando em áreas de serviços como empregados domésticos, operários da construção civil e agricultores; nesse último caso, situava-se o maior contingente, que trabalhava na agricultura do café e na pecuária. Foi nesse período que o acesso e a permanência nas escolas foram proibidos aos negros, impedindo-os de ingressar no processo oficial e formal de escolarização.

Nas lutas abolicionistas, os intelectuais participaram como elementos ativos para promover a libertação dos escravos, movimento que, efetivamente, tomou fôlego após 1860. De qualquer forma, o movimento abolicionista não poderia ser atribuído ao simples entusiasmo ou generosidade de uma determinada pessoa ou campanha. Ademais, foram as pressões externas e internas, além da resistência organizada dos próprios cativos, que conseguiram esvaziar o nefasto sistema escravocrata da época.² E, então, começou a se

¹ MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 151.

² MATOS, 2010, p. 156.

difundir a discriminação racial. “Mesmo após a Abolição, a raça mantinha-se como uma das principais questões para a organização da sociedade”³.

No Decreto de nº 528, de 26.06.1890, que trata da imigração para o Brasil, só poderiam entrar pessoas brancas vindas de países brancos. Por outro lado, as pessoas vindas da África e Ásia eram proibidas de entrar.

Em suas atividades religiosas, os negros desenvolveram os terreiros, que eram pedaços da África no Brasil, os quais permitiam a continuidade dos valores culturais do Candomblé e Umbanda como religiões adaptadas e, no futuro, o da Umbanda, como religião sincrética, nascente da união dos elementos africanos e do Espiritismo. Diga-se que, em cada Estado do Brasil, adotava-se um desses dois nomes.

Essas religiões iniciaram um processo de expansão, saindo da Bahia e do Rio de Janeiro em direção a outros Estados; contudo, a Umbanda saía do Sudeste para os Estados do Norte e do Nordeste. Em alguns lugares, existia o Candomblé autônomo, como era o caso do Tambor de Mina, situação específica criada com a divisão do Brasil em dois Estados de Portugal, um no Rio de Janeiro e outro em São Luís do Maranhão.

Na Amazônia, por exemplo, ainda existe uma prática religiosa chamada de Pajelança ou Linha de Cura, cujas origens advêm das religiões dos indígenas brasileiros. Essa prática religiosa foi desenvolvida e realizada pelos caboclos ribeirinhos e incorporava outros elementos religiosos das religiões africanas.

No Amapá, o Movimento Negro busca recuperar os seus direitos fundamentais, organizando-se em movimentos e entidades sociais a partir da luta pela redemocratização do Brasil e do Amapá, com pautas de reivindicações contra o racismo, a discriminação e a garantia de igualdade e de direitos em face dos brancos.

Observa-se que os negros ainda precisam de uma área para criar um espaço físico, a fim de abrigar as suas religiões, para fazer museus e desenvolver projetos de valorização do negro no Amapá. Aliás, foi a partir de 1992, que receberam do Prefeito de Macapá, uma área no seu bairro de origem de nome “Laguinho”, onde foi construída uma estrutura física que incorpora as tradições religiosas afro-amapaenses e funciona como referência das lutas pela igualdade racial, a qual recebeu o nome de União dos Negros do Amapá – UNA criada na década de 1980.

A luta das mulheres negras seguiu os mesmos passos dos negros; culminou na criação do Instituto das Mulheres Negras do Amapá – IMENA, que no ano de 2000

³ ROMÃO, Jeruse. *História da educação do negro e outras histórias*. Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília-DF: Ministério da Educação, 2005, p. 51.

desenvolveu um rol de lutas para garantir direitos e combater o preconceito e a discriminação no Amapá.

Nesse espaço religioso da UNA, foram desenvolvidas atividades das religiões afro, que procuraram o diálogo com Igreja Católica. E diga-se que, no processo de aproximação, apenas alguns padres procuram desenvolver atividades religiosas na Semana da Consciência (durante uma semana a UNA transforma-se em um espaço religioso temporário de encontros dos negros, que vêm de todos os municípios para um reencontro das comunidades afrodescendentes e famílias em Macapá).

No primeiro capítulo, reescreve-se a história das lutas dos negros dentro de uma perspectiva dos afroamapaenses, que recoloca o negro como sujeito da história dentro de uma historiografia escrita, a partir da perspectiva do branco, transformando-o em sujeito social, agente de mudanças das suas condições sociais.

No segundo capítulo, aborda-se a questão dos fundamentos principais das religiões africanas no contexto da Brasil e do Amapá, e como teóricos, Roger Bastide e Volney Berkenbrock, Alexsara Maciel e Piedade Lino Videira. Em suas teorias, esses estudiosos sustentam a ideia de que a União dos Negros do Amapá é um espaço religioso, cujas instalações físicas são consagradas aos deuses dos Orixás e, portanto, todo espaço ao redor representa simbolicamente a presença da África com os assentamentos que são os objetos de cada orixá, os quais criam o mundo sobrenatural dos deuses na UNA.

No terceiro capítulo, desenvolve-se a teoria da educação inclusiva, e apresentam-se os avanços na inclusão dos negros nas universidades e no mundo do trabalho, em função da aprovação das leis que garantem as cotas para os negros no acesso às universidades públicas e nos concursos públicos. Também, com base nos dados do IBGE, apresenta-se uma tabela que mostra um aumento do acesso das mulheres negras do Amapá, na estrutura das universidades locais. O aumento do número de pessoas que professam as religiões afro no Amapá, possivelmente deve estar relacionado ao apoio dos governos municipais e estaduais. Nesse caso, precisa-se de uma nova pesquisa para verificar essa assertiva.

1 O CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL DA UNA E DO IMENA NO AMAPÁ

Neste capítulo faremos uma retrospectiva da história da UNA – União dos Negros do Amapá.

Essa instituição desempenha um papel fundamental na luta pelos direitos dos negros no Amapá. Com efeito, a UNA foi criada no período em que nasceu o Movimento Negro no Brasil, junto com os movimentos sociais que promoveram a redemocratização do país, e trouxe em suas pautas reivindicações que foram silenciadas durante a Ditadura Militar. Aliás, a Constituição de 1988, garantiu os direitos de todos os cidadãos brasileiros, permitiu que se criassem organizações civis que defendessem os direitos de cada segmento e promovessem a inclusão social.

1.1 Características do local da pesquisa

Neste capítulo apresentamos o contexto que circunscreve a presente pesquisa, onde refaremos a história das manifestações religiosas da União dos Negros do Amapá. Apresenta-se uma descrição da estrutura organizacional e seus departamentos, assim como uma retrospectiva da história da luta do negro no Brasil e de como essas lutas chegaram ao Amapá. E, por fim, a partir do estatuto da entidade, mostram-se seus objetivos principais.

1.1.1 *História da UNA, como resistência dos negros no Amapá*

A União dos Negros do Amapá – UNA “foi criada em 1986 por um grupo de negros que se reuniam na sede do Esporte Clube Macapá, na Avenida FAB, no centro administrativo da capital do Estado, para defender os negros e lutar contra a discriminação e o racismo”.⁴ A estrutura em alvenaria foi inaugurada, em 1998, pelo Governador do Estado do Amapá, João Alberto Capiberibe, o qual a financiou com os recursos do Estado, o que oportunizou a construção da estrutura física, obedeceu ao desenho das casas típicas dos quilombolas que viveram e vivem no Amapá e, também, aos moldes da Escola Bosque do Bailique.

“O Centro de Cultura Negra do Amapá foi construído em 1997, com recursos públicos estaduais, a partir de um projeto apresentado pela diretoria da UNA, na época coordenada por Raimunda de Nazaré da Silva Ramos”⁵ e, segundo Alexsara Maciel, em 01 de

⁴ Cf. Anexo L.

⁵ VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo – dança Afrodescendente: significando a identidade étnica do negro Amapaense*. Fortaleza: UFC, 2009, p. 220.

junho de 1997, durante o período de “Cortação da Murta” do Marabaixo, foi lançada a pedra fundamental do CCNA⁶. O Centro está localizado no bairro Laguinho, na cidade de Macapá:

Raimunda Ramos administrou o movimento negro até 1998. A sua principal meta na coordenação era estabelecer a UNA em um local fixo. Seu empenho foi tamanho, que conseguiu com o Governo do Estado a construção do Centro de Cultura Negra localizado no Bairro do Laguinho, onde hoje é a sede da União dos Negros do Amapá⁷.

Existem contradições nas datas que se referem à fundação do movimento negro, como em Videira que, em sua dissertação de mestrado “Marabaixo – Dança Afrodescendente: significado da identidade étnica do negro amapaense”, afirma uma data. Porém, temos outra data na dissertação de Maciel, que escreveu “Conversa de amarrar preto”, na Unicamp. O certo é que o Centro de Cultura dos Negros do Amapá foi construído com as estruturas necessárias para as atividades religiosas, culturais e política dos negros do Amapá.

A UNA é concebida como espaço religioso porque suas atividades ocorrem a cada ano, quando se faz repetir a fundação do mundo dos deuses em Macapá, em que os Orixás renascem a cada ano, na festa realizada na UNA, que foi consagrada pelos deuses com seus fundamentos e assentamentos⁸, que são os objetos de cada deus existente em cada casinha. Todos os anos são realizados os sacrifícios de animais, como uma forma de santificar o local da festa para os deuses. O homem religioso amapaense necessita de que os deuses estejam perto de sua casa, para garantir proteção divina e realizar o desejo de seu coração de ter um ano de muita bênção e sucesso espiritual. Para Roger Bastide,

Se nossa interpretação for exata, vê-se que esta desempenha função capital no conjunto do ilê-orixá, o templo é algo mais do que um pedaço da África transportado para outro lado do oceano, é algo mais do que um local consagrado por nele terem sido enterrados os axés, copiando a união do céu e a terra, ele auxilia o mundo criado a perdurar, encerrando nas duas cuias o desenvolvimento harmonioso das forças da natureza, juntamente com a estrutura e as funções da sociedade⁹.

Nessa concepção de espaço sagrado, o físico e o simbólico estão ligados pela forma como o homem religioso amapaense percebe a realidade da União dos Negros do Amapá.

⁶ MACIEL, Alessara de Souza. *Conversa amarrá preto: a trajetória história da União dos Negros do Amapá: 1986 – 2000*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 69.

⁷ VIDEIRA, 2009, p. 220.

⁸ Anexos D e I. Fundamentos e assentamento: os religiosos do Candomblé e da Umbanda colocam objetos dos orixás e das entidades como uma forma de consagrar o local transformando o espaço profano em sagrado.

⁹ BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 89.

1.1.2 A estrutura arquitetônica como espaço para o sagrado

Dentro do Centro de Cultura Negra do Amapá, existem várias salas, auditórios, local para os santos da Umbanda e casas para os orixás. Maciel descreve cada sala e compartimentos, parte do espaço construído, em três segmentos¹⁰:

- 1) primeiro reúne a administração e um espaço de múltiplo uso. A administração é um espaço muito simples, linear, sendo uma sequência de três salas, banheiros masculinos e femininos, uma copa e um depósito, uma varanda que também funciona como ambiente de espera, que não possui forro e cujas telhas têm um sistema de exaustão de ar quente, preocupação constante nas construções na zona equatorial;
- 2) o espaço de múltiplo uso possui um *solarium* central que irradia luz solar a todos os ambientes, duas salas de cursos, duas lojas para venda de artesanato, lembranças, mandingas e outras bugigangas (essas lojas nunca funcionam), duas oficinas para construção de instrumentos musicais e outra para manutenção de ervas medicinais e aromáticas (somente uma das salas entrou em funcionamento até a presente data), banheiros e depósitos;
- 3) espaço octogonal, pois é a figura geométrica de símbolo e base do projeto da Escola Bosque, por ser a forma que mais se aproxima da organização de uma aldeia indígena;
- 4) casinhas dos Orixás: construídas posteriormente sob a orientação do pai Salvino, sacerdote do Candomblé no Estado do Amapá, o qual ministra todos os anos os sacrifícios antes das festas da Semana da Consciência Negra no Estado;
- 5) um círculo na parte sul do quarteirão, que serve para as rodas das filhas e dos filhos de santos. Também construído posteriormente. Tanto as casinhas dos Orixás como o círculo para atividades da umbanda são lugares sagrados e consagrados pelos deuses;
- 6) sala da Administração, cedida para os quilombolas dentro da União dos Negros do Amapá, na qual funciona uma sala administrativa da coordenação Estadual e Articulação das Comunidades Negras Quilombolas do Amapá, a CONAQ-AP, criada em 1999, que tem como presidente a Senhora Núbia de Souza, que também colabora e articula boa parte dos quilombos do Estado do Amapá. Geralmente, em cada quilombo, existe um grupo de Marabaixo. Essa instituição coordena todas as atividades quilombolas do Amapá, e seu escritório está dentro da estrutura da sede da União dos Negros do Amapá.

¹⁰ MACIEL, 2001, p. 85.

Existe o espaço sagrado para atender às necessidades dos deuses e do homem religioso amapaense, em separado de outros espaços. Embora a UNA ocupe um quarteirão do bairro Lagunho, que é um bairro da maioria negra, todo o espaço é sagrado durante as festas dos Orixás e das entidades da Umbanda. Para Maciel “A respeito do espaço afroreligioso, Raimunda Ramos diz que a UNA está sendo mal interpretada (...) por algumas pessoas que não entendem, por exemplo, o espaço afroreligioso”¹¹. A União dos Negros do Amapá é considerada pelos afro-amapaenses como um espaço religioso. Embora essa particularidade seja a religiosidade, com o passar do tempo os negros resolveram manifestar as suas tradições religiosas dentro da coordenação da cultura.

1.1.3 Objetivos da União dos Negros do Amapá

Os objetivos permanentes da UNA estavam de acordo com artigo 4º do Estatuto da Entidade, a saber: “Conscientizar o negro do Amapá a descobrir as suas origens e desempenhar o seu papel político, social e cultural na sociedade brasileira”¹².

Conforme o Estatuto foi sendo atualizado, os objetivos permanentes passaram a ser assim redigidos (conforme o Diário Oficial do Amapá):

- a – Manter a troca de intercâmbio cultural com outras entidades congêneres e desempenhar o seu papel político social e cultural na sociedade brasileira;
- b – proferir conferências, debates, cursos, bem como assuntos atinentes a cultura negra;
- c – ter, na União dos Negros, acervo de origem, organizar e manter dados bibliográficos versando sobre a cultura negra brasileira;
- d – celebrar convênios, contratos e acordos com entidades públicas e privadas no sentido de oferecer a difusão dos objetivos da União;
- e – a União dos Negros do Amapá–UNA não visa a lucros, bem como seu patrimônio é constituído de acordo com o dispositivo deste estatuto;
- f – congregar e promover socialmente os seus membros¹³.

Artigo 2º - As ações direcionadas à construção dos objetivos sociais do UNA serão realizadas em estreita consonância com os princípios da legalidade, impessoalidade, modalidade, publicidade, economicamente e eficiência¹⁴.

Nesses itens foi possível ver os compromissos da instituição diante das demandas dos negros do Estado do Amapá.

¹¹ MACIEL, 2001, p. 91.

¹² MACIEL, 2001, p.129.

¹³ MACIEL, 2001, p. 129.

¹⁴ MACIEL, 2001, p. 129.

1.1.4 A coordenação cultural da União dos Negros do Amapá

Essa coordenação está inserida na estrutura administrativa da instituição, e responsável pelo desenvolvimento das atividades culturais, onde atividades religiosas estão incluídas. Segundo Alexsara Maciel, a relação das funções dessa coordenação, segundo o artigo 26 do Estatuto da entidade, é:

- a) programar e elaborar, assim como executar, todas as atividades técnicas da UNA, estabelecendo datas, hora e local para ensaio, pesquisa e apresentação, etc.;
- b) realizar encontros culturais aos membros da UNA(...) ¹⁵.

Os avanços do Movimento Negro no Amapá permitiram sair de uma posição conservadora para uma posição mais política e ideológica, por meio da qual se procura manifestar sua identidade cultural e religiosa. As festas religiosas foram incorporadas ao dia da Consciência Negra no Brasil e no Amapá. Esse fato abriu espaço para um conceito mais abrangente das atividades da UNA, que passou a ser uma articuladora das políticas religiosas, culturais e das ações afirmativas no estado.

Embora as articulações e proposições da UNA fossem desenvolvidas no seio da instituição, tomavam corpo com os políticos negros que recebiam as propostas e as viabilizavam, através dos parlamentos municipal, estadual e executivo. Isso quando se tinha simpatia pela causa negra, como no caso do Prefeito de Macapá e, posteriormente, Governador do Estado, que recebeu as reivindicações da União dos Negros do Amapá, conforme descreve Piedade Lino Videira, em sua dissertação: “No ano de 1989 a 1992, João Alberto Capiberibe, Prefeito de Macapá, iniciou um grande movimento cultural em prol da valorização e fortalecimento da cultura amapaense, sendo depois eleito como primeiro Governador Civil do Estado do Amapá” ¹⁶.

Depois, essas participações políticas criaram uma discussão entre as lideranças do Estado, questionadas por vários deles, particularmente por aqueles de visão diferente do movimento negro.

1.1.5 A Semana da Consciência Negra: início das festas religiosas

Para Maciel, a Semana da Consciência Negra foi iniciada em 1988, no mês de novembro, com atividades do movimento negro do Amapá. Raimunda Ramos afirma que, quando a UNA ocupou a Casa da Cultura, uma das primeiras decisões tomadas foi chamar a

¹⁵ MACIEL, 2001, anexo 1. (estatuto).

¹⁶ VIDEIRA, 2009, p. 169.

atenção das autoridades; reestruturou a Semana Amapaense da Consciência Negra (acontece desde 1988, no mês de novembro)¹⁷.

A Administração do Movimento Negro no Amapá era realizada de vários lugares, mas passou a ser realizada definitivamente na sede do Cento de Cultura Negra do Amapá, de onde coordenava e planejava a Semana da Consciência Negra.

Foi a partir da Semana da Consciência Negra que o movimento negro assumiu uma posição mais política, transformando a UNA em um articulador político para defesas das lutas e reivindicações dos negros e das negras. Essa mudança provocou um despertar mais abrangente, incorporou a religiosidade como instrumento de resistência e de luta contra a discriminação e o racismo.

1.1.6 A UNA como espaço religioso

Quanto à prática religiosa dos afro-amapaenses, Alexsara Maciel diz que, “na estrutura arquitetônica da União dos Negros do Amapá, o espaço afroreligioso é um terreiro multirreligioso concebido para abrigar cultos de Umbanda, Pajelança, Candomblé, Tambor de Mina e todos os demais cultos afro-ameríndios”¹⁸.

Toda a estrutura física obedece às instruções dos sacerdotes que orientaram os engenheiros e arquitetos dos prédios das instituições, os quais servem de referência para esses religiosos. E, é claro, depois da construção, os prédios foram consagrados para os orixás e santos. Uma miniatura da representação da África no Amapá.

Como se observa, a União dos Negros do Amapá é um espaço sagrado para todas as religiões afro-amapaenses e configura esse espaço, que representa o Centro do Mundo dos deuses Orixás africanos aqui no Amapá, onde os sacerdotes do Candomblé e Umbanda do Amapá consagraram esse lugar como o evento primordial da fundação do mundo pelos deuses. Nesses lugares são colocados os assentamentos que são os Pegis – altar de cerimônia utilizado pelos templos do Candomblé. Nos Pegis estão objetos utilizados na iniciação, que são fixados de um Orixá na cabeça de um iniciante. Cada Orixá tem o seu Pegi¹⁹.

Nessa posição, a UNA é um referencial de lugar sagrado para os representantes do Candomblé e Umbanda. A ligação entre o eixo do mundo e os quatro pontos cardeais não

¹⁷ MACIEL, 2001, p. 71.

¹⁸ MACIEL, 2001, p. 89.

¹⁹ BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos Orixás*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 196.

parece somente na construção do Candomblé, mas ainda em certos números de objetos litúrgicos.²⁰

A UNA constitui a casa dos Orixás, pois em cada uma delas, estão os respectivos assentamentos e a sua forma, fazendo a ligação entre o céu e a terra. Como afirma Roger Bastide, “o que nos interessa, porém, é o fato de céu e terra se tocarem, reunidos, colados pelos bordos de duas cuias: efetuam uma união matrimonial, e a mesma representação do mundo que pode ser feita por intermédio dos órgãos da reprodução”²¹.

Tudo na UNA tem uma representação do sagrado, conforme o Candomblé e seus sacerdotes. A UNA tem um simbolismo muito forte, como espaço sagrado é o mundo reconstituído, como escreve Roger Bastide:

O solo é a terra, o teto é o céu, entre as duas divindades, os orixás imitam com sua mímica a vida dos elementos da natureza, a tempestade que se desencadeia (Iansã), o ziguezague do relâmpago (Xangô), o murmúrio dos regatos (Oxum), as vagas do oceano (Iemanjá), e também as ações dos homens que vivem no mundo, caçadores (Oxóssi), ferreiros (Ogum) ou a passagem das doenças epidêmicas (Omulu), o salão de dança é então o microcosmo ou também o mundo reconstituído em sua realidade mística, que é a sua verdadeira realidade²².

Toda experiência do sagrado envolve os aspectos do cotidiano do homem religioso do Candomblé e da Umbanda, que vivem a vida permeada pelas práticas místicas que dão sentido material a sua existência.

Abaixo apresentamos um quadro, onde descrevemos a posição dos entrevistados da UNA, como um lugar religioso e sagrado.

QUADRO DAS POSIÇÕES DOS ENTREVISTADOS

Número	Entrevistado	UNA-lugar sagrado	Ajuda do Governo	Diálogo religioso
01	B	Ausência de posição	Não ajuda	Não ao diálogo
02	C	Ausência de posição	Ausência de posição	Não ao diálogo
03	D	É um lugar sagrado Lugar dos cultos Afro	Ajuda da educação dos terreiros	Ausência de posição
04	E	Congregar todas as atividades dos negros	O Estado regula a entrada dos negros no Amapá	Ausência de posição
05	F	Lugar sagrado participa no rufar dos tambores	Prefeitura ajuda	Ausência de posição
06	G	Lugar sagrado	Governo estadual apoia o candomblé	Leis de acesso nas Universidades
07	H	Lugar sagrado participa da consciência negra	Governo ajuda nas festas	Ausência de posição
08	I	Sim, coisas do Candomblé.	Ausência de posição	Ausência de posição
09	J	Não é lugar sagrado	Ausência de posição	Ausência de posição
10	L	Lugar para celebrar festas religiosas	Leis de cotas para ajudar o negro Lei de resgate da história do	Ausência de posição

²⁰ BASTIDE, 2001, p.87.

²¹ BASTIDE, 2001, p.86.

²² BASTIDE, 2001, p.86.

			negro	
11	M	Participa de festa da consciência negra	O governo ajuda o Marabaixo	Ausência de posição
12	N	Lugar sagrado	O Governo ajuda nas festas	Ausência de posição
13	O	Lugar sagrado	O Governo ajuda na Semana da Consciência Negra	Ausência de posição
14	P	Lugar sagrado	Alguns Governos ajudam os negros. Dilma e Lula ajudam os negros	Diálogo com alguns padres católicos
15	K	Nos ajuda nas festas de terreiros. Ajuda na semana da consciência negra	Política afirmativa – projeto terreiro empreendedor	Ausência de posição
16	R	Lugar de assentamentos de objetos do Candomblé	Governo ajuda pouco Somente nas festas da consciência negra	Ausência de posição
17	S	Lugar sagrado	Governo ajuda	Tem diálogo

São opiniões de representantes do Candomblé, da Umbanda e de religiosos católicos, que deram sua percepção sobre o lugar sagrado dos negros em Macapá.

Para o entrevistado L, “a intenção é realizar e celebrar as festas religiosas de caráter popular, para fortalecer o movimento negro, além do Marabaixo, o Batuque e outras manifestações afro-brasileiras que estavam relacionadas com os negros”²³.

Sobre a percepção de que a UNA seja um lugar sagrado, dos 132 questionários passados na Escola Estadual Azevedo Costa de Macapá, 64 pessoas responderam afirmativamente, enfatizando que o lugar é sagrado. Além da percepção dos alunos, as lideranças das religiões Afro e Católicas afirmam que a UNA é um lugar sagrado, pois em sua estrutura de construção, existem espaços para as entidades, onde são oferecidos sacrifícios para os Orixás e, no Dia da Consciência Negra, que é o dia específico para os sacerdotes da Umbanda, estes mandam seus auxiliares prepararem o recinto específico para a roda das mães e pais de santos, conforme o quadro abaixo:

QUADRO 01 – A UNA como lugar sagrado: percepção dos alunos

Número	Tipo de Resposta	Quantidade Respondida	Porcentagem
01	Sim	64	48,48%
02	Não	02	1,52%
03	Não sabe	03	2,27%
04	Não responderam	63	47,73%
Total		132	100 %

Fonte: Questionários aplicados na Escola Estadual Azevedo Costa em 27 a 30.04.2015.

²³ Anexo L.

1.1.7 O calendário para atividades dos deuses na Semana da Consciência Negra

Esses espaços sagrados estão delimitados, segundo a proposta do Centro da UNA, para atender às necessidades de cada religião. Na Semana da Consciência Negra, os espaços sagrados são utilizados por todas as religiões, obedecendo aos seus ritos. “O certo é que existe um calendário dos santos, e cada terreiro organiza o seu, mas existe um calendário que é geral para todos”²⁴.

Em cada dia, delimitam-se as atividades religiosas e culturais, conforme um calendário específico do Centro. Assim, existe um dia para o Candomblé, que, junto com o padre católico, realiza uma Missa inter-religiosa em que o sacerdote do Candomblé realiza uma cerimônia envolvendo elementos da Igreja Católica e do Candomblé. No calendário, também existe um dia para a Umbanda. Além disso, conforme indicação do Centro, as religiões obedecem a essas decisões, que são tomadas em conjunto com todas as comunidades religiosas. Para Piedade Lino Videira:

Esse espetáculo teve sua estreia em Caiena, Guiana Francesa, no ano de 2002, depois apresentado em Macapá como abertura do VIII Encontro dos Tambores e Semana Amapaense da Consciência Negra em 2002. Também o grupo de dança com o espetáculo *Ilu Ewa, Ibilé*, que significa na língua Yorubá: Tambor, Costumes e Tradição²⁵.

É importante recordar o processo de luta para construção do espaço físico, que necessitou da união de forças contra a polícia e a prefeitura, que queriam parar a obra, pois a prefeitura estava sob a direção de um prefeito, ex-militar e ex-governador, imposto pelos militares, o qual, por questões políticas, queria embargar a obra. Aliás, conforme Piedade Lino Videira:

Por isso, quando o toque das caixas de Marabaixo junto com o canto, a dança, as rezas e os gritos dos afroamapaenses eclodiram para buscar distante o apoio espiritual e a força dos orixás, o resultado significou, também, uma forma de resistência que fez a nação negra no bairro do Laguinho se erguer unida para lutar contra a polícia e os fiscais da prefeitura²⁶.

Percebemos, no texto, a união das forças humanas e das forças espirituais como mecanismo de luta para frear as forças conservadoras do Prefeito de Macapá. Esse contexto da vida política da UNA mudou a sua trajetória para uma visão mais direcionada à resistência e à luta pelos seus direitos como cidadãos amapaenses que também querem organizar a sua área física para cultivar e desenvolver as suas atividades religiosas e culturais.

²⁴ Anexo G.

²⁵ VIDEIRA, 2009, p. 77.

²⁶ VIDEIRA, 2009, p. 222.

1.1.8 Breve história de resistência do negro no Amapá

Os negros tiveram várias estratégias de resistência e lutas contra a escravidão dos colonos brancos, e a que teve mais evidência foi a dos quilombos, que tinham o papel de organizar a classe em lugares afastados das fazendas e vilas dos colonos brancos. Nesses lugares os negros desenvolviam suas atividades econômicas, culturais e religiosas, que reproduziam suas relações sociais. Existiam dois tipos de quilombos: os pequenos grupos que eram formados por negros armados fugidos dos seus proprietários e os grupos grandes, que chegavam a mil pessoas, como foi o Quilombo dos Palmares. Todos esses processos sociais de luta são movimentos de resistência contra aqueles que queriam subjugar os negros.

Podemos entender os movimentos de resistência dos negros como:

A mesma busca de justiça que pode ser observada em quase todas as práticas das religiões populares no Brasil. Essas religiões se oferecem não só como paliativo para as desgraças reais de um cotidiano percebido como sem saída, mas também como elaboração realista e consciente das adversidades do cotidiano, funcionando como apelo de resistência numa sociedade onde a cidadania foi recusada para a maioria e onde a opressão é a regra da existência social das camadas populares²⁷.

1.1.9 Os quilombos, um dos modelos de resistência

Moura afirma que “o quilombo era toda habitação de negros fugidos que passasse de cinco, em parte despovoada, ainda que não tivesse ranchos levantados nem se achassem pilões neles”²⁸. O quilombo não foi um fenômeno esporádico, pelo contrário, muitos estudos mostram que eles viraram cidades, vilas, povoados, fazendas, ou simples acidentes geográficos, como serras e rios, com o nome de mocambo ou quilombo. Para Moura, existiam dois tipos de quilombos: “os pequenos quilombos que possuíam uma estrutura simples, e eram grupos armados. Os grandes, porém, já eram muito complexos. O de Palmares chegou a ter cerca de vinte mil habitantes e o de Campo Grande, em Minas Gerais, chegou a dez mil ou mais”²⁹.

1.1.9.1 Os quilombos no Amapá

Os quilombos do Amapá tiveram uma participação de resistência muito forte, pois essa região sofria a influência de várias nações europeias como a Holanda, a França, a

²⁷ CHAUI, Marilena. *Resistência e repressão*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 15.

²⁸ MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a Rebelião Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 17.

²⁹ MOURA, 1982, p. 17.

Inglaterra e Portugal. Todas essas nações trabalhavam com os escravos negros, além dos índios. E já no ano de 1812, existiam vários quilombos na região do futuro Estado do Amapá. Moura diz que “existiam no Oiapoque, Calçoene e Mazagão, que hoje são municípios do Estado, essas três áreas de quilombo”³⁰. Para Videira, “o quilombo mais famoso do Amapá foi legalizado em 1988, tendo o seu território reconhecido, juridicamente, em nosso país pela Constituição Federal, artigo 216, que incluiu os quilombos no patrimônio cultural brasileiro, prevendo tombamento dos sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”³¹.

Arthur Reis diz que, em 1751, “Mendonça Furtado, empossado no governo da região do Amazonas, enviou para Macapá grupos de casais negros dos Açores, encarregados de trabalhar na área de agricultura e pecuária, e, em 1771, foram transportadas cerca de 340 famílias de Belém para Santana, para trabalhar nas atividades agropecuárias”³². Essa posição é contestada por vários estudiosos; diz-se que os negros vieram não só através dos portugueses, mas também de outros europeus que frequentavam as Guianas, que fazem fronteira com o Estado do Amapá. Para Vicente Salles, em 1749, “já existia no rio Anauerapucu um importante mocambo (quilombo), cujos negros se internaram para o norte quando descobertos pelas expedições de resgate de índios”³³. Diga-se que, em 1788, em Macapá, já existiam cerca de 750 escravos africanos.

Piedade Lino Videira explica que “a presença do africano no Amapá começou no início do século XVII, com negros escravizados e transportados através de várias trilhas de comercialização, tanto do Estado do Pará como da região setentrional da América do Sul, via Caribe”³⁴.

O certo é que, em 1765, já existiam 205 escravos africanos para trabalhar na construção da Fortaleza de São José de Macapá. Com efeito, Rosa Azevedo Marin escreve que se pode, então, tomar como média mensal 339 trabalhadores índios, que constam no mês de dezembro de 1765, e esses operários índios foram agregados aos 205 escravos africanos³⁵.

O Forte de Macapá foi criado pelos portugueses para garantir o território para Portugal e defender essa área da invasão dos estrangeiros.

³⁰ MOURA, 1982, p. 32.

³¹ VIDEIRA, Piedade Lino. *Batuques, Folias e Ladainhas*. Fortaleza: UFC, 2013, p. 134.

³² REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Território do Amapá: Perfil Histórico*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa nacional, 1949, p. 55.

³³ SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, e UFPA, 1971, p. 221.

³⁴ VIDEIRA, 2009, p. 252.

³⁵ MARIN, Rosa Azevedo. *A escrita da História Paraense*. Belém: NAEA-UFPA, 1998, p. 46.

1.2 A história da resistência dos negros no Amapá

A Igreja do período colonial criou uma situação ideológica para justificar o processo de escravização dos negros da África. Os intelectuais da Igreja criaram mecanismo para defender os interesses mercantis da escravidão. A Igreja tinha a seguinte visão:

A escravidão assumiu, na América Latina, uma justificação ideológica nova e paradoxal: civilização e evangelização do africano. Isso, naturalmente, em tratados de intelectuais europeus, brancos e cristãos. O teólogo jesuíta espanhol, Luiz Molina, no fim do século XIV, reproduz essa alegação, pondo na boca dos europeus os interesses do mercado escravista³⁶.

A quantidade de negros na Amazônia não foi tão expressiva como a que ocorreu no restante do Brasil e na América Latina. Os negros começaram a entrar na Amazônia quando começou a construção da Fortaleza de São José de Macapá: “Na construção do forte mais importante da região amazônica, foram mobilizados os escravos indígenas e os negros, também europeus que faziam o trabalho técnico de produção das pedras”.³⁷

Para comemorar a luta de resistência dos negros contra os brancos, foi criada uma festa chamada “Encontro dos Tambores”, que reúne todos os negros do Amapá, durante três ou cinco dias. Nessa festa, são apresentados vários tipos de manifestações culturais e religiosas, desenvolvidas pelos negros do Amapá. Além disso, existe uma área quilombola, próxima da cidade de Macapá, que é a capital onde os negros possuem as atividades específicas da comunidade negra, desenvolvem atividades de turismo, artesanato, atividades agropecuárias da própria comunidade.

Um dos quilombos mais famosos do Amapá é o do Curiaú, onde residem muitos negros que fugiram das obras da construção da Fortaleza de Macapá, cuja construção foi iniciada em 1757, por ordem do Marquês de Pombal.

O Curiaú é um território porque se trata de um espaço construído a partir do estabelecimento das relações sociais, ao longo de condições históricas desse contínuo cultural no espaço geográfico amapaense, e fez-se território de quilombolas.

³⁶ PAGÁN, Luis N. Rivera. *Evangelización y violencia: La conquista de América*. San Juan, Puerto Rico: Cemi, 1992, p. 307.

³⁷ SENA JUNIOR, Francisco Maurício de. *Evaluación de las atividades de minerias en el estado de Amapá*. 2001. 347 fl. Tese de Doutorado. *Universidad Latino-americanas de ciência Y tecnologia*, San José, Costa Rica, 2001, p. 161.

1.2.1 O Marabaixo como resistência à Igreja Católica

Outra manifestação cultural de resistência é a dança de Marabaixo, que é considerada uma religião sincrética das tradições do povo afrodescendente do Amapá.

O festejo do Ciclo do Marabaixo é dividido em duas partes, o lado religioso e o lado lúdico. O primeiro envolve as ladainhas, nove para cada santo, começando com Espírito Santo e Santíssima Trindade, rezadas em latim popular, missas, oferendas e promessas. O segundo é composto de dança, regado a gengibirra, cozido com comida típica, instrumento de percussão sobre os quais falam³⁸.

Esses negros vivem na cidade de Macapá e no quilombo do Curiaú, que está localizado a cerca de cinco quilômetros da capital. Além desses negros, existe na cidade de Mazagão, um município próximo de Macapá, a cerca de 20 quilômetros de distância, uma festa religiosa em homenagem a São Tiago³⁹.

Segundo a história, foi o santo guerreiro que ajudou os portugueses a vencer os mouros em Mazagão, território de Marrocos, na África. Essa tradição foi trazida pelos negros dos Açores que chegaram ao Amapá na época da colonização.

Por causa dessas lutas e dependência econômica, o Marquês de Pombal, ministro de Dom José I, resolveu desativar a Mazagão africana e foi criada a Mazagão do Amapá, para abrigar 136 famílias das 340 famílias portuguesas residentes na África, acompanhados de 103 escravos, os quais se transformaram nos primeiros agricultores do Amapá. Eles vão continuar a representação da luta entre portugueses e muçulmanos em Marrocos e Mauritânia, disputa pela Mazagão africana. Todo mês de julho, ocorre essa batalha em que o santo católico, São Tiago, vence a batalha⁴⁰.

O certo é que existe discordância entre os autores, particularmente sobre o início da entrada dos negros no Amapá. Para Paiva, os negros tiveram sua entrada oficial nesse território:

Oficialmente, o negro começou a ser introduzido no Amapá em 1751, trazido pelos colonos portugueses das Ilhas dos Açores que se estabeleceram em Macapá, os quais os destinavam, dentre outras atividades, à execução de obras de fortificação militar, às construções urbanas e às lavouras de arroz e cana-de-açúcar⁴¹.

Os colonos que vieram de Portugal, trazendo negros para trabalhar na cidade de São José, denominada, posteriormente, de Macapá, iniciaram a produção agrícola nessa área:

Transcorridos trinta e sete dias que governava o Estado instalado em Belém, Mendonça Furtado dava início ao transporte para Macapá, antigo aldeamento de 86

³⁸ VIDEIRA, 2009, p. 101.

³⁹ SANTOS, Fernando Rodrigues dos. *História do Amapá*. 7 ed. Amapá: Grafimorte, 2006. p 23.

⁴⁰ MORAIS, Paulo Dias; MORAIS, Jurandir Dias; ROSARIO, Ivoneide Santos. *História do Amapá*. Macapá: JM, 2006, p. 38.

⁴¹ PAIVA, Maurício de; VIDEIRA, Piedade Lino. *Rufar dos Tambores: Imagens e encontros afroamapaenses*. Amapá: Caixa Preta Studio Gráfico. 2014, p. 5.

casais de colonos que, com os parentes e agregados, totalizavam 486 imigrantes procedentes do Arquipélago dos Açores⁴².

Portugal sempre quis transformar a Amazônia em um grande celeiro de produção para a metrópole europeia, porém as questões ambientais e sociais impediram esse projeto dos portugueses. A vinda de colonos da Ilha de Açores foi uma ideia que tinha por objetivo criar grandes fazendas de produção agrícola no Estado.

1.2.2 A chegada dos padres italianos – 1940

Os negros ficaram contra os padres católicos italianos, que proibiram manifestações em favor dos negros pela Igreja Católica de Macapá. Maciel e Piedade, em suas dissertações de mestrado, dizem que, na década de 1940, chegaram ao Amapá os padres italianos do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME), que imediatamente proibiram a realização do Marabaixo nas Igrejas de Macapá.⁴³ A festa do Marabaixo é uma festa popular que tem raízes da cultura religiosa africana. Os padres se recusaram a rezar as missas populares, e os negros foram proibidos de entrar na Igreja. Porém, a festa foi realizada na frente da Igreja São José. Esse conflito gerou uma contenda por vários anos e chegou a ser resolvido apenas em 1950. A visão dos padres era a de que o Marabaixo seria uma espécie de macumba ou magia negra e, por isso, deveria ser combatido no Amapá pelos padres da Igreja.

1.2.3 O movimento dos negros do Amapá, criado em 1987

Criado na década de 1990, como entidade não governamental, foi um mecanismo para fazer frente à discriminação e ao racismo que aconteciam no Estado do Amapá. Segundo Alexsara Maciel, a senhora Raimunda Ramos, a presidente, ocupou a casa da Cultura da Prefeitura de Macapá, e uma das primeiras decisões foi chamar atenção das autoridades. Reestruturou a Semana Amapaense da Consciência Negra, que acontece desde 1988, no mês de novembro⁴⁴. A Semana da Consciência foi movimento político que trouxe viabilidade às questões dos negros no Amapá. A UNA teve um papel fundamental como articulador das políticas de valorização da cultura negra.

Dentro desse movimento surgiram várias lideranças políticas que chegaram ao cargo de vereador, como foi o caso do primeiro presidente da instituição. Depois começaram a

⁴² SANTOS, Fernando Rodrigues dos. *História da Conquista do Amapá*. Fortaleza: Premius, 2013, p. 161.

⁴³ MACIEL, 2001, p. 30.

⁴⁴ MACIEL, 2001, p. 71.

surgir outras lideranças, como a atual Deputada Cristina Almeida, que já foi Vereadora e hoje é Deputada, defendendo as causas dos negros no Parlamento e viabilizando as bandeiras e propostas da UNA e do Instituto das Mulheres Negras do Amapá, o IMENA.

1.2.4 O IMENA, criado em 2010, como instrumento de luta das mulheres negras.

O movimento das mulheres negras iniciou quando elas resolveram criar o IMENA, Instituto das Mulheres Negras do Amapá, com objetivo de lutar pelos direitos desse segmento da sociedade.

Foi na ramificação do movimento negro feminino no país, que nasceu (a partir de 1986) em um estado localizado no extremo norte do Brasil, a União dos Negros do Amapá - UNA que prestigiou alguns anos depois (em 2000), o nascimento do Instituto das Mulheres Negras Amapaenses (IMENA), abrindo o tão desejado caminho na busca pelo reconhecimento da identidade da mulher negra no Estado⁴⁵.

Essa instituição surgiu durante o lançamento do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Amapá, no qual se discutiam as problemáticas das mulheres no Estado. Segundo Silva et al, foi também em função das “Bases do Desenvolvimento Sustentável” que surgiu o IMENA, cuja discussão envolvia as mais variadas temáticas a respeito da mulher negra na sociedade, bem como os obstáculos e perspectivas dessas mulheres no mundo contemporâneo.⁴⁶ Foi desse instituto, com incentivos governamentais, que nasceram vários projetos e programas de apoio à cultura, identificação e valorização do povo afro-amapaense no Estado do Amapá.

Com a criação dessas entidades negras femininas, muitas questões e reivindicações tomaram corpo entre o movimento e expandiram-se para outros setores sociais, tanto em nível nacional como local, com assuntos ligados à educação, saúde, aos direitos reprodutivos, à exploração sexual e discriminação no mercado de trabalho, que assumiram tanto dimensão nacional quanto internacional, saindo assim do anonimato.

Desde aquele momento, a mulher negra busca seu espaço, luta contra o preconceito e a discriminação de gênero e de raça e, apesar de tudo, tem conseguido vencer um a um esses obstáculos de forma gradativa e processual.

Portanto, o IMENA nasceu com a finalidade de somar-se às pessoas e organizações que lutam contra o sexismo, o racismo, a injustiça e todas as formas de discriminação e

⁴⁵ SILVA, Jeane Lúcia do Carmo da; LAMEIRA, Maria de Fátima Tavares; SILVA, Maria Célia Borges da; ALMEIDA, Maria Raimunda. *Identidade da Mulher Negra na História de Macapá* (1995-2002). TCC, Unifap. Macapá, 2007, p. 37.

⁴⁶ SILVA et al, 2007, p. 41.

preconceitos⁴⁷. Por ser uma organização política de mulheres negras, sem fins lucrativos, sem vinculação religiosa, uma das metas a serem alcançadas por essa organização não governamental de assistência social é justamente fomentar, entre os integrantes do Movimento Negro no Estado do Amapá, as bases das características da identidade e da cultura negra, e fortalecer as raízes passadas pelos ancestrais africanos de seus descendentes.

O objetivo principal do IMENA, junto com o Centro de Cultura Negra e a União dos Negros do Amapá, “é promover a solidariedade e igualdade entre os homens e mulheres, sem distinção de cor, idade, raça, etnia, classe social, orientação sexual, religião, ascendência, origem nacional ou regional, estado civil, estado de saúde, filiação, deficiência física ou condição de egresso”⁴⁸. É importante lembrar que o IMENA está articulado ao Movimento Negro do Amapá e, em conjunto com a Pastoral dos Afrodescendentes, apresenta propostas conjuntas para serem realizadas no espaço do legislativo e executivo.

1.2.5 As mulheres negras no trabalho das repartições públicas do Território

A história de inserção da mulher negra do Amapá no trabalho começa com o primeiro Governador do ex-Território do Amapá, Janary Nunes, que aproveitou algumas mulheres para trabalhar como copeiras e em serviços gerais da estrutura do Governo Territorial. Isso segundo Raimunda Ramos (entrevistada E), que foi copeira nas repartições públicas, onde iniciou o seu trabalho de funcionária pública. (Muitas das mulheres trabalhavam na olaria do Governo para fabricar telhas e tijolos)⁴⁹.

1.2.6 Os negros na organização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Amapá em 1981

No meio rural, as mulheres negras trabalhavam na Agricultura e na Pecuária dos vários municípios que existiam no Território Federal do Amapá. Furtado diz que, na organização do Sindicato dos trabalhadores rurais de Macapá, existiam muitos negros e negras que participaram da organização dessa instituição em 1981⁵⁰. Os negros tiveram uma participação decisiva, pois o primeiro presidente do Sindicato Rural do Amapá era negro.

⁴⁷ SILVA et al, 2007, p. 43.

⁴⁸ SILVA et al, 2007, p. 44.

⁴⁹ CORRÊA, Eugênio Furtado; BATISTA, Manuel; SENA JÚNIOR, Francisco Mauricio. *Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Macapá: Da luta a sua fundação*. Amapá: Monografia, UFPA, 1986, p. 11.

⁵⁰ CORRÊA; BATISTA; SENA JÚNIOR. 1986, p. 12.

1.2.7 Relação do IMENA com a UNA

Existe uma articulação com a criação de um espaço coletivo para discutir e viabilizar propostas conjuntas em favor dos negros e das negras no Amapá. Tanto o IMENA quanto a UNA fazem levantamentos das demandas dos negros e das negras e encaminham para as lideranças políticas negras, para serem defendidas no parlamento e solicitadas aos executivos. No caso do IMENA, que tem a deputada negra Cristina Almeida, ligada a essa instituição, há, por isso, mais facilidade do trabalho de reivindicações das mulheres negras. O certo é que as duas instituições são articuladoras de propostas de políticas públicas para o parlamento e para o Executivo no Amapá.

1.2.8 A Relação da UNA com os governos hoje

Nas eleições de 2014, foi eleito o Governador Waldez Góes, que goza da simpatia das religiões afro-amapaenses, já que, em governo passado, ajudou nas atividades religiosas e criou a primeira Secretaria dos Afrodescendentes do Amapá. A Secretaria foi coordenadora das mulheres negras quilombolas do Amapá, cujo órgão funciona na UNA.

1.2.9 A estrutura financeira e orçamentária⁵¹ configura-se na instituição

- a) dos serviços voluntários: não há empregados permanentes na instituição, e somente ocorrem despesas com a remuneração de pessoal autônomo, quando prevista no orçamentário de algum projeto de financiamento aprovado;
- b) de aluguéis de salas existentes na sede própria: as instalações necessárias para a realização de atividades ocupam parte da estrutura arquitetônica, porém, algumas salas que ficam vazias são alugadas para instituições que participam do movimento negro, como, por exemplo, a do movimento dos quilombolas;
- c) da capitação financeira junto ao Governo do Estado e às prefeituras para cobrir os projetos culturais e religiosos específicos das festas religiosas e culturais do calendário do Estado. Um exemplo é a edição do Projeto Marabaixo, que se inicia a partir do abrir de cada chamado “Ciclo do Marabaixo”, quando as instituições governamentais se pronunciam em ajudar e financiar os festejos dos santos dessa festa religiosa. Outro exemplo é o Projeto “Rufar dos Tambores”, que geralmente

⁵¹ Conf. ANEXO R.

ocorre com o financiamento da Prefeitura de Macapá e do Governo do Estado do Amapá;

- d) projetos autofinanciados. Um exemplo, o projeto de ensino de capoeira, em que cada aluno paga a sua mensalidade para participar da aprendizagem dessa modalidade de esporte;
- e) projeto da “Semana da Consciência Negra”, que geralmente é realizado todo dia 20 de novembro de cada ano e tem, como apoiador financeiro, o Governo do Estado do Amapá;
- f) em 2012, o Governo do Estado repassou para a instituição, a fim de realizar a Semana da Consciência Negra, cerca de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais). Em 2013, foram repassados R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais). Em 2014, o Governo do Estado repassou R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais);
- g) a nova secretária da Secretaria Extraordinária dos Afrodescendentes é antiga Coordenadora das Mulheres Quilombolas;
- h) em razão de corrupção, aconteceu uma intervenção na coordenação geral, de onde foi retirado o Presidente e colocada uma comissão de reorganização da UNA.

Diante desses números, percebe-se que a atuação da UNA parece ser eficiente, cotejando-se, nas atividades desenvolvidas, a necessidade da ética democrática para enfrentar, combater e reduzir o racismo, o alto custo das atividades educacionais e o relativo movimento financeiro da UNA.

O certo é que a instituição depende politicamente da simpatia dos governadores e prefeitos para realizar suas atividades no Estado. Nos últimos dez anos, assumiram alguns prefeitos e governadores democráticos populares que têm colaborado para o desenvolvimento das atividades do centro. É possível que esse apoio financeiro e político possam influenciar o crescimento dos afroreligiosos.

O financiamento das atividades desenvolvidas pela UNA vem dos Governos Federal, Estadual e de Prefeituras. No caso das mulheres quilombolas, o financiamento das atividades culturais vem de serviços, de teatro, de shows e do Governo Federal.

Conseguir uma parceria com o Governo do Estado e com a Prefeitura depende da política de cada prefeito e governador. Essas informações foram dadas por um funcionário da instituição.⁵² Hoje, a instituição está com uma dívida de energia elétrica que veio da administração passada. Essas informações foram dadas em entrevista realizada em 2014.

⁵² Conf. ANEXO R.

1.2.10 A história das mulheres negras no Amapá

Durante os governos democráticos populares, no período de 1994 a 2002, foram desenvolvidas várias políticas de valorização das mulheres negras no Amapá.

Foi também sobre as bases do Desenvolvimento Sustentável que surgiu o Instituto de Mulheres Negras do Amapá, o IMENA, cuja discussão envolvia as mais variadas temáticas a respeito da mulher negra na sociedade, bem como os obstáculos e perspectivas dessas mulheres no mundo contemporâneo⁵³.

E desse instituto, com incentivos governamentais, nasceram vários projetos e programas de apoio à cultura, identificação e valorização do povo afrodescendente amapaense. Desde então, a mulher negra busca seu espaço, luta contra o preconceito e a discriminação de gênero e de raça e, apesar de tudo, tem conseguido vencer um a um esses obstáculos de forma gradativa e processual.

1.2.11 A criação do Instituto de Mulheres Negras do Amapá em 2000

Situado na capital do Estado, Macapá, o IMENA nasceu com a finalidade de somar-se às pessoas e organizações que lutam contra o sexismo, o racismo, a injustiça e todas as formas de discriminação e preconceito. O projeto visa ainda colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária, onde todas e todos possam viver com dignidade e prazer. Por ser uma organização política para as mulheres negras, sem fins lucrativos e sem vinculações religiosas, uma das metas a serem alcançadas por essa organização não governamental de assistência social é justamente fomentar, entre os integrantes do movimento negro no estado, as bases características da identidade e cultura negra, fortalecendo as raízes passadas pelos ancestrais africanos, os seus descendentes.

O objetivo precípua do IMENA, juntamente com o Centro de Cultura Negra e a União dos Negros do Amapá, é promover a solidariedade e igualdade entre homens e mulheres, sem distinção de raça, etnia, cor, idade, classe social, orientação sexual, religião, ascendência, origem nacional ou regional, estado civil, estado de saúde, filiação, deficiência física ou condição de egresso⁵⁴.

Portanto, assim como acontece em muitas regiões e localidades do Brasil, no Amapá, especialmente em Macapá, o movimento negro, particularmente da mulher negra, vem conquistando seu espaço e, com ele, adquire o status sociocultural de que tanto precisa para a construção de sua identidade.

⁵³ SILVA, et al. 2007, p. 42.

⁵⁴ SILVA, et al. 2007, p. 43.

1.3 Tipo de pesquisa

As pesquisas de revisão bibliográfica e pesquisa de campo foram realizadas com aplicação de questionário, entrevistas e observações participantes. Para que a pesquisa se desenvolvesse da melhor forma possível, tornou-se necessário adotar estratégias metodológicas que orientassem “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”⁵⁵.

A pesquisa é:

[...] a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões de investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos⁵⁶.

Assim, para a realização dessa investigação, optou-se por trabalhar, sobretudo, com a pesquisa qualitativa, devido ao fato de ela apreender melhor a multiplicidade dos sentidos, presente no campo educacional. Além disso, esse tipo de pesquisa ajuda na compreensão de mundo dos sujeitos e entende os fenômenos, segundo as perspectivas dos participantes, colaborando para situar a interpretação dos fenômenos estudados.

O objetivo de um estudo qualitativo é o de “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, reduzindo a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação”⁵⁷. Para que isso ocorra, o pesquisador precisa visualizar o contexto, inserindo-se nele.

[...] Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser mais bem compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem.⁵⁸

No âmbito da pesquisa qualitativa, optou-se pela realização da Pesquisa Bibliográfica, que “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas

⁵⁵ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciências, técnica e arte: o deságio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. Ed. 15. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 16.

⁵⁶ MINAYO, 2000, p. 17-18.

⁵⁷ NEVES, J. L. *Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades*. São Paulo: Cadernos de Pesquisas em Administração, v. 1, n. 3, 2º sem./1996, p. 1.

⁵⁸ BOGDAN, Robert. In: BIKLEN, Sári. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto, 1994, p. 48.

em documentos”⁵⁹. Esse instrumento proporcionou uma consistência teórica a este trabalho e, depois, à pesquisa de campo que envolveu estudos de opinião sobre aspectos da realidade.

Pesquisa de campo é uma pesquisa que busca conhecer aspectos importantes do comportamento humano em sociedade. Trata-se de uma abordagem característica das Ciências Humanas e Sociais, ou por quaisquer outras que busquem a integração com a comunidade e, para sua valorização, são utilizados questionários, entrevistas, protocolos verbais, observações, etc. Depois de aplicados os instrumentos de coleta dos dados, e coletadas as informações, faz-se a tabulação dos dados para formular conclusões. A vantagem desse tipo de pesquisa é que traz elementos sempre atuais e novidades, o que dá ao trabalho um referencial social e humano do contexto pesquisado. A pesquisa de campo tem como objetivo imediato analisar, catalogar, classificar, explicar e interpretar os fenômenos que foram observados e os dados que foram levantados⁶⁰.

Para o levantamento dos dados da pesquisa de Campo foi usado questionário.

Questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja. Todo questionário deve ter natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra; possui a vantagem dos respondentes sentirem-se mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais; deve, ainda, ser limitado em sua extensão e finalidade; é necessário que se estabeleçam, como critério, quais as questões mais importantes a serem propostas e as que interessam ser conhecidas, de acordo com os objetivos, e devem ser propostas perguntas que conduzam facilmente às respostas, de forma a não insinuarem outras colocações⁶¹.

Do ponto de vista prático-metodológico, foram feitas as seguintes etapas:

a) literatura: usou-se a literatura de caráter primário com fontes originais, atas, estatutos e registros no cartório. De igual forma foram usados materiais inéditos do seio da União dos Negros do Amapá. Também foram usadas fontes secundárias de reconhecidos pesquisadores amapaenses. Calcula-se que se dispõe de uma quantidade substancial de fontes bibliográficas. Esse é um dos primeiros passos que seguimos para desenvolver a dissertação;

b) entrevistas: é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto⁶². Realizaram-se várias entrevistas com pessoas importantes que participaram da história de criação do Movimento Negro do Amapá e do desenvolvimento das religiões afro-amapaenses. Essas entrevistas foram realizadas com pessoas que fundaram a instituição: presidentes, secretários, diretores, líderes, sacerdotes das religiões afro, bispo e padres da religião católica no Amapá. O processo de análise das entrevistas seguiram os seguintes passos: primeiro, foram feitas as gravações com áudio, que

⁵⁹ CERVO, Amado Luiz. In: BERVIAN, Pedro Alcino: *Metodologia Científica*. 4ª Ed. São Paulo: Makron Books, 1996, p. 48.

⁶⁰ FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas e Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e Formatação*. Explicação das Normas da ABNT. Porto Alegre: [s. n.], 2005, p. 35.

⁶¹ CERVO e BERVIAN, 1996, p. 138.

⁶² RAMPAZZO, Lino. *Metodologia científica*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 119.

depois foram transcritas no papel e, posteriormente, foram apresentadas aos entrevistados para que estes concordassem com o conteúdo;

c) questionários: desenvolveu-se um questionário com os jovens da Escola Estadual Azevedo Costa, que está localizada ao lado da UNA, no bairro negro chamado Laguinho. Foram entregues 132 questionários para os jovens e adultos dos três turnos, atendendo ao índice técnico internacional de amostra, o qual é de 10% da população, o que representou cerca de 1320 alunos do Ensino Médio⁶³. Foi pedida a autorização à diretora da escola, aonde o pesquisador foi pessoalmente nos três turnos. Os questionários foram entregues para os estudantes responderem na hora, dando tempo para suas respostas e, logo a seguir, o pesquisador recolhia as respostas;

d) observação participante: nesse caso, levar-se-ão em conta as observações e experiências do pesquisador, que expressamente foram feitas com o fim de enriquecer os resultados do estudo e para tratar de captar os aspectos que não estiveram presentes nos pontos anteriores. Para isso, o estudo do santuário da UNA contou com conversações informais com pessoas envolvidas no processo histórico da entidade.

1.3.1 População para o questionário

A população estudantil, confirmada pela diretora da Escola Estadual Azevedo Costa, foi de 1320 alunos do Ensino Médio, matriculados nos três turnos. Para o questionário, foram escolhidos 10% de cada turno da escola, perfazendo um total de 132 questionários.

1.3.2 Amostra

a) Tamanho da amostra

O presente estudo se utilizou de uma amostra aleatória estratificada, a qual se pode definir como a separação dos elementos da população em grupos, chamados estratos (jovens e adultos), e da seleção posterior de uma amostra aleatória simples de cada estrato. Assim, para se obter o tamanho da amostra, foi utilizada a seguinte fórmula:

Depois de aplicar uma pré-amostra com 30 questionários, conseguimos as médias e proporções com 12 pessoas no estrato de jovens, com uma média de 24 anos, e 18 adultos, estes, tendo, em média, 38 anos. Com base na população da Escola Azevedo Costa, 1320 estudantes, calculamos o nível de erro com 20% do valor da média ponderada, o qual foi de

⁶³ Conf. ANEXO O.

29. Foram aplicados 44 questionários em cada turno da escola (manhã, tarde e noite), o que ocasionou a aplicação de 132 questionários.

Diga-se, ainda, que as normas internacionais recomendam uma pesquisa envolvendo amostragem de pelo menos 10% da população, para que se tenha uma amostra representativa.

1.4 Resultados

A pesquisa aponta uma participação positiva da UNA e do IMENA na articulação que valoriza os negros nesse Estado. Basta observar as leis que foram aprovadas na área da educação, da cultura, da religião e dos direitos dos negros do Amapá.

Também verificamos que os negros, ao elegerem seus representantes, facilitam a aprovação de leis e projetos de leis que valorizam os negros e as negras; objetiva criar condições de igualdade com os brancos. As questões específicas das mulheres são reivindicadas pelo IMENA, que possui escritórios em todos os municípios do Estado do Amapá.

As eleições de governadores democráticos populares proporcionam maior sensibilidade com as causas dos negros amapaenses e contribuem para a aprovação de leis pelo Executivo, garante maior espaço político para as suas reivindicações, como as leis que valorizam as religiões e as festas religiosas dos negros. Além disso, um maior número de mulheres negras em curso superior no estado tem contribuído para maior democratização do Ensino Superior e garante o acesso da mulher à mobilização social.

1.5 Discussão

As evidências quanto à existência de um diálogo religioso da Igreja Católica do Amapá com as religiões afroamapaenses são mínimas. Existe a disposição de um sacerdote católico, entrevistado B, que inicia esse processo de aproximação, porém o bispo do Amapá não confirma que esse padre tenha a representação da instituição Igreja Católica. Existe uma disposição das religiões afro-amapaenses de se aproximar da Igreja Católica, porém, é um canal aberto que depende da disposição do outro lado. Mesmo no Marabaixo, onde os praticantes dizem ser católicos, o bispo não o aceita como religião, e sim como uma manifestação folclórica. O crescimento das religiões afro-amapaenses é confirmado pelos dados do IBGE e pelos relatos da Presidente da Federação da Umbanda do Amapá. A

sacerdotisa entrevistada D declarou que houve um crescimento, tanto em número de pais de santo quanto de simpatizantes e clientes da Umbanda.

Também os representantes do Candomblé afirmam que existe um grande crescimento dessa modalidade de religião no Amapá, o que também é confirmado pelos dados do IBGE. Ao avaliar os filhos e filhas de santo da Umbanda e do Candomblé, observamos um pequeno crescimento na Umbanda e grande crescimento no Candomblé no Estado.

Sobre a questão de a UNA ser considerada um lugar religioso, um lugar sagrado, os questionários passados na Escola Estadual Azevedo Costa, do bairro do Laguinho, que é o bairro negro da cidade de Macapá, aos alunos com idade superior a 16 anos, confirmaram que a UNA é um lugar religioso. As lideranças das religiões afro-amapaenses, também confirmaram essa posição de lugar sagrado, inclusive segundo o bispo católico nas entrevistas. Também as fotografias das onze casinhas dos Orixás, nas quais existem materiais sagrados, comprovam que se trata de um local sagrado. O pai Salvino do Candomblé faz sacrifícios todos os anos nessas casinhas. Outros espaços são utilizados pelos sacerdotes da Umbanda e são espaços criados ao ar livre, para as rodas de festas que, no dia 20 de novembro, são preparadas pelos sacerdotes da Umbanda para as festas e rodas dos caboclos.

A política de educação afirmativa elaborada e planejada pelas autoridades locais, junto com o movimento dos homens e mulheres negras, tem propiciado leis para o acesso do negro e da negra à educação superior, como informa o IBGE, fazendo uma comparação entre os censos de 2000 e 2010, o que colabora para diminuir as desigualdades sociais entre as etnias. Há um processo de mudanças ocorridas com as políticas afirmativas conquistadas pelo movimento negro durante o governo Lula e Dilma e, aqui no Amapá, não é diferente, pois o governo local tem desenvolvido políticas de inclusão de todas as minorias, inclusive dos negros, que foram fortalecidos com a criação da Secretaria Especial dos Afrodescendentes do Amapá.

1.6 Hipóteses

Na primeira hipótese, as fotos e os dados confirmam a existência de um espaço religioso que está localizado na União dos Negros do Amapá, principalmente para a população das religiões afro. Tanto os questionários como os relatos das entrevistas confirmam essa posição. Nesse caso, aceitamos a hipótese.

Quanto à segunda hipótese, sobre a diminuição e participação dos jovens negros nas religiões e manifestação culturais, as evidências negam essa hipótese. Nas manifestações

religiosas e no Marabaixo, observamos, *in loco*, a participação muito pequena de jovens e crianças negras. É preciso fazer um estudo mais detalhado para confirmar a diminuição dos jovens e das crianças nas atividades dos terreiros e nos barracões do Marabaixo. Os dados de campo, segundo as informações do IBGE, confirmam aumento dos religiosos no Estado do Amapá. Não aceitamos essa hipótese.

Na terceira hipótese, quanto às políticas afirmativas, foram aprovadas várias leis estaduais e federais que fortalecem e abrem oportunidade para os negros, tanto na área da educação quanto na área do emprego, conforme relatos, questionários e legislações citadas. Nesse caso, aceitamos a hipótese.

1.7 Síntese

A UNA, além de ser um articulador das políticas públicas em favor dos negros, também serve de espaço para as manifestações religiosas. Durante a Semana da Consciência Negra, são desenvolvidos cultos das religiões afro nos quais, em conjunto com alguns padres católicos, fazem-se diversas cerimônias, além das apresentações de danças africanas, como o Marabaixo, que é uma manifestação religiosa sincrética, possui elementos católicos e africanos. Geralmente, são muitos grupos de Marabaixo, pois, para cada quilombo, existe um grupo de Marabaixo. Muitas vezes, a UNA trabalha, em conjunto com o IMENA, na apresentação de propostas em favor dos negros e nas questões de legalização dos quilombos.

A estrutura física da UNA apresenta espaços específicos para religiões.

Também, neste capítulo, a história do negro e da negra do Amapá é reconstituída com base nas fontes históricas e nos relatos dos entrevistados.

2 A UNIÃO DOS NEGROS DO AMAPÁ COMO ESPAÇO RELIGIOSO

Os símbolos representam épocas e períodos distintos da humanidade, nos diferentes modos de ser e viver do ser humano. Há certos símbolos que permanecem por longos tempos, como é o caso das bandeiras, mas estas podem ser substituídas em um país, se houver mudanças drásticas de regime político, ou daqueles elementos que passam a simbolizar especificamente uma época, como é o caso da Arquitetura. Sem dúvida, são os símbolos que mais expressam as particularidades e diferenças existentes entre os povos, em todos os sentidos, especialmente na língua, com sua simbologia mais marcante, por meio de como ela é grafada. Catedrais, bandeiras, flores, modos de vestir, comidas, palácios, igrejas e suas arquiteturas são formas simbólicas de representações culturais e religiosas dos países, cidades, enfim, de povos. No caso dos negros do Amapá, a UNA é um espaço social e religioso que representa um território africano onde estão os seus deuses ancestrais, que garantem proteção para toda a comunidade negra. Segundo diz Roger Bastide,

E até mesmo, num dos casos, essa lança de orixá toma o aspecto da “Árvore da Vida”, semelhante estudada por René Guenon, com o tronco central que faz comunicar o mundo da criação com o mundo sobrenatural, tendo, no alto e embaixo, ramos divergentes que simbolizam a ideias de que as manifestações de baixo não são mais do que o reflexo das manifestações do alto.⁶⁴

Todos os objetos que estão dentro das áreas construídas para os Orixás e das áreas adjacentes bem como todo o quarteirão da UNA são considerados sagrados, pois o físico representa o sobrenatural na visão dos homens religiosos do Candomblé.

2.1 A dimensão simbólica da religiosidade

Pode-se dizer que uma pessoa tenha religiosidade sem, no entanto, adotar como prática uma religião em especial. “Então, a religiosidade pode se manifestar de várias maneiras e isso significa um modo de transcendência; é uma característica bastante comum do ser humano e se processa por meio de diferentes modos”⁶⁵. A dimensão simbólica da religiosidade, certamente, encontra, nas práticas religiosas, vinculadas à religião, o seu sentido estruturante, e elas, com os símbolos, dão uma espécie de legitimidade, visto que estão socialmente reconhecidos. Com seu espaço legalmente registrado e com uma associação civil que luta pelo seu direito de ter garantida sua religião, a União dos Negros passa a ser um

⁶⁴ BASTIDE, 2001, p. 88.

⁶⁵ CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. *Cultura Brasileira e Religiosidade*. Curitiba: Ibpex, 2008, p. 97.

referencial de conquista, reproduzindo a religiosidade de acordo com as suas tradições. Para Maciel,

O terceiro segmento expresso no partido arquitetônico é o espaço afrorreligioso: um terreiro multirreligioso, concebido para abrigar cultos de Umbanda, Pajelança, Candomblé, Tambor de Mina e todos os demais cultos afro-ameríndios. Além do salão de cerimônias públicas, esse espaço possui as “casas de santo” que abrigam, individualmente, cada Orixá: Exu, Ogum, Ossain, Oxóssi, Omulu, Iroko, Oxumaré, Xangô, Obá, Ewa, Oyé, Oxum, Iemanjá, Nana, Ibeji e Oxalá; e uma espécie de canteiro para cultivo de ervas usado nos cultos religiosos⁶⁶.

A presença dos Orixás garante a proteção divina da UNA e, perto deles, estão os deuses para ajudar na luta pelos seus direitos.

2.1.1 Os símbolos para as tradições religiosas na UNA

Símbolo é um termo de origem grega, que era usado como sinal de identificação e reconhecimento, facilitar o encontro e a comunicação entre as pessoas. Para Chauí, a religião não sacraliza apenas o espaço e o tempo, mas também seres e objetos do mundo, que se tornam símbolos de algum fato religioso⁶⁷. Nas religiões, o símbolo, além dessas funções, funciona como uma chave que abre portas para facilitar o processo de aprendizagem e, conseqüentemente, da humanização. O simbolismo religioso é uma apresentação ritual da crença, posto que sintetize, no ritual religioso, uma explicação da realidade e as regras que irão normatizar o comportamento das pessoas no grupo⁶⁸.

O símbolo diferencia-se substancialmente do signo por ser, este último, uma convenção arbitrária, que deixa o objeto alheio ao sujeito. Por exemplo, se fala da roda como um símbolo solar, ou como cosmogônico, ou como símbolo da totalidade indiferenciada; da serpente como símbolo atômico, sexual e funeral.⁶⁹ Para os religiosos da UNA, a casa (pedaço do espaço) representa um símbolo de suas tradições. Além da existência das imagens, como símbolos das religiões afro-amapaenses. O espaço da UNA é sagrado, é um símbolo das tradições religiosas dos antepassados e de luta pelo direito à religião, como relata Maciel:

As religiões tradicionais africanas, como tambor de Mina e o Candomblé, só chegam ao Estado na década de 1980, com o crescimento do fluxo migratório para o Amapá. E sendo o catolicismo a religião dominante, há um preconceito muito grande em

⁶⁶ MACIEL, 2001, p. 89.

⁶⁷ CHAUI, Marilena. *Convite a Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995, p. 300.

⁶⁸ ALVES, Luiz Alberto Souza. *Cultura religiosa: caminho para a construção do conhecimento*. Curitiba: Ibpex, 2009, p. 155.

⁶⁹ ELIADE, Mircea e KITAGAWA, Joseph. *Metodologia de la História de las religiones*. Barcelona: Paidós, 1986, p. 126.

relação aos cultos afro-brasileiros. Esse preconceito talvez tenha feito com que a primeira utilização do espaço afroreligioso só ocorresse dois anos depois da inauguração do Centro de Cultura Negra do Amapá⁷⁰.

O símbolo é pleno de realidades concretas, esvaziando-se o símbolo pela abstração, temos, como resultado, o signo. Alves afirma que algumas fórmulas dogmáticas de certas tradições religiosas são chamadas de símbolo da fé, que, na realidade, são signos de reconhecimento entre os fiéis e a expressão das verdades de sua fé⁷¹. Essas verdades são de ordem transcendente, e as palavras são impregnadas, na maior parte das vezes, num sentido analógico. E essa profissão de fé, porém, não são símbolos de modo algum, a menos que se esvaziassem os enunciados dogmáticos de toda significação própria e os reduzissem a mito⁷². O mito religioso pode ser usado como forma de resistência.

Para José Maria Mardones, pode-se dizer que o símbolo religioso é uma forma de experiência da realidade, a de ver os objetos da realidade como uma hierofania. Uma experiência-limite proposta pela fenomenologia religiosa⁷³. A religião tem a missão de clarear o obscuro, de responder a algumas das perguntas que o homem sempre se fez durante a sua existência. Para Mircea Eliade, a religião é o desesperado esforço para descobrir o funcionamento das coisas, a realidade última⁷⁴.

Para o negro afro-amapaense, em toda a sua prática do cotidiano, está presente sua religiosidade, que se manifesta em um altar que existe em cada casa de um afroreligioso. Antes de sair para o seu trabalho, acende uma vela para o seu Orixá ou o seu caboclo. Nesse sentido, Piedade Lino Videira diz que: “Por isso, em boa parte das casas, existem oratórios ou imagens sagradas, os quais são tradições herdadas de seus parentes e retransmitidos a seus descendentes”⁷⁵.

2.1.2 A experiência religiosa na União dos Negros do Amapá

Na abordagem da fenomenologia, o estudo da religião busca analisar os fenômenos como uma prática humana que respondem às necessidades reais do homem, como referenciais

⁷⁰ MACIEL, 2001, p. 91.

⁷¹ ALVES, 2009, p. 156.

⁷² Relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, instituição, costume social, representação de fatos e/ou personagens históricos, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas.

⁷³ MARDONES, Jose Maria. *A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 88.

⁷⁴ ELIADE, Mircea. *Observaciones metodológicas sobre el estudio del simbolismo religioso*. Madrid: Taurus, 1995 (3ª impressão, 1983).

⁷⁵ VIDEIRA, 2009, p. 92.

para seu comportamento no cotidiano. Para Mircea Eliade, “A experiência religiosa torna-se mais concreta, quer dizer, mais intimamente misturada à vida”⁷⁶. Então, esse homem procura imitar os deuses, pois o seu desejo é viver no sagrado. Mircea Eliade diz que: “O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver no mundo real e eficiente, e não numa ilusão”⁷⁷.

A experiência religiosa faz parte da existência humana e é vista como uma forma de explicar a realidade de forma concreta e real. Nesse caso, a plenitude da vida está na explicação do sagrado.

Para o pesquisador, a experiência religiosa é uma atividade concreta do fenômeno religioso e que pode ser estudada através dos comportamentos humanos dentro de uma determinada religião ou religiões. O comportamento dos negros, das religiões, é conhecido pela população em razão de certas práticas. Geralmente, usa-se no pescoço um colar de contas e, às vezes, com roupas brancas, que são indicadas pelo seu Orixá. Os seus santuários são frequentados por outras pessoas que necessitam dos favores dos deuses. Em cada bairro das cidades, há terreiros de Umbanda e Candomblé, conhecidos por todos os afroreligiosos. Para Videira, “Os tambores africanos são vivos e servem para chamar os espíritos dos antepassados; a propagação do som é capaz de ultrapassar os limites geográficos e pode ser ouvida nos bairros circunvizinhos do bairro do Laguinho, localizado hoje no centro da cidade”⁷⁸. Os terreiros são uma realidade amapaense espalhada nos vários bairros onde estão presentes os santos e os orixás.

2.1.3 O sagrado para o homem religioso da UNA

O sagrado é uma expressão do lado irracional humano, que se manifestou por meio do homem religioso, tanto nas sociedades primitivas quanto antigas, mas que hoje se reveste de novos significados, fazendo parte da vida humana dos religiosos. Mircea Eliade diz que o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais e que, além disso, se opõe ao profano⁷⁹.

A UNA, como articulador das atividades religiosas e das lutas dos direitos dos negros, transforma esse potencial místico em poder político de mudança social para os negros

⁷⁶ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 106.

⁷⁷ ELIADE, 2001, p. 32.

⁷⁸ VIDEIRA, 2009, p.100.

⁷⁹ ELIADE, 2001, p.16.

afrorreligiosos. Em cada bairro de Macapá, existem representantes das religiões das tradições africanas. Como diz Videira:

A comunidade do Bairro do Laginho é também uma comunidade Católica, muito embora participante da religiosidade afro-brasileira, com a Umbanda e o Candomblé cultuando vários santos. Por isso, em boa parte das casas, existem oratórios e/ ou imagens sagradas, os quais são tradições herdadas de seus parentes e retransmitidas a seus descendentes⁸⁰.

Quando se observa a existência de casas do sagrado, como os terreiros de Candomblé ou uma Igreja existente nas cidades, vilas e ruas, percebemos a importância do sagrado para as pessoas religiosas. Quando entramos no mundo sagrado, descobrimos que uma transformação se processou: agora a linguagem se refere às coisas invisíveis, coisas para além de nossos sentidos comuns, as quais, segundo a explicação, só a fé pode contemplar.⁸¹ O sagrado dá segurança e sentido às suas vidas. Os afrorreligiosos amapaenses têm a sua religião tanto como um instrumento de luta como um meio que dá a segurança dos Orixás para a vida. A vida se renova e se atualiza com o sagrado, que propõe uma resposta objetiva para a vida do ser religioso. Mircea Eliade afirma que o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.

Essa comparação de realidades diferentes garante ao homem religioso a existência do sagrado como sendo real. Essas manifestações do diferente acontecem de várias maneiras e ao longo da história das religiões. O homem apreende o sagrado porque ele se manifesta.

Ries, Julien considera essa manifestação um elemento essencial, pois ela permite descrevê-la e, para indicar o ato manifesto do sagrado, propõe o termo hierofania⁸². A partir da mais elementar hierofania, por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore, e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Para os afrorreligiosos amapaenses da UNA, a presença de objetos religiosos no espaço são evidências presentes da manifestação da hierofania africana no Amapá. Como dizem: “Encontramos, diante do mesmo ato misterioso, a manifestação de algo de ordem diferente de uma realidade que não pertence ao nosso mundo”⁸³.

Para o povo afrorreligioso amapaense, o sagrado é fundamental para dar significado às suas lutas pelo respeito a sua dignidade religiosa. E, para isso, os Orixás estão do seu lado para fortalecer a sua fé e seu trabalho no dia a dia.

⁸⁰ VIDEIRA, 2009, p. 92.

⁸¹ ALVES, Rubens. *O que é religião?* São Paulo, 2008, p. 27.

⁸² RIES, Julien. *O sentido do sagrado nas culturas e nas religiões*. São Paulo: Ideias e Letras, 2008, p. 22.

⁸³ ELIADE, 2001, p. 17.

2.1.4 Espaço sagrado dos orixás na União dos Negros do Amapá

Para que o espaço sagrado exista, é necessário existir o seu oposto, o espaço não sagrado. Para o homem religioso,

O espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras, há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. Há, portanto, um espaço sagrado e, por consequência forte significativa, há outros espaços não sagrados e, por consequência, sem estrutura nem consistência, em suma, amorfa. Mas, ainda, para o homem religioso, essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado, único que é real, que existe realmente, e todo o resto, a extensão informe que o cerca⁸⁴.

O espaço religioso é o local onde se movimentam as atividades sagradas, onde o homem religioso participa, imitando as obras dos deuses. A fundação de um espaço religioso depende da decisão de os deuses criarem esse espaço. Existem os espaços primários, que são aqueles da fundação do mundo.

A experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma fundação do mundo. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o ponto fixo, o eixo central de toda a orientação futura⁸⁵.

A hierofania revela um ponto fixo absoluto, um centro onde será o mundo⁸⁶. Um exemplo de fundação do espaço sagrado aconteceu com Moisés, quando chegou perto da árvore que estava ardendo em fogo. “Não te aproximes daqui!”, disse o Senhor a Moisés: “Tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa!”⁸⁷. O Centro é justamente o lugar onde se efetua uma rotura de nível, onde o espaço se torna sagrado, real por excelência. Uma criação implica superabundância de realidade, ou, em outras palavras, uma irrupção do sagrado no mundo⁸⁸.

O espaço sagrado é um campo de força e de valores, que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência terrena⁸⁹. A sua existência está impregnada pelo sagrado, onde as divindades determinam a forma real da vida humana. A fundação do mundo é uma construção ou uma fabricação dos deuses, como um modelo exemplar, a cosmogonia, ou seja, a criação do

⁸⁴ ELIADE, 2001, p. 25.

⁸⁵ ELIADE, 2001, p. 26.

⁸⁶ ELIADE, 2001, p. 44.

⁸⁷ BIBLIA, ÊXODO 3.5

⁸⁸ ELIADE, 2001, p. 44.

⁸⁹ ROSENDRAL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem Geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ. 2002, p. 30.

universo pelos deuses é uma obra suprema que dá origem a outras criações pequenas, mas que se somam aos espaços religiosos.

A construção da cabana sagrada, no centro na aldeia, repete, assim, a cosmogonia, pois essa casinha representa o mundo. Para cada posição no espaço sagrado, convergem valores afetivos específicos, atribuídos pelo homem religioso, sendo esse um espaço que distingue o sagrado do profano⁹⁰.

Por exemplo, o ritual de instalação de uma casinha para os orixás representa a fundação do mundo. No Amapá, é uma casa sagrada. Para a UNA, os assentamentos de objetos sagrados dentro das casinhas dos Orixás é um espaço que é só permitido ao sacerdote das religiões afro (Umbanda e Candomblé), para fazer sacrifícios e atender às reivindicações dos deuses. Berkenbrock diz que, para cada Orixá cultuado no terreiro, há seu assento próprio e seu Pegi. No Pegi estão os objetos dos orixás e, diante dos Pegis, são colocadas oferendas, figuras talhadas em madeira e estátuas de santos⁹¹.

O espaço, tanto na umbanda quanto no candomblé, é um local de respeito, pois ali estão os objetos sagrados dos deuses e dos santos. Nesse caso, é exigida uma reverência a esse espaço.

2.1.5 Habitação: espaço sagrado da União dos Negros do Amapá

A habitação revela também uma relação do céu com a terra, pois o céu é uma grande tenda, ou seja, uma habitação dos deuses. O homem religioso faz uma tenda para imitar a casa dos deuses. A sua casa é o centro do mundo.

A casa é uma *imago mundi*. O céu é concebido como uma imensa tenda sustentada por um pilar central: a estaca da tenda ou poste central da casa é assimilada aos Pilares do Mundo e designados por esse nome. Esse poste central tem um papel ritual importante: é na sua base que tem lugar os sacrifícios em honra do ser supremo celestial⁹².

Toda casa do homem religioso é um modelo da morada dos deuses e, por isso, possui aberturas para o céu, a fim de se comunicar com os deuses ou semideuses. Existe uma abertura nas casas dos Orixás, que serve de comunicação com os deuses da África, como existe nas casinhas dos Orixás, na União dos Negros do Amapá.

Tal como o poste (*axis mundi*), a árvore desprovida de ramos cujo cimo sai da abertura superior da *yourte* (e que simboliza a árvore cósmica) é

⁹⁰ GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço Sagrado*. Curitiba, 2008, p. 72.

⁹¹ BERKENBROCK, 2007, p. 195.

⁹² ELIADE, 2001, p. 45

concebida como uma escada que conduz ao céu. É pela abertura superior que saem os xamós, onde se encontra o Pilar Sagrado, erguido no meio da habitação, na África, entre os povos hamitas e hamitoides⁹³.

Na UNA, nas onze casinhas para os Orixás, existe um objeto apontando para o céu, que assinala para a forma como os Orixás se comunicam com esse território considerado a morada dos deuses.

2.1.6 O sacrifício como ato de consagração do Espaço Religioso da UNA

O sacrifício é uma espécie de cosmogonia que dá origem à criação de um espaço religioso. Esse espaço depende do sacrifício primordial. Mircea Eliade afirma que:

A serpente simboliza o caos, o amorfo, o não manifestado. Decapitá-la equivale a um ato de criação, passagem do virtual e do amorfo ao formal. Lembremo-nos de que foi do corpo de um monstro marinho primordial, Tiamar, que o deus Marduk deu forma ao universo. Essa vitória era simbolicamente reiterada todos os anos, visto que todos os anos se renovava o Cosmo⁹⁴.

A criação do Cosmo sempre se dá com a morte da serpente ou de algum demônio, que é vencido pelo deus dominador e que, a partir daí, se repete anualmente, recriando o universo outras vezes. “Sabe que para durar uma construção (casa, templo, obra técnica, etc.) deve ser animada, quer dizer, receber a vida e uma alma que pode ser do sacrifício”. O traslado só é possível mediante o sacrifício⁹⁵.

Antes da Semana da Consciência Negra, o Pai Salvino, sacerdote do Candomblé, realiza sacrifícios dentro da quadra da UNA, antes do início da festa. Nesse sentido, a UNA é um território sagrado e considerado um espaço da criação do mundo. “O processo de manutenção do equilíbrio entre os Orixás e os seres humanos apoia-se na troca, no esquema do dar e receber; nesse esquema, o sacrifício é o fator que ativa a possibilidade de equilíbrio”⁹⁶.

2.1.7 O espaço religioso da UNA como espaço consagrado

Para a consagração de um santuário, são necessários alguns rituais. E um dos rituais a que acontece são as festas. O santuário não é um espaço geométrico, mas um espaço

⁹³ ELIADE, 2001, p. 52.

⁹⁴ ELIADE, 2001, p. 53.

⁹⁵ ELIADE, 2001, p. 53.

⁹⁶ BERKENBROCK, 2007, p. 203.

existencial e sagrado. Esse espaço apresenta uma estrutura totalmente diferente e é suscetível de uma infinidade de roturas e, portanto, de comunicação com o transcendente.

Mircea Eliade diz que, mesmo nas sociedades modernas, tão fortemente dessacralizadas, as festas e os regozijos que acompanham a instalação de uma nova morada guardam ainda a reminiscência da exuberância festiva que marcara outrora⁹⁷. Como analisar essas festas como sendo atividades sagradas e/ou profanas? Para Magalhães, “está na identificação do sagrado, naquilo que a religião teria como divino, que sempre está a condição humana, mesmo sendo uma condição permeada pela secularização e pelo desencanto do mundo”⁹⁸.

Nos espaços religiosos são realizadas as festas, os rituais para comemorar o novo ano e o renascimento do Cosmo. Mas, também, no santuário existem quatro partes que são divisões que representam os pontos cardeais da Terra. Para o homem religioso, as quatro partes do interior da Igreja ou do Terreiro simbolizam as quatro direções do mundo. O interior da Igreja é o Universo. O altar é o paraíso que foi transferido para o Oriente. A porta imperial do altar denomina-se também a porta do paraíso. “A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um mundo divino, ter uma casa semelhante à casa dos deuses, tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários”⁹⁹.

Na UNA existem espaços diferenciados. Existe o espaço dos Orixás, onde estão as onze casinhas, em que somente os sacerdotes podem entrar, e outros espaços onde são realizadas as festas de que as pessoas comuns podem participar. Segundo Alexsara Maciel¹⁰⁰, no espaço da UNA, as áreas estão divididas para religiões afro e católica. São áreas específicas para algumas festas. Existem festas de que só participam as religiões afro-amapaenses; existem espaços onde participam tanto a religião católica quanto as afro-amapaenses.

2.1.8 O tempo sagrado na UNA

Para o homem religioso, existem dois tipos de tempo: o tempo sagrado e o tempo profano. No tempo sagrado ocorrem as festas para os deuses e os sacrifícios, onde em cada

⁹⁷ ELIADE, 2001, p. 54.

⁹⁸ MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. *Experiência e interpretação do sagrado na interface entre história e Literatura*. In *Experiências e Interpretação do Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁹⁹ ELIADE, 2001, p. 61.

¹⁰⁰ MACIEL, Alexsara de Souza. *Conversa amarra preto: a trajetória história da União dos Negros do Amapá: 1986 – 2000*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 89.

festa se renova com a repetição da hierofania primordial. E, por outro lado, no tempo profano, acontecem atos e atividades privativas, com significado sagrado. Mircea Eliade afirma que:

Tal como o espaço, o tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos de tempo sagrado, o tempo das festas (na sua maioria, festas periódicas); por outro lado, há o tempo profano, a duração temporal ordinária, na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso¹⁰¹.

Nesse sentido, o tempo desenvolve uma dinâmica religiosa que segue um calendário religioso, onde os deuses são comemorados obedecendo a datas de uma manifestação de fundamento sagrado, que se reproduzem todos os anos. Essa repetição pode ser realizada por meio das festas que marcam a fundação do mundo. Embora exista um tempo sagrado, é preciso lembrar que esse tempo ocorre de forma circular. Mircea Eliade diz que:

O homem religioso vive, assim, em duas espécies de tempo, das quais a mais importante é o tempo sagrado, que se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos¹⁰².

É como nas festas do Candomblé, em que cada ano se renova a criação daquele Orixá. O mesmo ocorre na Umbanda, quando se comemora a festa de caboclo ou de algum de seus santos. As festas ocorrem em um tempo pré-determinado pelos deuses, em datas sagradas, como de seus aniversários de chegada ao Brasil, ou de sua fundação primordial na África. As festas acontecem em terreiros, que possuem características do espaço religioso e do tempo religioso.

Para Roger Bastide: “A segunda observação a ser feita é que, sendo os candomblés autônomos, haverá tantos tempos sagrados quanto forem os terreiros”. Cada um abre uma vez por ano, para celebrar todos os Orixás ao mesmo tempo¹⁰³. É o caso da União dos Negros do Amapá, onde, durante a semana da Consciência Negra do Amapá, são realizadas as festas dos orixás.

Segundo Mircea Eliade, a cada festa periódica reencontra-se o mesmo tempo sagrado, aquele que se manifesta na festa do ano precedente ou na festa de um século atrás: é o tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de suas gestas, que são justamente reatualizadas pela festa.

Nesse caso, a festa é uma recriação do mundo e uma criação de um novo ano que se inicia. Visto que o tempo sagrado e forte é o tempo da origem, o instante prodigioso em que

¹⁰¹ ELIADE, 2001, p. 64.

¹⁰² ELIADE, 2001, p. 64.

¹⁰³ BASTIDE, 2001, p. 90.

uma realidade foi criada, em que se manifestou pela primeira vez, o homem se esforça pela volta do tempo original¹⁰⁴.

Nas festas da religião Católica popular, no Marabaixo, os santos são venerados como deuses. Coroas e fitas enfeitam as imagens, aparentemente como maneiras de melhor exteriorizar a fé, enquanto o oratório e o altar são espaços sagrados do transcendente, porque materializam, de certo modo, a oportunidade de aproximação do homem com Deus. Ao fazer as festividades das imagens dos santos na comunidade, é uma obrigação rezar as ladainhas e oferecê-las aos santos como forma de agradecimento.¹⁰⁵ As festas são formas de agradecer as vitórias conseguidas com a ajuda dos santos.

2.1.9 *O tempo das festas*

Dentro do calendário sagrado, as festas recuperam a origem do tempo e a origem do mundo, quando os deuses e semideuses criaram o Cosmo. Essa criação primordial é repetida várias vezes nos espaços da casa, do tempo, do santuário e das cidades. “Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico”. Em outras palavras, saem de seu tempo histórico, quer dizer, do tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e intrapessoais, e reúnem-se ao tempo primordial que é sempre o mesmo que pertence à eternidade¹⁰⁶.

O sagrado se expressa pela pessoa religiosa tanto ao deitar quanto ao levantar. A festa ao santo padroeiro, por exemplo, é a oportunidade de veneração, na qual, tempo e espaço são dedicados à devoção, e ao trabalho do cotidiano torna-se secundário¹⁰⁷.

As festas possuem um significado que recupera e reproduz as manifestações divinas dos deuses, as quais o homem religioso copia para valorar sua existência e sentir-se plenamente realizado. Descobre-se o mesmo desejo de aproximação aos deuses quando se analisa o significado das festas religiosas, que é restabelecer o tempo sagrado da origem, pois, assim, tornamo-nos contemporâneos dos deuses e, portanto, vivendo na presença deles¹⁰⁸. As festas realizadas pela União dos Negros do Amapá têm o objetivo de atrair as proteções dos santos e dos Orixás, para ter-se prosperidade e paz. As festas são propagadas nas escolas próximas à União dos Negros do Amapá, que, segundo Piedade Lino Videira, em

¹⁰⁴ ELIADE, 2001, p. 73.

¹⁰⁵ SILVA, Sebastião Menezes. *Curiaú: a resistência de um povo*. Macapá-AP: SEMA, 2004, p. 28.

¹⁰⁶ ELIADE, 2001, p. 79.

¹⁰⁷ CORREA, 2008, p. 99.

¹⁰⁸ ELIADE, 2001, p. 81.

acontecendo na sexta-feira, poderiam oportunizar, aos jovens do Centro Espírita, os quais, nesse dia, tocavam instrumentos de corda e que cantavam, já que noutros dias, estariam em horário de aula¹⁰⁹.

2.1.10 O mito como modelo exemplar

O mito são as histórias sagradas. Seu texto é constituído, a fim de tornar dizível o indizível. Portanto, utiliza-se de metáforas e de símbolos para exprimir suas ideias que, mais do que simples palavras, são compostos que mobilizam uma ampla gama de energias emocionais direcionadas aos indivíduos para os quais o mito se apresenta.

O mito cumpre várias funções importantes, entre elas a de ser o norteador psíquico para atitudes do ser humano¹¹⁰. “A história de como os Orixás chegaram ao Brasil e, posteriormente, no Amapá, mantém viva a oralidade nas histórias contadas para as crianças negras.” Com os escravos Yorubá e sua cultura, chegava ao Brasil também sua religião, a religião dos Orixás¹¹¹.

O mito é a realidade de uma história religiosa, em que os deuses tiveram uma participação na criação do mundo e na criação do homem. Os gestos mirabolantes dos deuses, com suas ações primordiais, fizeram aparecer tudo o que existe no mundo e o que tem o homem religioso, como produto de suas ações e que subordinam suas ações humanas, no sentido de garantir a proteção divina e que, para isso, fazem festas e sacrifícios objetivando chamar atenção dos seus criadores e garantir sua aproximação com eles.

O mito proclama a aparição de uma nova situação cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma criação: conta-se como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser¹¹².

O mito procura manter os rituais de uma narração religiosa para reproduzir o comportamento e fixar a prática de uma atividade que envolve toda a vida do homem religioso.

A função mais importante do mito é, pois, fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc. Comportando-se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate

¹⁰⁹ VIDEIRA, 2013, p. 334.

¹¹⁰ SCHLOGL, Emerli. *Ensino Religioso: perspectiva para os anos do ensino fundamental e ensino médio*. Curitiba: Ibpex, 2009, p. 116.

¹¹¹ BERKENBROCK, 2007, p. 176.

¹¹² ELIADE, 2001, p. 85.

de uma simples função fisiológica, como a alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar, etc¹¹³.

Assim, como o homem profano repete as atividades do seu cotidiano, particularmente, através de modelos criados pelas ciências e pelas ações sociais, o homem religioso repete os modelos religiosos da divindade e procura imitá-los. A repetição fiel dos modelos tem um resultado duplo:

1) por um lado, ao imitar os deuses, o homem mantém-se no sagrado e, conseqüentemente, na realidade;

2) por outro lado, graças à reatualização ininterrupta dos gestos divinos exemplares, o mundo é santificado. O comportamento do homem religioso contribui para manter a santidade no mundo¹¹⁴.

Para os afroreligiosos amapaenses, o mito da presença dos heróis e dos deuses africanos representa a restauração de suas tradições religiosas e a manutenção de sua identidade cultural. A UNA cria as condições para resgatar e manter as tradições religiosas e culturais do povo afro-amapaense.

As festas de reunião de tambores encentrais aconteceram no anfiteatro do Centro de Cultura Negra (UNA). Durante uma semana, a vasta programação cultural interna e externa a esse local compreendeu: shows artísticos, celebrações religiosas afro-brasileiras, como Candomblé, Umbanda e Tambor de Mina e de tradição religiosa católica e afro-brasileira, a missa dos quilombos (...) ¹¹⁵.

Esse local é sagrado e santificado pelos deuses, que aparecem durante as festas dos Tambores.

2.1.11 A UNA como espaço religioso das religiões

As religiões afroamapaenses escolheram esse local para desenvolverem suas atividades espirituais e fortalecerem suas práticas religiosas. Na sua dissertação sobre o Candomblé no Amapá, escrevendo sobre as posições dos religiosos, e falando sobre outros espaços religiosos, além dos terreiros particulares, Decléoma Pereira, diz que:

Um espaço de uso comum dos candomblecistas, mineiros e umbandistas é o espaço afroreligioso do Centro Cultura Negra do Amapá, local onde são realizadas as cerimônias religiosas afro, por ocasião do Encontro de Tambores. Fora desse

¹¹³ ELIADE, 2001, p. 87.

¹¹⁴ ELIADE, 2001, p. 88.

¹¹⁵ VIDEIRA, Piedade Lino e Capiberibe, Camilo. *Rufard os Tambores*. Amapá, Governo do Amapá, 2014, p. 15.

período, o espaço fica praticamente ocioso, apenas alguns religiosos o ocupam com festas para suas entidades¹¹⁶.

É por isso que, nas dependências da UNA, existem objetos e imagens de Orixás, como a de Iemanjá, que são cultuados pelos representantes das religiões afro. Essa ligação coloca essa instituição como referência para os religiosos das religiões de matrizes africanas.

2.2 A experiência do diálogo inter-religioso

Segundo o dicionário Houaiss, entende-se, por diálogo, contato e discussão entre duas partes (p.ex., em busca de um acordo); troca de ideias.¹¹⁷ “O fundamento do diálogo está na constatação de que existem ideias e ações diferentes, ou seja, que existe um pluralismo”¹¹⁸. O pluralismo deve ser visto como sinal de progresso, de crescimento. Provoca abertura, atenção, clareza de convicções e de pensamento, humildade para aprender e captar a posição do outro, acolher a liberdade de expressão do diferente.

Existem religiões, como a Católica, que possuem documentos escritos direcionando a Igreja à aproximação com outras religiões, segundo informa o Conselho Pontifício à Promoção da Unidade dos Cristãos:

O diálogo ensinou-nos que, por causa dessas diferenças, existe necessidade de aprendermos constantemente uns com os outros, de modo a aprofundarmos o conhecimento mútuo e a compreensão de nossas respectivas tradições doutrinárias, práticas pastorais e convicções. Devemos aprender a respeito da integridade e os direitos do outro para evitar julgamento que suscitem na evangelização conflitos desnecessários e obstáculos à difusão do Evangelho, além dos já provocados por nossas divisões¹¹⁹.

Embora os cristãos sempre estivessem separados em grupos particulares, apesar de existirem documentos da Igreja Católica e do Conselho Mundial de Igrejas para uma aproximação, isso não aconteceu. No Concílio *Nostra Aetate*, a Igreja Católica afirma que “não rejeita o que é verdadeiro e santo em todas as religiões”¹²⁰. Porém, na prática, não tem sido isso o ocorrido, como descreve o Bispo de Macapá.

O processo de diálogo é muito mais importante do que o assunto, ou o conteúdo, porque educa as pessoas, levando-as à descoberta incrível do conhecimento, tanto de si

¹¹⁶ PEREIRA, Decléoma Lobato. O Candomblé no Amapá: História, Memória, Imigração e Hibridismo cultural. Dissertação de Mestrado, UFPA, Belém, 2008, p. 68.

¹¹⁷ HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss 3*. São Paulo: Objetiva Ltda., 2009.

¹¹⁸ HEERDT, Mauri Luiz; BESEN, José Artulino; COPPI, Paulo de. *O Universo Religioso*. São Paulo: Mundo e Missão, 2005, p. 206.

¹¹⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo Católico Pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 54.

¹²⁰ BIZON, José; DARIVA Noemi; DRUBI, Rodrigo. *Diálogo Inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 17.

mesmas como dos outros. Para André Torres Queiruga: De fato, cada religião tem a impressão de estar no centro do mundo do sentido, com todas as outras fés distribuídas em sua periferia. Por isso, em princípio, só tem cabimento o diálogo paritário onde todas se apresentam em pé de igualdade¹²¹. Mas, estabelecer o diálogo não é coisa muito fácil. Pressupõe interesse e determinação, falar e ouvir, partilhar, discernir e decidir juntos. E, segundo *Kofi Annan*, Secretário Geral da ONU:

O diálogo salvará a humanidade “Sou filho da tradição da cultura e dos valores que aprendi com minha família”. Isso é parte da minha constituição moral e está muito vivo. Tive a felicidade de estudar e trabalhar nos Estados Unidos e na Europa. Fui influenciado pelos dois ambientes, mas a cultura africana foi a que teve maior impacto. Em Gana, aprendi a ouvir. Quando há um problema, meu povo se reúne e fala, fala, fala até encontrar uma solução. Esse tipo de postura incentiva as soluções em conjunto e a cooperação¹²².

O que *Kofi Annan* afirma, quando é questionado sobre os principais problemas do meio ambiente mundial da atualidade, é que os conflitos, incluindo-se os religiosos, estão na lista dos mais graves problemas. Para ele, a pobreza e a desigualdade ocupam o primeiro lugar. A degradação do meio ambiente e a exploração não sustentada dos nossos recursos naturais vêm logo depois.

Colocam em terceiro lugar, os conflitos em geral, as guerras civis, nas quais morrem mais crianças e mulheres do que soldados.

Em quarto lugar, o terrorismo religioso comandado pelo fundamentalismo islâmico, a proliferação de armas de destruição em massa. E, finalmente, a desconfiança entre as pessoas de diferentes religiões, o que torna o nosso mundo mais complicado e intolerante.

O caminho da paz mundial passa pelo diálogo entre as religiões. E, nesse diálogo, surgem os pontos comuns elencados ainda em 1970, na Conferência Mundial das Religiões em favor da paz, em Kyoto. Pacificadas as religiões, ainda há muito por fazer, como a criação de uma plataforma para a paz política, fundada numa ética mínima do cuidado para com a Terra e para com a biosfera, na cooperação universal, na corresponsabilidade face ao nosso futuro comum e na reverência face ao mistério da existência.

Só nos resta o diálogo e aprender uns com os outros, para evitarmos o choque total e darmos chances à paz perpétua. Portanto, não há dúvida sobre a importância e a necessidade do diálogo, seja no campo religioso, no familiar ou no político.

Em se tratando de diálogo, costuma-se fazer uma distinção quando se fala sobre o diálogo em ambientes religiosos. Geralmente existem três níveis, que são:

¹²¹ QUEIRUGA, André Torres. *O diálogo das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 27.

¹²² HEERDT, BESEN, COPPI, 2005, p. 206.

- a) Ecumênico:¹²³ é o diálogo com os cristãos e entre os cristãos;
- b) inter-religioso: é o diálogo mantido com todos os que admitem Deus e que guardam em suas tradições preciosos elementos religiosos e humanos;
- c) cultural: diálogo com as culturas. “Todos, os crentes e não crentes devem prestar seu auxílio para a construção de um mundo mais justo.”

Percebemos que o fanatismo e a intolerância religiosa estão presentes em nossa época. Trata-se, com certeza, de uma contradição a de se pensar que a essência das religiões é justamente o contrário: da paz, da harmonia e da solidariedade. Infelizmente, a história mostra que nem sempre foi assim. Aqui no Amapá, por exemplo, existem alguns padres negros que procuram quebrar esse afastamento da Igreja Católica com as religiões afroreligiosas, porém essa barreira ainda encontra obstáculos.

No entanto, não podemos negar que gestos importantes acontecem para a aproximação das religiões e para a promoção de valores essenciais da humanidade, como o encontro de Assis (Itália), em 1986, quando o Papa João Paulo II encontrou os diversos representantes religiosos, num clima de diálogo e cooperação.

2.2.1 As posições sobre o diálogo inter-religioso

O teólogo *Hans Kung* apresenta algumas posições que nos ajudam a visualizar mais claramente todo o problema e a encarar uma solução construtiva para o diálogo inter-religioso:

- a) a posição ateísta, afirmando que nenhuma religião é verdadeira, ou que todas as religiões são igualmente falsas;
- b) a posição absolutista, defendendo que toda religião é verdadeira ou que todas as demais religiões são falsas;
- c) a posição relativista, dizendo que toda religião é verdadeira ou que todas as religiões são igualmente verdadeiras;
- d) a posição exclusivista, argumentando que somente uma única religião é a verdadeira e todas as outras participam da verdade que, porém, pertence a uma religião apenas.

Essas posições são insuficientes, e se torna necessário assumir uma posição ecumênica crítica¹²⁴. Essa posição tem, como principais características:

¹²³ HEERDT, BESEN, COPPI, 2005, p. 207.

¹²⁴ HEERDT, BESEN, COPPI, 2005, p. 208.

- a) em vez de um indiferentismo, para o qual tudo é desinteressante, é necessário mais indiferença com relação a uma suposta ortodoxia que se faz critério da salvação ou da condenação do homem e que quer impor pela força a sua afirmação da verdade;
- b) em vez de relativismo, para o qual não existe um absoluto, é necessário maior sentido de relatividade com relação a todas as colocações absolutas humanas que impedem uma coexistência fértil das diversas religiões e, também, um maior sentido de relacionamento que permite distinguir cada religião dentro da sua rede de relacionamento;
- c) em vez de um sincretismo, no qual o possível e o impossível são misturados, fundidos, é necessário maior desejo de síntese dos vários antagonismos confessionais e religiosos, de modo que reine a paz entre as religiões e não o ódio, a guerra e a luta¹²⁵.

Os argumentos da Psicologia estão misturados. Esses argumentos avaliados negativamente abrangem desde o exclusivismo, que é essencialmente autoprotetor, até o inclusivismo, que é apadrinhador e, em última análise, autopromotor. Mesmo quando se reconheça a pluralidade de fato das religiões, há meios marcadamente divergentes de lidar com ela: todos têm sua força e fraquezas intelectuais e motivacionais¹²⁶.

Existem pensadores que são contra o diálogo inter-religioso, por conta de que algumas igrejas cristãs teriam que abrir mão de algumas interpretações teológicas que, segundo essa visão, mudariam os fundamentos do cristianismo.

O Pluralismo religioso pressupõe que todas as religiões são verdadeiras e igualmente válidas, fazendo-se necessário que cada tradição supere seu fundamentalismo em favor de um bem maior, comum a todas as tradições. Como diria o Teólogo espanhol José Maria Vigil, é preciso aprofundar a consciência de que as religiões precisam se unir e trabalhar juntas, objetivando a paz mundial e melhores condições de vida no planeta. À luz do pressuposto, chega-se a afirmar a necessidade de que o cristianismo reinterprete algumas de suas crenças fundamentais, a exemplo da divindade de Cristo, a fim de que o diálogo entre as religiões se torne algo tangível. A consequência disso é uma relativização das verdades bíblicas e uma redução da Bíblia a um texto sagrado no mesmo nível dos textos sagrados de outras religiões, o que as mantém na posição em que estão sem que sintam a necessidade de receber a luz adicional. Jesus Cristo deixa de ser o único mediador entre Deus e os seres humanos¹²⁷.

¹²⁵ KUNG, Hans. *Para uma teologia ecumênica das religiões*: algumas teses para esclarecimento. In: KUNG, Hans et al. *O Cristianismo entre as religiões mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 146-167.

¹²⁶ PYE, Michael. *Refletindo sobre a Pluralidade de Religiões*. Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora v.4, n.2 (2º sem.2001) Juiz de Fora: UFIF, 2001.

¹²⁷ AGUIAR, Adenilton Tavares de. *O diálogo inter-religioso e o lugar da IASD*. UNASP, V. 8, n. 1, p. 13-36, 1º sem. São Paulo: Revista kerygma, 2012.

O que impera entre as igrejas é o exclusivismo religioso, em que cada designação diz ser proprietária da verdade. Porém, essa separação está diminuindo com algumas pessoas de cada igreja, que já conseguem ver o próximo como sendo outra religião. O que alimenta a separação e o exclusivismo é a falta de conhecimento e as condutas dos líderes, que têm os rebanhos como propriedade.

Aqui no Amapá, alguns padres têm buscado quebrar essa intolerância e têm se aproximado das religiões, criando um diálogo salutar para fazer avançar o crescimento de ambos. Podemos citar o padre Paulo Roberto, que reza a Missa da Consciência Negra há 20 anos¹²⁸.

2.2.2 A esperança no diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso vem demonstrar a possibilidade de uma nova perspectiva de atuação das religiões, ao reconhecer que estas podem exercer um papel significativo na construção de uma ética de superação da violência, motivando-as a dedicarem-se à tarefa comum de salvaguardar a integridade dos seres humanos e da terra. A verdadeira relação com o absoluto é incompatível com toda e qualquer desumanização ou violência¹²⁹.

Os debates e as polêmicas sempre marcaram todas as religiões e nem sempre foram pacíficos. Respeitar-se reciprocamente, na consciência das respectivas diferenças, é a primeira condição de uma coexistência tranquila. Aceitar as diferenças e conviver com elas não é fácil. É um grande desafio. O respeito à diversidade é uma reivindicação recente e tem sido uma conquista árdua e persistente da sociedade humana. Basta lembrarmos da luta pelo reconhecimento das diferenças raciais e étnicas, religiosas e culturais, de gênero e opção sexual, e outras mais.

Nesse sentido, foram dados passos significativos. Porém, a intolerância, geradora de exclusão e violência, ainda atua no mundo de hoje. Nesse contexto, o diferente é visto como incômodo estranho e desprezível¹³⁰. Por isso é preciso desqualificá-lo, excluí-lo. Urge uma mudança de mentalidade e de atitudes, e, nessa tarefa, a educação tem um papel fundamental.

Além da coexistência, é possível um verdadeiro diálogo entre as religiões? Deve-se admitir que a atitude costumeira entre os grupos religiosos é um convite, como o que diz: “Venham conosco, entrem e façam parte de nosso grupo. Ou permaneçam como são,

¹²⁸ Anexo D.

¹²⁹ HEERDT; BESEN; COPPI, 2005, p. 209.

¹³⁰ HEERDT; BESEN; COPPI, 2005, p. 209.

mantendo as convicções de vocês, mas respeitem a nossa maneira de ver as coisas”¹³¹. Contudo, em cada religião, é possível encontrar as bases de um verdadeiro diálogo. As palavras são diferentes, mas a mensagem é expressão da paz, da harmonia, da caridade, do amor ou da compaixão.

O diálogo é uma reciprocidade fundamental que se instaura entre dois polos de relação: eu e os outros. Pressupõe sempre uma semelhança e uma diferença, uma identidade e uma alteridade. O diálogo se instaura quando ocorre uma atitude de abertura e escuta do outro, do diferente, quando se reconhece o outro como sujeito portador de uma liberdade e dignidade fundamental. Nenhuma religião pode pretender ter a posse de Deus, negando os valores sagrados das demais. Diga-se que Deus, o Transcendente, é maior que toda e qualquer religião.

O diálogo inter-religioso, nesse sentido, é uma grande possibilidade de realização de um processo com pessoas, grupos, comunidades e religiões para um objetivo comum, como a paz, a felicidade, a justiça e uma afirmação da identidade, pois conhecer o outro é uma forma de se conhecer melhor a própria religião. Um enriquecimento mútuo, a riqueza das diferenças e das semelhanças. Existem temas que podem ser viabilizados em trabalhos conjuntos, porém, falta um dos lados começar. No Amapá, os religiosos têm tomado a iniciativa, e alguns padres têm aderido a eles.

2.2.3 As condições do diálogo inter-religioso, segundo Faustino Teixeira

O diálogo deve atender a algumas condições essenciais: a humildade, o reconhecimento do valor da alteridade, a fidelidade à tradição, a abertura à verdade e a capacidade de compaixão¹³². Explicamos essas condições:

a) **Humildade:** o diálogo exige, antes de qualquer coisa, uma disponibilidade interior de abertura e acolhimento. A maior resistência ao diálogo advém de pessoas ou grupos animados pela autossuficiência, pela arrogância. Quem está cheio de si não consegue abrir espaços para a presença dos outros.

b) **Reconhecimento do valor da alteridade:** O reconhecimento e respeito à alteridade do interlocutor constitui outra das condições exigidas para um diálogo positivo com outras tradições religiosas. Daí a importância da abertura desinteressada às convicções do outro e o respeito à sua identidade.

¹³¹ HEERDT; BESEN; COPPI, 2005, p. 209.

¹³² TEIXEIRA, Faustino. *Diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio*. Revista Convergência ano 34, n. 325, set. 1999, p. 433-448.

c) Fidelidade à própria tradição: a sensibilidade dialogal deve ser sempre acompanhada de convicção religiosa, de um referencial, uma clara identidade cultural e religiosa, que deve ser sempre alimentada. Não há como ser cidadão do mundo fora de um enraizamento particular.

d) Aproximação cada vez maior do Deus que se autocomunica ao humano, mas que permanece misterioso: Trata-se de um caminhar em que cada um dos interlocutores, permanecendo fiel a sua identidade e verdade particular, é convidado a participar de uma celebração da verdade que ultrapassa a particularidade específica de seus horizontes, provocando, assim, uma recíproca conversão. O diálogo favorece um novo aprendizado. À medida que é vivido em profundidade, os interlocutores saem enriquecidos pela aquisição dos valores positivos que animam as tradições em questão. Tanto para o padre Paulo quanto para o sacerdote do Candomblé, pai Salvino, o diálogo tem garantido uma boa e longa amizade, o que oportuniza que ambos trabalhem juntos em festas e paróquias. Mas é um processo que leva tempo para se realizar, conforme entrevistas em anexo.

2.2.4 Contribuições de José Maria Vigil para o diálogo inter-religioso

Existem modelos ou posições que, no âmbito da teologia das religiões, podem assumir as seguintes classificações¹³³:

a) exclusivismo: chama-se exclusivismo a posição teológica segundo a qual há uma única verdadeira religião, a que foi revelada por Deus, que possui a verdade em exclusividade, enquanto as outras religiões são falsas ou simplesmente humanas, naturais, incapazes de salvar;

b) inclusivismo: é a posição segundo a qual, ainda que a verdade e a salvação estejam plenamente presentes numa determinada religião, também se fazem presentes, de modo mais ou menos deficiente ou imperfeito, nas outras religiões, porém como participação na verdade e na salvação presentes na única religião verdadeira.

c) pluralismo: é a posição teológica segundo a qual todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma por si mesma e a seu modo. Ou seja, não há uma religião que esteja no centro do universo religioso. No centro está somente Deus. Como posição teológica, o pluralismo é uma posição nova no mundo teológico cristão, pois implica uma mudança radical.

¹³³ VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: Para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 63.

2.2.5 A UNA e o diálogo inter-religioso

Ainda estamos no exclusivismo, porém, temos avançado no Amapá essa aproximação da Igreja Católica às religiões. Essas articulações ocorrem com o esforço de religiosos que têm criado espaço para uma aproximação mais aberta, conforme entrevistas em anexo. A história de lutas do padre Paulo e de pai Salvino têm garantido que todos os anos os dois estejam juntos na preparação do Dia da Consciência Negra e da celebração conjunta das missas.

O diálogo das religiões de matrizes africanas ainda é uma mão de sentido único, porém, com perspectiva de mudanças. As tentativas que foram articuladas para uma conversa com o bispo católico de Macapá encontraram obstáculos que afastaram essa possibilidade.

Segundo o IMENA, através de sua primeira presidente, foi marcado um determinado dia para uma conversa com o bispo na União dos Negros do Amapá, porém, por causa de ciúmes de um grupo, os presentes que deveriam ser entregues para o bispo foram desviados, e isso causou um estranhamento entre as religiões de tradições afro-brasileiras e a Igreja Católica do Amapá. Também existem avanços, pois a Igreja Católica criou uma pastoral dos afrodescendentes. Isso possibilita o diálogo inter-religioso, já que existem alguns padres negros da Igreja Católica de Macapá que participam há 20 anos, de Missa dos quilombos, na semana da Consciência Negra, e essa experiência tem dado muitos frutos em termos de diálogos.

Para o padre Paulo Roberto, não existe o diálogo da Igreja Católica com as religiões que participam na Semana da Consciência Negra. A participação de sua pessoa não é a participação da instituição. É uma participação de um padre isolado da Igreja Católica do Amapá. Ele afirma que, como negro, é sua obrigação lutar pelos negros e pela valorização dos negros no Amapá. Afirma, ainda, que a Igreja Católica não está interessada nessa atividade, pois a preocupação da igreja é com a evangelização e com outros temas cristãos. Contudo, existe um Bispo da Igreja Católica brasileira que reza as missas nos terreiros, quando estes o convidam, conforme afirmou a Presidente da Federação da Umbanda do Amapá, a entrevistada D¹³⁴.

O entrevistado C¹³⁵ afirmou que a participação do entrevistado B é uma participação individual e não da instituição Igreja Católica. Em sua opinião, em relação à Semana da Consciência Negra, afirma que é importante para a luta dos negros, porém, na questão das

¹³⁴ Anexo D.

¹³⁵ Anexo C.

suas religiões, cada instituição faz a sua liturgia separada. Embora tenha afirmado que, no Estado do Amapá, existe a Pastoral do Negro, onde fazem um trabalho de valorização do negro, deve existir uma separação entre que é certo ou errado.

Perguntado sobre o Marabaixo, como em sendo religião, afirmou que essa prática tem elementos católicos e africanos, o que não condiz com o cristianismo da Igreja Católica de Macapá. “Eles pedem para nós realizarmos a Missa na Igreja São Benedito ou na Igreja de São José”. Realizamos as Missas com as suas presenças, e logo eles saem em passeata para realizar as suas manifestações religiosas. Eu penso que temos que fazer um divisor do que é certo ou errado, e cada um na sua manifestação religiosa. Temos que garantir os seus direitos de ter opção pela sua religião, mas devemos fazer essa separação.

2.3 Síntese

Neste capítulo, desenvolvemos alguns conceitos, como o de espaço e tempo sagrado, segundo as perspectivas de Mircea Eliade, Roger Bastide, Alexsara Maciel, Piedade Lino Videira. Também sobre a maneira como o homem religioso concebe sua realidade, de acordo com a divindade, como forma de criar uma explicação para sua necessidade existencial, visto que seus atos do cotidiano são vividos conforme as obras de seus deuses.

Mircea Eliade e Volney Berkenbrock desenvolvem as suas teorias baseadas no comportamento do homem religioso, que justifica a sua prática e seu pensar, que dá sentido e significado ao seu existir. Mesmo o ser humano vivendo em uma sociedade moderna e pós-moderna, onde prevalece o profano, as coisas naturais são transformadas em objetos sagrados, possibilitando uma nova ressignificação do espaço e do tempo sagrado.

Vimos, também, o conceito de diálogo inter-religioso, em que se procura aproximar as religiões e diminuir as intolerâncias entre os religiosos, avançando em direção ao pluralismo religioso, observando-se a realidade local, com aproximação de alguns padres da Igreja Católica aos membros das religiões afro no Amapá.

Os conceitos de Faustino Teixeira e de Jose Maria Vigil são bastante eficientes para fazer uma classificação em que se podem colocar os diálogos que acontecem no Amapá dentro de uma explicação teórica. Porém, podemos colocar, a priori, no exclusivismo católico, a pouca abertura para uma conversa com as religiões de tradições africanas, que estão abertas ao diálogo, conforme depoimentos dos entrevistados representantes da Umbanda e do Candomblé.

3 A UNA E O IMENA COMO ARTICULADORES DA POLÍTICA EDUCATIVA AFIRMATIVA

A educação é uma prática social que não só simboliza como também torna concreta uma dimensão eminentemente humana, dado seu caráter histórico, o qual sintetiza o próprio dever do existir do homem, tanto em sua forma sistemática como assistemática¹³⁶. Por ser uma prática social humana, acha-se intrinsecamente disseminada na sociedade, e por isso, é imprescindível, enquanto elemento caracterizador de múltiplos tipos de sociedade.

Para Corrêa, “valores, atitudes, comportamentos só serão válidos se estiverem correlacionados à libertação, que significa a tomada de consciência do sujeito sobre o seu estar aqui e agora no mundo que o rodeia”¹³⁷. A educação é instrumento de promoção da liberdade do indivíduo em sua relação com o mundo.

A educação aberta à diversidade cultural, por razões pedagógicas, emerge, exclusivamente, por motivos sociais, políticos e ideológicos.

Nas últimas décadas tem crescido no Brasil a consciência de que a realidade brasileira é tomada por matrizes de novos cidadãos brasileiros, que, a partir de movimentos articulados (negros, índios, feministas, sem terras, homossexuais, mulheres etc.), buscam-se fazer conhecer e reconhecer como parte substantiva de uma diversidade múltipla e de características próprias¹³⁸.

O movimento negro lutou que a educação para seu grupo pudesse participar do acesso aos estudos no ensino formal. Os movimentos dos anos 1980 lutaram pelas demandas de educação para os negros. Com efeito, Gohn diz que “as lutas dos negros também foram pontos de destaque nos anos 1980; por meio de suas campanhas, eles educaram parcelas da sociedade e se autoeducaram, à medida que passaram a conhecer melhor seus direitos, a não ter vergonha, mas orgulho de sua cor”¹³⁹. No conjunto dos movimentos sociais pelos direitos negados pelo Estado da Ditadura, aparecem os direitos dos negros de terem acessos aos bens e serviços negados pelos órgãos de governo.

Custódio e Foster dizem que: “No contexto da história da educação brasileira, percebe-se que a população negra não tinha o direito a nenhum outro tipo de aprendizagem, a não ser aquela necessária para o exercício de atividades de suas funções laborais”¹⁴⁰. Dessa

¹³⁶ CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. *Cultura Brasileira e Religiosidade*. Curitiba: Ibpe, 2008, p.78.

¹³⁷ CORRÊA, 2008, p. 79.

¹³⁸ CORRÊA, 2008, p. 81.

¹³⁹ GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 1992, p. 68.

¹⁴⁰ CUSTÓDIO, E.S.; FOSTER, E.L.S. *Ensino Religioso e religiões de matrizes africanas*. São Leopoldo-RS: Revista Identidade 2014. V.19 n. 1 p. 95-109, jan-jun.

forma, como resultado do processo de escravidão no Brasil, o negro foi impedido de participar da escola e de aprender a ler e escrever.

3.1 As políticas de inclusão no Brasil

Ao longo da história, os negros lutaram pelos seus direitos e conquistaram espaços na sociedade dos brancos no Brasil. Esse processo ocorreu de forma progressiva e sempre em acúmulo de experiências, particularmente, por intermédio das estratégias usadas para conquistar o poder nas esferas do Estado. Assim, temos o período do Brasil-Colônia, quando os negros chegavam como escravos para trabalhar nas fazendas dos portugueses e lutavam para ganhar a liberdade.

3.1.1 Educação inclusiva

A educação inclusiva pode ser definida como a “prática da inclusão de todos, independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural, em escolas e salas de aulas”¹⁴¹. Esse movimento de inclusão busca repensar a escola para que deixe de ser uma escola da homogeneidade, para tornar-se uma escola da heterogeneidade, para que a escola da discriminação dê lugar à escola para todos.

Na escola inclusiva, entendemos a identidade como sendo móvel e não fixada nos indivíduos. Os alunos, na perspectiva de uma escola para todos, não se reduzem a pessoas rotuladas por professores ou por especialistas que condenam a categorização e hierarquização, impostas por aparatos psicológicos, sociológicos e pedagógicos¹⁴².

Para fazer valer o direito à educação a todos, os negros não se limitavam a cumprir o que estava na lei, mas na aplicação às situações discriminadoras que os impedia. É por isso que a luta pelo direito à educação passa pela articulação dos movimentos sociais. Arantes diz que “a inclusão escolar está articulada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos de acesso a bens e serviços”¹⁴³.

Todo o processo de conquista está, necessariamente, ligado às necessidades do cidadão que tem seus direitos garantidos por lei, mas que, na prática, não são respeitados. A UNA e o IMENA têm usado seus parlamentares negros para democratizar a entrada dos negros nas escolas amapaenses, embora o Estado do Amapá seja considerado o Estado que

¹⁴¹ MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. *Inclusão: compartilhando saberes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 19.

¹⁴² MANTOAN, Maria Tereza Eglér. *O desafio das diferenças nas escolas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 11.

¹⁴³ ARANTES, Valéria Amorim. *Inclusão escolar*. São Paulo: Summus, 2006, p. 16.

mais possui negros; chega ao percentual de 73,9% da população,¹⁴⁴ por isso não é concebível aceitar a não inclusão dos alunos negros, ou de quaisquer outras etnias, nas escolas.

3.1.2 A história da luta da inclusão dos negros na educação do Brasil

a) A educação na Colônia para os negros

Durante o período colonial, que foi de 1532 a 1824, os escravos negros não tiveram acesso à educação. Foram proibidos pelos portugueses que obrigavam os negros a trabalhar de forma degradante e sem as condições de uma vida digna. Nesse sentido, Pereira diz que:

No Brasil, Colônia, Império e República, tiveram historicamente, no aspecto legal, uma atitude ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente brasileira até hoje. O Decreto nº. 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não fossem admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores¹⁴⁵.

Como se percebe, os proprietários de terra e os fazendeiros não queriam que a sua mão de obra parasse a produção para estudar, era um prejuízo para o empreendimento.

b) A educação durante o Império

No período da Constituição de 1824, as populações negras foram impedidas de estudar nas escolas, conforme relata Silva:

A população escrava era impedida de frequentar a escola formal, que era restrita, por lei, aos cidadãos brasileiros, automaticamente esta legislação (art. 6, item 1 da Constituição de 1824) coibia o ingresso da população negra escrava, que era, em larga escala, africana de nascimento¹⁴⁶.

Nessa lei, a oligarquia da monarquia não queria que seus escravos saíssem de suas lavouras, ou que exercessem outras atividades, porque poderiam fugir ou dar prejuízo. Mesmo posteriormente sendo aprovada a reforma de Couto Ferraz, em 1854, a situação continuava a mesma, como escreve o mesmo autor:

A reforma de Couto Ferraz (Decreto nº 1.331a de 17 de fevereiro de 1854) instituiu a obrigatoriedade da escola primária para as crianças de 07 anos e gratuidade das escolas primárias e secundárias na corte. De um modo geral, essa reforma educacional previa a exclusão dos negros escravos, adultos e crianças, além de

¹⁴⁴ VIDEIRA e CAPIBERIBE, 2014, p. 13.

¹⁴⁵ PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na escola: Questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 21.

¹⁴⁶ SILVA, Geraldo da. *Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escola profissionais, técnicas e Tecnológicas*, In: *Historia da Educação do Negro e Outras histórias*. Brasília-DF: Secretaria de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 68.

associá-los às doenças contagiosas da época, provavelmente a varíola e a tuberculose¹⁴⁷.

Nessas circunstâncias, os espaços para estudar ficavam fechados para os negros, tanto as crianças quanto os adultos eram impedidos de estudar, pela legislação em vigor.

c) A educação para o negro na República

Foi durante a República que as primeiras oportunidades concretas de educação escolar e ascensão da população negra começaram a surgir. Para Silva,

Essas escolas propiciaram a escolarização profissional e superior de uma pequena parcela da população negra, não obstante a existência de uma conspiração de circunstâncias sociais que mantinham os negros fora da escola. Pretos e pardos que obtiveram sucesso nesta direção formaram uma nova classe social independente e intelectualizada. A mobilização dessa classe configurou-se como um mecanismo de autoproteção e resistência, servindo de base para a (re)organização das primeiras reivindicações sociais negras no pós-abolição e o surgimento dos movimentos negros¹⁴⁸.

Esses movimentos negros obtiveram forte repercussão na década de 1920, reivindicaram a igualdade de direitos e uma educação ampla que propiciasse aos negros – agora libertos do cativeiro –, e a seus descendentes a participação nos eventos culturais, sociais, políticos e econômicos.

d) A educação para os negros no Estado Novo

Com o processo de industrialização nacional implantado pelo presidente Getúlio Vargas, os negros começaram a ser empregados nas indústrias de transformação e serviços. E, na agricultura, os negros passaram a trabalhar como camponeses: os proprietários cediam um pedaço de terra para que eles cultivassem, e a metade da produção era devolvida ao dono. Nas escolas industriais e técnicas, abriram-se vagas para os negros, mesmo porque havia uma pressão do movimento negro no Brasil. O próprio movimento negro organizava um sistema de educação alternativa, para atender às demandas da população afrodescendente. Silva diz:

Assim, as manifestações de conscientização, de protesto, união e integração social estavam permeadas de discursos em prol da valorização do negro, como respeito, prestígio e honestidade e da ascensão social através da educação. Foi fundada, em 16 de setembro de 1931 uma escola para negros e sua sede central localiza-se na Rua da Liberdade, no centro da capital paulista e nesta sede foi organizada uma escola¹⁴⁹.

Nessa escola, nos cursos, os professores davam aulas gratuitamente. Existiam os cursos de Engenharia, Biologia, Comércio. A escola foi importante, principalmente, quando a sua Frente Negra se aprofundou nas questões políticas.

¹⁴⁷ SILVA, 2005, p. 68.

¹⁴⁸ SILVA, 2005, p. 73.

¹⁴⁹ SILVA, 2005, p. 75.

e) A educação para o negro na Reforma de 1961

Na LDB, Lei nº 4.024 de 1961, a questão da raça estava presente no debate, registrado no Título I – Dos fins da Educação, art. 1º, alínea g – em que a educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideias de solidariedade humana e da condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a qualquer preconceito de classe ou de raça. Para Dias,

Os educadores daquele momento reconheceram a dimensão racial, mas não deram a ela nenhuma centralidade na defesa de uma escola para todos, o que nos faz pensar que, mesmo esses educadores, considerados modernos, no que se refere à abordagem da questão racial, pouco se diferenciaram dos conservadores¹⁵⁰.

Como discurso, a inclusão social fez parte das preocupações dos educadores e foi uma dimensão considerada no universo da discussão da LDB de 1961.

f) A educação do Negro na LDB de 1996.

Nessa reforma educacional avançou-se mais um pouquinho na questão da etnia, graças à luta do movimento negro, que pressionou para ver contempladas suas reivindicações. O texto quase que se repete, mas, nesse caso, fica claro de quais raças ou etnias se estão falando, demonstrando um avanço no texto da Lei nº 9.394 de 1996, em comparação ao apresentado pelo projeto de Jorge Hage, fruto da forte pressão de entidades do movimento negro sobre os parlamentares comprometidos ou sensíveis à luta pela igualdade racial. Dias (2005, p. 57), afirma que no “artigo 26, parágrafo 4º, da Lei nº 9.395, lê-se que o ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente as de matrizes indígena, africana e europeia”.¹⁵¹

g) A Lei nº 10.639, de 2003, amplia a valorização das culturas afro-brasileira e africana.

Essa lei é produto da pressão do movimento negro no Brasil e da sensibilidade do governo Lula, que sancionou essa lei. Dias diz que:

A Lei nº 10.639 teve como função responder às antigas reivindicações do Movimento Negro, mas com novas preocupações, principalmente com a implantação da mesma. Com isso, o Governo conseguiu não ser pressionado de imediato pelo movimento social, o que poderia causar constrangimento para a gestão de Lula logo no início. Cria-se na estrutura de governo a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, no dia 21 de março de 2003¹⁵².

¹⁵⁰ DIAS, Lucimar Rosa. *Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais – da LDB de 1961 à Lei nº 10.639 de 2003*. In. *História da Educação do Negro e outras histórias*. Brasília-DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 53.

¹⁵¹ DIAS, 2005, p. 57.

¹⁵² DIAS, 2005, p. 553.

A busca pela questão de raça, nas leis educacionais, foi uma tentativa de demonstrar que elas refletem a tensão presente na sociedade. A análise das leis permite afirmar que o resultado dessa tensão é tênue e frágil para dar conta do tamanho da desigualdade a ser enfrentada pelos governos e sociedade civil.

O que é importante dizer é que essa lei permite o ensino da História e cultura dos afro-brasileiros e africanos e ainda cria o dia Nacional da Consciência Negra, a ser comemorado no dia 20 de novembro de cada ano.

3.2 As políticas e ações afirmativas no Brasil

As políticas afirmativo-educativas são políticas desenvolvidas pelo Governo para grupos considerados minoritários da sociedade e para promover a inclusão destes no mercado de trabalho e nos sistemas educacionais formais do Estado. Nesse sentido, Rezen descreve que:

A expressão Ações Afirmativas tornou-se popular, neste início de século, quando o governo a divulga na imprensa, nas universidades, em diversos campos da vida social brasileira. Surgiram, na sociedade americana dos anos 60, para designar as políticas dirigidas aos grupos minoritários, negros, mulheres e minorias étnicas, destinadas a promover a inclusão destes no mercado de trabalho e nos diferentes níveis de ensino¹⁵³.

As políticas de inclusão começaram no Brasil depois do processo de redemocratização do país e depois da Constituição de 1988, quando os movimentos sociais começaram a pressionar o Governo de Fernando Henrique, fomentando uma publicação do Programa Nacional de Direitos Humanos em que reconhece a desigualdade racial e o racismo no país.

Rezen afirma que, no “Brasil dos anos 90 ao século XX, as antigas demandas dos grupos que se encontraram em situação de desvantagens social, sabidamente inscritas nas rubricas da questão racial, questão indígena e questão de gênero, pouco a pouco passaram a fazer parte da agenda do Governo”¹⁵⁴.

3.3 Políticas educativas afirmativas ou ações afirmativas

¹⁵³ REZEN, Maria Alice. *A política de Costas para negros na Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. In: *História da Educação do Negro e Outras Histórias*. Brasília-DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 157.

¹⁵⁴ REZEN, 2005, p. 158.

Alguns autores vão tratar como ações afirmativas os assuntos que envolvem os aspectos sociais e políticas dos negros. Contudo, o mais importante são as políticas e ações que diminuem a desigualdade racial no Brasil. Lira aceita o conceito de “ações afirmativas, que são chamadas de discriminação positiva ou políticas compensatórias, ou ainda ações educativas de inclusão a favor de negros e negras”¹⁵⁵.

3.3.1 O sistema de cotas na educação como ações afirmativas

É uma política que tem a sua fonte no movimento negro e se concretiza em uma lei do Governo Federal no sentido de garantir cotas para o acesso na universidade e nas escolas dos governos estaduais.

A primeira instituição federal de ensino superior a implementar o sistema de cotas foi a Universidade de Brasília, que aprovou, em junho de 2001, um plano de metas para integração racial e étnica. O projeto entrou em vigor em 2004, quando foram abertas vagas para os negros e para um percentual de índios. Lira afirma que ainda são vistas nas universidades públicas brasileiras questões vinculadas ao mérito e ao privilégio, o que, quase sempre, mantém as pessoas das periferias distantes, sem esse acesso ao curso superior, e, na grande maioria das vezes, sendo as vagas ocupadas por aqueles que têm condições de sua manutenção em universidades privadas¹⁵⁶.

A principal ação afirmativa na área da educação é a Lei nº 12.711, de 2012, conhecida como a Lei de Cotas, que estabeleceu que 20% das vagas dos vestibulares e universidades e institutos federais fossem destinados a candidatos negros.

No quadro abaixo, é possível conferir os números que demonstram o impacto da política de cotas nas universidades:

Ano	Universidades Federais		Institutos Federais	
	Total	Cotas	Total	Cotas
2013	221.650	70.849	44.507	20.448
2014	243.383	98.121	52.414	24.222
Total	465.033	168.970	96.921	44.670

Fonte: Secretaria de Ensino Superior (SESU/MEC). Novembro 2014.

¹⁵⁵ LIRA, Lilian Conceição da Silva de. *O Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUME) e suas ações educativas*. São Leopoldo, 2006, p. 51.

¹⁵⁶ LIRA, 2006, p. 55.

A lei estabeleceu uma adaptação progressiva das instituições de ensino. Além do número de vagas, algumas estatísticas chamam a atenção e ilustram o sucesso da adoção da política de cotas.

Entre 2013 e 2014, nas Universidades Federais, as vagas totais cresceram 10% e as vagas para cotistas passaram a 38%. Já nos Institutos Federais, no mesmo período, tanto o total das vagas quanto as vagas para cotistas cresceram 18%.

Em 2014, estima-se que mais ou menos 20% do total de vagas ofertadas pelas Universidades Federais (48.676) foram ocupadas por estudantes declarados pretos, pardos e indígenas. Isso corresponde a 49,6% das vagas destinadas a cotas. E, mais ou menos, 23% das vagas ofertadas pelos Institutos Federais foram ocupadas por estudantes declarados pretos, pardos e indígenas (12.055), o que corresponde a 49,7% das vagas destinadas a cotas. Ademais, outros dados do Ministério da Educação mostram que em 2014, 56% das 103 Universidades Federais já atingiram a meta da Lei das Cotas prevista para 2016. Esse percentual se eleva para 77,5%, no caso dos 354 Institutos Federais.

3.3.2 Os resultados positivos para as mulheres negras com as cotas

No Censo de 2009, já aparecem os resultados da participação das mulheres negras nos cursos superiores do Brasil. Segundo Sotero:

Nos últimos anos, a participação das mulheres negras no ingresso ao ensino superior tem crescido. Essa situação leva a problematizar como vem se realizando esse crescimento. O ingresso dos negros e pobres no ensino superior foi, ao longo dos dez últimos anos, em certa medida, promovido por ações próprias do IES ou do Estado. O crescimento, assim, atesta a efetividade e a necessidade de continuação dessas medidas, visando à contínua diminuição e, até, à superação das desigualdades no acesso e na permanência no ensino superior¹⁵⁷.

Os primeiros resultados começam a aparecer nos dados do IBGE, no Censo, onde as negras tiveram um acesso considerável nos cursos superiores. Além das ações afirmativas em instituições públicas, o Governo Federal introduziu, em 2005, nas IES particulares, o Programa Universidade para Todos (Prouni). O Prouni é uma política pública muito expressiva em termos quantitativos e tem em seu desenho a reserva de vagas para os negros e negras.

¹⁵⁷ SOTERO, Edilza Correia. *Transformações no acesso ao Ensino Superior Brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo*. In: Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília-DF: Ipea, 2013, p. 49.

Quanto ao ensino fundamental, existia uma hierarquização na educação, e isso aparece em 1995. Havia uma nítida hierarquização dos grupos, a qual obedecia à seguinte ordem para o caso do ensino fundamental: mulheres brancas, homens brancos, mulheres negras, homens negros, sendo que o diferencial entre as primeiras e os últimos é da ordem de 10 pontos percentuais. Sotero afirma que:

No caso das mulheres negras, em particular, sua participação no ensino médio manteve uma tendência de crescimento ao longo de todo o período. Se as mulheres negras, em 1995, tinham uma taxa de escolarização de 14,9%, esta mais do que triplica na série histórica, chegando a 49,8% em 2009, aproximando-se mais dos homens brancos, que, neste ano, contaram com uma taxa de 55,5%. Por sua vez, distanciando-se dos homens negros, que computaram uma taxa de 37,7% no mesmo momento¹⁵⁸.

As políticas públicas desenvolvidas nas últimas décadas têm aberto espaço para o acesso da mulher e do homem negros na estrutura do ensino formal.

3.3.3 A Lei nº 10.639/03 – Ensino da história e cultura africana nas escolas

A partir da aprovação da Lei nº 10.639/03, uma ação afirmativa é concretamente uma possibilidade de se corrigirem as injustiças e desigualdades históricas produzidas pelo período do escravismo criminoso no Brasil, o qual violentamente empurrou os africanos raptados da África e trazidos ao país à condição de escravos para a “zona do não ser”.

As marcas produzidas por essa situação histórica, vivenciadas pelos afrodescendentes no Brasil, refletem-se negativamente sobre estes na idade contemporânea. Segundo dados oficiais, atualmente 47% da população afrodescendente brasileira são vítimas de fortes desigualdades socioeconômicas e educacionais¹⁵⁹.

Diante deste contexto, acredito que a concretização do dispositivo legal da Lei nº 10.639/03 tornará possível, aos educadores e à comunidade educacional em geral, ações formativas e informativas sobre a história e a cultura africana e afrodescendente, evitando os equívocos e as interpretações distorcidas sobre as especificidades dessa etnia.

O que educadores e militantes afrodescendentes ensejam é a quebra dos imensos silêncios realizados no campo da educação, em relação aos diversos temas relativos à população afrodescendente. Portanto, penso ser relevante valorizar e respeitar as diversas

¹⁵⁸ SOTERO. 2013, p. 60.

¹⁵⁹ VIDEIRA, 2009, p. 271.

construções históricas, sociais e culturais de cada educando e trazê-las para dialogar com os saberes escolares¹⁶⁰.

A adoção de um novo paradigma para a educação brasileira, construído e pautado na diversidade étnico-cultural do povo brasileiro, colocando em equidade todas essas diversas expressões culturais, representa o início de uma proposta de uma sociedade verdadeiramente democrática, em que se valorizem e se respeitem a pessoa negra e sua descendência.

3.3.4 A lei de cotas para concurso público

Pela pressão do movimento negro, foi criada a Lei nº 12.990, estabelecendo que, nos concursos públicos federais, sejam reservadas 20 % das vagas para pessoas de cor parda e preta. Esse dispositivo legal possibilita e democratiza a entrada do negro no serviço público federal do Brasil segundo a Lei nº 12.990, de Nove de junho de 2014, promulgada pela Presidente Dilma Rousseff, a qual alterou outra lei federal, dando garantia e oportunidade para os negros nos concursos públicos do Governo Federal. Essa é mais uma ação afirmativa estabelecida pela democracia racial. No seu artigo primeiro, diz o seguinte: “Art. 1º – Ficam reservadas aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União, na forma desta Lei”¹⁶¹.

3.3.5 Dia da Consciência Negra como ação afirmativa

A Lei nº 10.639/ 03 instituiu o dia 20 de novembro como o “Dia da Consciência Negra”, incluindo essa data como referência no calendário escolar. Sabemos que, no entanto, não basta apenas incluir a data e fazer comemorações. A consciência negra deve ser trabalhada nas escolas diuturnamente, durante todo o ano letivo. De um modo geral, é possível afirmar que a lei trouxe, com certeza, muitos avanços. Não deixa de ser uma valorização, sobretudo, porque se trata de uma legislação que surge do próprio povo negro, incluindo-se aí os afrodescendentes que, no decorrer da história brasileira, sempre procurou, mesmo com todas as dificuldades, organizar-se em grupos de combate ao racismo e

¹⁶⁰ VIDEIRA, 2009, p. 273.

¹⁶¹ BRASIL. Presidência da República, *Lei nº 12.990 de 9 de junho de 2014*.

ultrapassar os limites dos muros da escola, estendendo-se e atingindo toda a sociedade. Souza escreve que:

A lei tem por objetivo fazer com que se crie um ambiente de debates, propõe, então, que se criem metodologias em que se elaborem projetos e se viabilizem ferramentas capazes de reconhecer, de corrigir e efetivamente, combater as desigualdades históricas da população negra¹⁶².

Mesmo com as garantias previstas em lei, essa população, pelos mais diversos motivos, não tem como ter acesso aos benefícios sociais que os dispositivos legais garantem a todos os cidadãos brasileiros. A UNA tem divulgado e propagado as comemorações no dia da Consciência Negra do Amapá.

3.3.6 Estatuto da Igualdade Racial

No dia 20 de Julho de 2010, foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Estatuto da Igualdade Racial, que foi fruto das lutas do movimento negro no Brasil. Nesse estatuto, no art. 1º, parágrafo único. Considera-se:

I – discriminação racial ou étnico-racial toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdade fundamental nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada¹⁶³.

A aprovação dessa lei trouxe um avanço especial em todos os campos da vida do negro no Brasil, pois a questão da discriminação e do racismo passa a ser observada como um processo de inclusão social, e cabe, a todo cidadão brasileiro, envolver-se nessa luta, promovendo a igualdade racial. O IMENA fez várias cartilhas, que foram distribuídas nas escolas, sobre a igualdade racial no Amapá e em todos os municípios. O IMENA possui escritórios em todos os municípios do Amapá.

3.4 As políticas públicas e educacionais para os negros no Amapá

No Amapá, as políticas públicas para o acesso do negro às escolas têm trazido dificuldades para a inclusão das religiões de matrizes africanas no processo de ensino e

¹⁶² SOUZA, Ivaldo da Silva. *As relações Étnico-raciais em sala de aula: Preconceito invisível, porém concreto*. Macapá-AP: Virtual Books, 2013, p. 31.

¹⁶³ BRASIL, *Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial*, Brasília-DF, 2013, p. 7.

aprendizagem religiosa. Custódio e Foster dizem que se “observa uma imposição do desvalor dos cultos afro-brasileiros, particularmente do candomblé, ao mesmo tempo uma pretensão de legitimidade do cristianismo”.¹⁶⁴ Nessa situação aparece concretamente o preconceito e o racismo como prática dominante dos sistemas de ensino no Brasil. O racismo é um preconceito contra um grupo específico, geralmente um grupo diferente daquele em que a pessoa está inserida e, assim sendo, é uma manifestação produzida por uma sequência de mecanismos sociais, inclusive pela escola.

Todos são iguais perante a Constituição Federal, sem distinção de qualquer natureza. A Constituição afirma, também, entre os seus pressupostos, que constituem princípios fundamentais da República Federativa do Brasil, o de “promover o bem comum, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação”. Sendo assim, os crimes considerados e originados de ações e manifestações de preconceitos raciais devem ser punidos pelas Leis nº 7.716/ 89 e 9.459/97.

Nos questionários foram realizadas algumas perguntas sobre as políticas governamentais para os negros. Na Escola Azevedo Costa, em Macapá, há uma percepção de que o governo faz políticas para melhorar a vida dos negros, como está registrado nos quadros abaixo.

QUADRO 07 – O governo faz política para valorizar o negro?

Número de Ordem	Tipo de resposta	Quantidade de respostas	Porcentagem
01	Sim	66	50%
02	Não	66	50%
Total		132	100%

Fonte: Questionários aplicados nos dias 29 a 30 de abril de 2015

Como se percebeu, cinquenta por cento responderam que o Governo não faz nada para valorizar o negro no Amapá. A outra metade disse que sim e, dessa forma, temos uma resposta do sobre o Governo.

Quanto ao item da educação, esse percentual aumenta conforme o quadro abaixo. Porém, essa percepção está relacionada a uma escola, e não podemos generalizar para todas elas, mas serve de parâmetro para se observar a participação do governo nas políticas de valorização do negro.

QUADRO 08 – Política que ajuda os negros na educação

Número de ordem	Tipo de resposta	Quantidade de respostas	Porcentagem
01	Sim	92	69,70%
02	Não	40	30,30%

¹⁶⁴ CUSTÓDIO; FOSTER, 2014, p. 106.

Total	132	100%
--------------	------------	-------------

Fonte: Questionários aplicados nos dias 29 a 30 de abril de 2015

Os alunos negros sentem uma melhora nas oportunidades de acesso às escolas públicas do Amapá e às universidades. Essa percepção está correlacionada com as políticas de cotas para os negros às universidades públicas e ao Fundo Investimento do Ensino Superior (FIES), que é o Financiamento do Ensino Superior (o qual abriu espaço para os alunos pobres e negros no Brasil). O aumento dos institutos federais superiores no Brasil também abriu a porta para mais pessoas ingressarem no ensino superior. A UNA e o IMENA têm lutado para acabar com a discriminação e o racismo nas escolas, desenvolvendo a entrega de cartinhas e promovendo palestras para conscientizar os alunos.

3.4.1 As ações afirmativas para o negro do Amapá

Os questionários foram aplicados na Escola Estadual Azevedo Costa e confirmam uma percepção dos alunos em quase 70%, pois 79 disseram que o Estado do Amapá ajuda os negros na área da educação e no fortalecimento da sua cultura. A maioria dos alunos que estuda nessa escola é negra. Também foram criadas várias leis estaduais para fortalecer as manifestações culturais e religiosas dos negros no Estado.

Já foi feito um levantamento da participação dos jovens negros nas escolas públicas do Estado, e o Amapá apareceu como o Estado que possui o maior índice de inclusão do negro na região Norte do Brasil¹⁶⁵.

É possível que o índice apontado esteja relacionado com o “fato de 73, 94% da população do Estado do Amapá ser negra”.¹⁶⁶ Porém, o IMENA, que possui escritório em todos os municípios, desenvolve trabalho de consciência sobre a discriminação e o racismo contra a mulher negra. Essas ações têm diminuído essas práticas no Amapá.

3.4.2 A UNA como articulador político das ações afirmativas

No processo de enfrentamento político da defesa dos direitos dos negros do Amapá, a instituição funciona como aquela que discute as propostas e projetos das reivindicações da população negra e encaminha-os para os políticos negros no parlamento, ou reivindica com proposições ao Executivo, quando há sensibilidade com as causas do grupo. Além disso, a

¹⁶⁵ ALVES, João Paulo da Conceição. *Aspectos sobre as desigualdades sócio-raciais no Brasil e no Amapá*. Macapá: Estação Científica (UNIFAP), v.1, n. 1, p. 57-73, 2011.

¹⁶⁶ INSTITUTO DE MULHERES NEGRAS DO AMAPÁ – IMENA. *Cartilha Fala Nega*. Macapá-AP: IMENA, 2015, p. 77.

UNA é vista como um espaço para conquistar votos e, por isso, muitos políticos procuram atender às demandas dessa instituição. Piedade Lino Videira descreve como a União dos Negros articula as políticas:

A construção do Centro de Cultura Negra do Amapá, como referencial da cultura de base africana no Amapá, certamente configura-se em um espaço real de luta pela afirmação da negritude contra o racismo e a discriminação étnica, mas também como lugar de articulação política e de viabilidade social dos movimentos negros locais, assim como das comunidades quilombolas rurais¹⁶⁷.

Essas instituições de defesa dos negros do Amapá, como a União dos Negros do Amapá, catalisam as demandas, por meio de reuniões com as comunidades, em seus diferentes aspectos, e as encaminham para serem realizadas através dos canais políticos da sociedade amapaense ou brasileira.

3.4.3 As cestas básicas para as mulheres quilombolas

Ultimamente, o número de grupos tem aumentado, conforme informação da Coordenadora das Mulheres Afrodescendentes do Amapá. À medida que são reconhecidos os quilombos, em cada quilombo são formados um grupo de Marabaixo. Talvez o que incentive a criação dos grupos de Marabaixo sejam as cestas básicas que recebem do Governo Federal. Cada quilombo, ou mulher quilombola, recebe do Governo Federal uma cesta básica. Segundo a coordenadora, existem no Amapá cerca de 240 espaços quilombolas que, na sua maioria, também adotam a prática do Marabaixo.

Na UNA funciona o escritório da Coordenação Nacional das Mulheres Quilombolas, onde são realizados cursos de formação política e de organização dos quilombos no Estado do Amapá. Outra atividade é a distribuição de cestas básicas para as mulheres quilombolas. Para a coordenadora, o Marabaixo é uma atividade política que serve como articulador do povo negro no Amapá, pois todos os remanescentes de quilombo possuem as suas raízes africanas, e o Marabaixo é uma dessas raízes. Na sociedade amapaense, é trabalhada a ideia de que o Marabaixo é uma dança ou somente uma manifestação cultural. Essa prática é um processo de esconder ou minimizar a prática do Marabaixo como instrumento de luta e de resistência do negro.

O Crescimento do Marabaixo se deve à organização da Coordenação Nacional das Mulheres Negras Quilombolas, que vem fazendo um trabalho de mobilização estadual para legalização dos quilombolas no Estado do Amapá. Para Núbia Souza, coordenadora nacional

¹⁶⁷ VIDEIRA, 2009, p. 293.

das mulheres negras do Amapá, há previsão de organização de aproximadamente 240 quilombos, mas hoje são organizados e legalizados 80. Porém, existem 45 grupos de Marabaixo e, no último dia da Semana de Consciência Negra, apresentaram-se 47 grupos. É importante lembrar que a coordenadora nacional das mulheres quilombolas hoje se tornou a Secretária da Secretaria dos Afrodescendentes do Amapá, nomeada pelo Governador Waldez Góes, em 2014.

3.4.4 Acesso das mulheres negras na educação superior no Amapá

É com muita dificuldade que as mulheres amapaenses têm acesso a educação superior no Estado. Porém, nos últimos 10 anos, com a política de inclusão do governo Lula e Dilma, com o FIES e outras bolsas, as mulheres estão mais presentes nas universidades do Brasil, principalmente as mulheres negras. E no Amapá não é diferente. Segundo o IBGE, fazendo-se uma comparação entre os anos 2000 e 2010.

QUADRO 09 – ACESSO DAS MULHERES NEGRAS NO CURSO SUPERIOR, ANO 2010, NO AMAPÁ

01	Cor Branca	24.396
02	Cor Preta	7.866
03	Cor Parda	31.811
04	Cor Amarela	-0-
05	Indígena	-0-

Fonte: IBGE, Censo de 2010.

Nesse quadro, temos os dados das mulheres que tiveram acesso à educação superior. Fazendo-se uma comparação com a cor parda e branca, percebemos a grande diferença em relação à cor negra. Faço uma ressalva para o entendimento de que tanto as pardas quanto às pretas estão juntas, na mesma categoria de mulheres negras, segundo as categorias utilizadas pelo IBGE.

As políticas de inclusão do Governo Federal e do Governo do Estado têm possibilitado a entrada de mulheres, não somente no Ensino Médio, mas também nas universidades, com os mecanismos financeiros que facilitam a entrada dos pobres e dos negros nos cursos superiores. Ainda devem ser feitas muitas ações para diminuir essas diferenças entre os brancos e negros no Brasil e no Amapá.

QUADRO 10: ACESSO DAS MULHERES NEGRAS AO CURSO SUPERIOR NO ANO 2000, AMAPÁ

01	Cor Branca	7.585
02	Cor Preta	1.818

03	Cor Parda	11.909
04	Cor Amarela	-0-
05	Indígena	-0-

Fonte: IBGE, Censo de 2000.

Comparando o Censo de 2000 em relação ao Censo de 2010, verifica-se um aumento da participação da mulher negra no acesso ao curso superior no Amapá.

3.4.5 Criação da Secretaria Extraordinária dos Afrodescendentes como ações afirmativas no Amapá

No estado, algumas leis foram criadas para melhorar a vida do negro no Amapá. Podemos citar a criação da Secretaria Extraordinária dos Afrodescendentes do Amapá, determinada pelo Decreto nº 0811, de 20 de fevereiro de 2004¹⁶⁸. Essa secretaria articula todas as atividades relacionadas com os negros no Amapá. Outra ação foi a criação do dia 20 de novembro, data local, da comemoração da Consciência Negra do Amapá, projeto apresentado pela deputada negra Cristina Almeida.

3.4.6 Projeto de lei que cria o botão do pânico para mulheres

A deputada negra apresentou um projeto que beneficia todas as mulheres que são violentadas pelos homens, sejam namorados ou maridos. Pelo projeto, é obrigatória a distribuição de dispositivo de segurança conhecido como “botão do pânico”¹⁶⁹ para mulheres vitimadas por violência doméstica, como medida protetora, em todo Estado do Amapá. Essa lei funciona como ação afirmativa, pois garante o direito de as mulheres negras ou brancas decidirem sobre sua vida e determinarem como devem viver a própria vida.

3.4.7 O crescimento das religiões afro como ação afirmativa

O Censo mostra que, de 2000 a 2010, houve um crescimento do número de adeptos do Candomblé no Estado, aumentando de 0,3% a 0,5%. Também os dados das entrevistas comprovam isso, pois o número de filhos e filhas de santo aumentou, assim como o número de sacerdotes, segundo informações dos sacerdotes Marcos Ribeiro e do filho de santo Elaison Duarte Martins.

¹⁶⁸ ANEXO, Decreto nº 0811 de 20 de fevereiro de 2004, do Governador Waldez Góes do Amapá.

¹⁶⁹ Diário Oficial do Estado do Amapá, Lei nº 1963 em 16 de dezembro de 2013, em anexo.

Percebe-se uma preocupação do Pai de Santo, Marcos Ribeiro, com o crescimento de sua casa. Segundo ele, há terreiros espalhados por Macapá e Santana. Nesse processo de expansão, muitos filhos e filhas de santo foram preparados para serem pais de santo. Hoje, o sacerdote Marcos Ribeiro é considerado o avô, pois, em seu terreiro, ele já possui *netos de santo*. Para mostrar a evolução dos adeptos do candomblé, faremos uma retrospectiva da evolução dos terreiros (casas) visitados. O primeiro terreiro visitado foi o do sacerdote Marcos Ribeiro, identificado como nação Ketu.

De acordo com Santos, entre 2013 e 2015, houve um crescimento expressivo do número de terreiros e filhos de santo, conforme quadro a seguir:

QUADRO 11 – Relação dos filhos e dos pais de santo no Amapá

Número de ordem	Ano	Filhos e filhas de santo	Pais e mães de santo
01	2013	30	25
02	2015	50	28
03	2015	Casas	300

Fonte: Entrevista concedida a Francisco Maurício de Sena Júnior em 2014.

Como se observa, houve um crescimento do número de filhas e filhos de santo, bem como do número de sacerdotes. No estado existem 300 casas de santos, espalhadas em todos os municípios do Amapá. E, segundo Marcos Ribeiro, elas alcançam cerca de 1200 pessoas em todo Estado.

É interessante o processo de crescimento do Candomblé no Amapá, onde, em pouco tempo, podemos observar a quantidade de filhos e filhas de santo, que podem reproduzir o grupo e chegar a criar novos terreiros.

O quadro a seguir mostra a evolução dos filhos de santo do Candomblé:

QUADRO 12: Filhos e filhas de santo do Candomblé

Pais de Santo	Ano 2010	Ano 2015
Pai Marco Ribeiro	20	60
Armando do Rosário de Oliveira	45	40
Iolete da Silva Nunes	21	31
Pai Salvino	20	40
Total	106	171

Fonte: Dados das entrevistas realizadas no período de 2014 a 2015

Tanto os dados de campo, como as informações do IBGE, confirmam um aumento da população nas religiões. E é possível que esse aumento tenha a ver com o apoio de políticos como os últimos governadores e prefeitos do Estado e, também, com a força do

movimento dos negros e das negras na localidade, que têm lutado e proposto mudanças na sociedade amapaense e nas relações étnico-raciais.

3.4.8 Síntese

Neste capítulo, foram apropriadas as ações afirmativas e educações afirmativas desenvolvidas pelo movimento negro no Brasil e no Amapá. Foram lutas que, acrescentadas a um rol de leis, afirmaram a cor negra como integrante da cidadania brasileira. Além disso, já sabemos que a Constituição Federal garante os direitos fundamentais da pessoa humana como patrimônio da vida.

Hoje, a UNA e o IMENA, com suas políticas de inclusão, têm facilitado a entradas dos negros nas escolas e universidades, a partir das propostas que já foram (e são) defendidas por parlamentares negros. A educação, como processo de inclusão, abrange todas as pessoas, sejam negras ou deficientes, que, pela lei, têm direito à educação e ao espaço de trabalho, tanto nas instituições públicas quanto nas instituições privadas. As mulheres negras, que sofriam um processo duplo de discriminação e exclusão na sociedade dos brancos, levantaram suas bandeiras de lutas e hoje já recebem uma parte dos seus direitos, em pé de igualdade com os homens. A luta pela igualdade de gênero continua forte e precisa da mobilização das mulheres para a ocupação definitiva de seus espaços de direito. A UNA e IMENA continuam na luta para difundir, a todos, que a igualdade racial é uma forma de valorizar o negro como em sendo um ser humano igual ao branco.

CONCLUSÃO

O presente trabalho pretende promover uma pequena contribuição, com a análise de um tema que possibilitou o início de diálogo entre as religiões e a Igreja Católica do Estado do Amapá. E, a partir de ações educativas afirmativas, ocorridas nas escolas, a partir de propostas políticas defendidas pela UNA que, junto com o IMENA, articula, com os parlamentares negros, para viabilizar políticas públicas favoráveis aos grupos. Além disso, a UNA é considerada um espaço sagrado para as religiões de matriz africana, a qual, na Semana da Consciência Negra, articula a participação dessas religiões e da Igreja Católica, representadas pelos padres negros que participam dos cultos em conjunto com os sacerdotes das religiões afro.

A experiência da UNA, como ONG atuante no estado há quase 28 anos, e sua atuação como sujeito histórico-social, demarcada pelo racismo e pela discriminação, têm promovido o resgate da história do povo negro, a partir de estudos sobre a história e a cultura religiosa da matriz africana no Brasil como componentes imprescindíveis à formação histórica do povo Amapaense e brasileiro.

Procurou-se compreender a origem e as ações educativas dessa ONG (UNA); fez-se uma breve incursão na história do Movimento Negro e em suas religiões; procurou-se perceber as ações de resistência, como procedimentos que promovem a educação como instrumento de reprodução de suas tradições, a partir de suas religiões. Observou-se que o processo educativo que ocorre nos terreiros permite a reprodução e a continuidade da tradição, por meio dos filhos e filhas de santo que, aliás, têm aumentado nos últimos dez anos.

As mulheres negras, com o seu IMENA, avançaram dentro das políticas afirmativas para os negros e para as negras do Estado. E, no momento, possuem uma deputada negra como representante e, por isso, muitas das manifestações são realizadas por intermédio do seu gabinete. Por ela fazer parte do Instituto, as suas políticas estão articuladas com essa instituição, o que favorece o encaminhamento e a aprovação das propostas em favor das negras e dos negros.

Da UNA, veio-nos a interrogação sobre o significado do termo “Diálogo Inter-religioso”, que procuramos responder ao longo do segundo capítulo. Apontou-se que o ser do diálogo, para a UNA, tem a ver com a identidade negra das pessoas que compõem a organização e a democracia racial, como princípio básico de convivências das etnias. E, embora as religiões de matrizes africanas estejam de braços abertos para as outras religiões,

existe o impedimento do desconhecimento sobre o que essas religiões pregam e em que elas acreditam.

Destacamos a participação da UNA, que organiza, no movimento da consciência negra, a Semana da Consciência Negra, em busca do diálogo com outras religiões do Estado do Amapá, mesmo sabendo do exclusivismo das religiões cristãs. Mas já existe um começo de caminhada, iniciada pelo entrevistado B, que pode, no futuro, abrir espaço para a participação do clero católico e de seus fiéis. E, embora o bispo de Macapá não acredite, a maioria dos participantes do Marabaixo diz-se católicos.

A partir dos relatos, nós podemos inferir que o tipo de diálogo entre as religiões e a Igreja Católica ocorre somente com um ou dois padres, que são negros, porém, o bispo do Estado não assume a possibilidade de legalizar essa parceria, que já existe há cerca de 20 anos. A sua posição é de separação: cada religião em seu espaço religioso. Mas existe uma possibilidade, ocorrida com criação da Pastoral dos Afrodescendentes, criada pela Igreja Católica para facilitar o diálogo com os negros no Amapá.

Embora não tenham sido apresentados, os conflitos resultantes das relações dessa experiência são latentes e causam muitos desconfortos, pois não é difícil imaginar que as mudanças no cenário brasileiro, com a inclusão dos negros em várias áreas da sociedade brasileira e amapaense, incomodam os setores conservadores.

Quanto à inclusão nas atividades culturais, religiosas e educativas, observamos serem práticas atuais, conforme respostas dos questionários e dos relatos. Embora tenhamos observado a ausência de jovens e de crianças, contudo, segundo os dados dos entrevistados e do IBGE, houve aumento do número de adeptos dessas religiões.

A partir da experiência apresentada, percebeu-se que a UNA funciona como um grande articulador das políticas em favor dos negros nos aspectos da religiosidade, educação, racismo e discriminação. E que as demandas fazem parte das reivindicações da comunidade em que a UNA encontra o fórum para viabilizar e solucionar os seus problemas.

Nesta dissertação, estão explícitos valores sobre religião e ações educativas afirmativas, no sentido do empoderamento, do respeito à diversidade e à pluralidade religiosa, dos serviços em favor dos excluídos e do combate ao racismo e à discriminação.

Em relação à predominância das instituições das religiões, pensamos que é consequência da luta dos negros pelo seu espaço dentro da sociedade civil. Há um caminho a percorrer na construção desse espaço, de forma diferente, a partir de outros princípios e padrões da etnia.

Nesse contexto, não seria difícil imaginar os negros se inscrevendo em um espaço predominantemente marcado pela matriz religiosa católica dominante que, por sua incapacidade de dialogar com as religiões, não flexibiliza seus conceitos para sentar-se à mesa de negociação, para uma convivência pacífica e de tolerância com o diferente. Mas existe um avanço com os padres negros que participam da missa do quilombo, na Semana da Consciência Negra em Macapá, fato que tem gerado uma integração com as religiões afro.

Em verdade, o respeito e o convívio, o diálogo com o outro e toda a sua cosmovisão diferenciada requerem um esforço grande e contínuo, uma vigilância, uma autocrítica e uma reeducação constante, conduta que, para funcionar, precisa ser movida pela ética e convicção.

Percebe-se um processo dialético de relações de poder entre os negros e as suas instituições sociais, que reivindica as suas demandas para serem realizadas pelo poder Executivo e, por outro lado, os governadores que atendem às demandas dos negros com uma preocupação com os votos nas eleições. Essa preocupação dos agentes políticos propicia um espaço de negociação que serve para avançar as lutas dentro das necessidades dos afro-amapaenses. Hoje os negros estão divididos entre dois governadores que alternam no poder estadual e que têm sensibilidade com as causas desse grupo social.

Existe a necessidade de aprofundar a questão da ausência das crianças e dos jovens nas atividades religiosas das religiões afro. Embora o IBGE tenha informe de um crescimento das religiões, entra em contradição com as observações do pesquisador. Nesse sentido, precisam ser realizadas novas pesquisas para refutar ou afirmar essa situação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Adenilton Tavares de. *O diálogo inter-religioso e o lugar da LASD*. Revista Kerygma. UNASP, V. 8, n 1, 1º sem. São Paulo, 2012, p. 13-36.
- ALVES, João Paulo da Conceição. *Aspectos sobre as desigualdades sócio raciais no Brasil e no Amapá*. Estação Científica (UNIFAP). Macapá, v.1, n. 1, 2011, p. 57-73.
- ALVES, Luiz Alberto Souza. *Cultura religiosa: caminho para a construção do conhecimento*. Curitiba: Ibpx, 2009, p.155-156.
- ALVES, Rubens. *O que é religião?* São Paulo, 2008, p. 27.
- ARANTES, Valéria Amorim. *Inclusão escolar*. São Paulo: Summus, 2006, p. 16.
- BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 73-89.
- BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos Orixás*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 176-203.
- BIZON, José; DARIVA Noemi; DRUBI, Rodrigo. *Diálogo Inter-religioso*. São Paulo: Paulinus, 2005, p. 17.
- BOGDAN, Robert. In: BIKLEN, Sári. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto, 1994, p. 48.
- _____. *Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial*. Brasília-DF, 2013, p. 7.
- CERVO, amado Luiz. In: BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica*. 4ª Ed. São Paulo: Makron Books, 1996, p. 48-138.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995, p. 300.
- _____. *Resistência e repressão*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 15.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diálogo Católico Pentecostal*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 54.
- CORRÊA, Eugênio furtado; BATISTA, Manuel; SENA JÚNIOR, Francisco Maurício. *Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Macapá: Da luta à sua fundação*. Monografia, UFPA. Amapá, 1986, p. 11-12.
- CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. *Cultura Brasileira e Religiosidade*. Curitiba: Ibpx, 2008, p. 78-97.
- CUSTÓDIO, E. S; FOSTER, E.L.S. *Ensino religioso e religiões de matrizes africanas*. V. 19, n.1. São Leopoldo-RS: Revista Identidade, 2014, p.95-109, jan-jun.
- DIAS, Lucimar Rosa. *Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais – da LDB de 1961 a Lei nº 10.639 de 2003*. In: História da Educação do Negro e

outras histórias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília-DF, 2005, p.53-57.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 32-106.

_____. *Observaciones metodológicas sobre el estudio del simbolismo religioso*. Madrid: Taurus, 1995. (3ª impressão, 1983).

ELIADE, Mircea; KITAGAWA, Joseph. *Metodologia de la historia de las religiones*. Barcelona: Paidós, 1986, p. 126.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas e Técnicas para o Trabalho Científico: Elaboração e formatação*. Explicação das Normas da ABNT. Porto Alegre: [s.n.], 2005, p. 35.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço Sagrado*. Curitiba, 2008, p. 72.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais e Educação*. São Paulo: Cortez, 1992, p. 68.

HEERDT, Mauri Luiz; BESEN, José Artulino; COPPI, Paulo de. *O Universo Religioso*. São Paulo: Mundo e Missão, 2005, p. 206-209.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss 3*. São Paulo: Objetiva Ltda, 2009.

INSTITUTO DE MULHERES NEGRAS DO AMAPÁ – IMENA. *Cartilha fala Nega*. Macapá-AP: IMENA, 2015, p. 77.

KUNG, Hans. *Para uma teologia ecumênica das religiões: algumas teses para esclarecimento*. In: KUNG, Hans et al. *O Cristianismo entre as religiões mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.146-167.

LIRA, Lilian conceição da silva de. *O Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUME) e suas ações educativas*. São Leopoldo, 2006, p. 51.

MACIEL, Alexsara de Souza. *Conversa amarra preto: a trajetória história da União dos Negros do Amapá: 1986 – 2000*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 30-129.

MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. *Experiência e interpretação do sagrado na interface entre história e literatura*. In: *Experiências e Interpretação do Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. *O desafio das diferenças nas escolas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 11.

MARDONES, José Maria. *A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 88.

MARIN, Rosa Acevedo. *A Escrita da História Paraense*. Belém: NAEA-UFPA, 1998, p. 46.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. *Inclusão: compartilhando saberes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 19.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 151-156.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciências, técnica e arte: o deságio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. Ed. 15, Petrópolis: RJ: Vozes, 2000, p. 16-18.

MORAIS, Paulo dias; MORAIS, Jurandir dias; ROSÁRIO, Ivoneide Santos. *História do Amapá*. Macapá: JM, 2006, p. 38.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a Rebelião Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 17-32.

NEVES, J. L. *Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades*. Cadernos de Pesquisas em Administração. São Paulo, v.1, n. 3, 2º sem./1996, p.1.

PAGÁN, Luís N. Rivera. *Evangelización y violència: La conquista de América*. San Juan-Puerto Rico: Cemi, 1992, p. 307.

PAIVA, Maurício de; VIDEIRA, Piedade Lino. *Rufar dos Tambores: Imagens e encontros*. Amapá: Caixa Preta Stúdio Gráfico, 2014, p. 5.

PEREIRA, Decléoma Lobato. *O Candomblé no Amapá: História, Memória, Imigração e Hibrismo Cultural*. Dissertação de Mestrado, UFPA, Belém, 2008, p. 68.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Malungos na escola: Questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 21.

PYE, Michael. *Refletindo sobre a Pluralidade de Religiões*. Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora v.4, n. 2 (2º sem. 2001) Juiz de Fora: UFIF, 2001.

QUEIRUGA, André torres. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 27.

RAMPAZZO, Lino. *Metodologia científica*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 119.

REIS, Arthur César Ferreira. *Território do Amapá: Perfil histórico*. Departamento de Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1949, p. 55.

REZEN, Maria Alice. *A política de costas para negros na universidade do estado do Rio de Janeiro*. In: História da Educação do Negro e Outras Histórias. Secretaria de Educação continuada, alfabetização e Diversidade. Brasília-DF, 2005, p. 157-158.

RIES, Julien. *O sentido do Sagrado nas Culturas e nas Religiões*. São Paulo: Ideias e Letras, 2008, p. 22.

ROMÃO, Jeruse. *História da educação do negro e outras histórias*. Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. Ministério da Educação. Brasília-DF, 2005, p. 51.

ROSENDRAL, Zeny. *Espaço e Religião: Uma abordagem Geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002, p. 30.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas e UFPA, 1971, p. 221.

SANTOS, Fernando Rodrigues dos. *História da Conquista do Amapá*. Fortaleza: Premium, 2013, p. 161.

_____. *História do Amapá*. 7ª Ed. Amapá: Grafinoorte, 2006, p. 23.

SCHLOGL, Emerli. *Ensino Religioso: perspectiva para os anos de ensino fundamental e ensino médio*. Curitiba: Ibpx, 2009, p. 116.

SENA JÚNIOR, Francisco Maurício de. *Evaluacion de las actividades de minerias en el estado de Amapá*, 2001, 347 fl. Tese de Doutorado. *Universidad Latinoamericana de ciência Y tecnologia*, San José-Costa Rica, 2001, p. 161.

SILVA, Geraldo da. *Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológica*. In: *História da educação do negro e outras histórias*. Secretaria de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília-DF, 2005, p. 68-75.

SILVA, Jeane Lúcia do Carmo da; LAMEIRA, Maria de Fátima Tavares; SILVA, Maria Célia Borges da; ALMEIDA, Maria Raimunda. *Identidade da Mulher Negra na História de Macapá (1995 – 2002)*. TCC, Macapá: UNIFAP, 2007, p. 37-44.

SILVA, Sebastião Menezes. *Curiaú: a resistência de um povo*. Macapá-AP: SEMA, 2004, p. 28.

SOTERO, Edilza Correia. *Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo*. In: *dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília-DF: Ipea, 2013, p. 49-60.

SOUZA, Ivaldo da Silva. *As relações ético-raciais em sala de aula: Preconceito invisível, porém, concreto*. Macapá-AP: Virtual Books, 2013, p. 31.

TEIXEIRA, Faustino. *Diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio*. *Revista Convergência* ano 34, n. 325, set. 1999, p. 433-448. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/ecumenismo/dialogointer-religioso>> Acesso em 29jan2015.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Batuques, Folias e ladainhas*. Fortaleza, 2013, p. 134.

_____. *Marabaixo, Dança Afrodescendente: Significando a identidade étnica do negro Amapaense*. Fortaleza: UFC, 2009, p. 77-293.

VIDEIRA, Piedade Lino e CAPIBERIBE, Camilo. *Rufar dos Tambores*. Governo do Amapá, 2014, p. 13-15.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: Para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006, p.63.





ANEXO A

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA-ESPÍRITO SANTO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

QUESTIONÁRIO**A- IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO**

1. Idade: _____
2. Cor: _____
3. Ano: _____
4. Bairro: _____
5. Religião: _____
6. Igreja: _____

-PERGUNTAS FECHADAS:

7. Existe discriminação na escola por causa de religião?
a) Sim _____ b) Não _____
8. Os negros têm direito a sua religião:
a) Sim _____ b) Não _____
9. Por que os negros têm vergonha de falar de sua religião?
9.1 Por causa de discriminação?
a) Sim _____ b) Não _____
- 9.2 Por causa de as pessoas fazerem relação com o diabo?
a) Sim _____ b) Não _____
- 9.3 Por causa do poder da religião dominante?
a) Sim _____ b) Não _____

B- PROFESSOR

- 1) O Professor ainda discrimina o aluno negro?
a) Sim _____ b) Não _____
- 2) O professor aceita a religião do aluno negro sem discriminação?
a) Sim _____ b) Não _____
- 3) O aluno rejeita o professor negro em aula?
a) Sim _____ b) Não _____

C- O GOVERNO

- 1) Faz políticas para valorizar o negro?
a) Sim _____ b) Não _____
- 2) Ajuda os negros na área da educação?
a) Sim _____ b) Não _____
- 3) Ajuda na conservação da cultura do negro?
a) Sim _____ b) Não _____

D- SITUAÇÃO DO NEGRO E DE SUA RELIGIÃO**-PERGUNTAS ABERTAS:**

4. O que deve ser feito para melhorar a vida do negro no Brasil e no Amapá?

5. O Marabaixo é uma religião?

6. A União dos Negros do Amapá é considerada também um lugar sagrado para as religiões dos negros?

7 Por que os jovens se afastam das religiões africanas no Brasil?



ANEXO B

PÚBLICO-ALVO: SACERDOTES CATÓLICOS QUE PARTICIPAM DA UNA

IDENTIFICAÇÃO:

NOME: Entrevistado B

IDADE: 52 ANOS

FORMAÇÃO: Bacharel em Teologia e Filosofia

FUNÇÃO: Sacerdote da Igreja católica

1. O que motivou a sua participação na semana da Consciência negra?

R= O fato de ser negro e lutar pelos direitos dos negros no Amapá.

2. O fato de ser sacerdote e participar dessas atividades religiosas dos afro-brasileiros é uma posição individual ou é uma participação da Igreja Católica como um grupo coletivo?

R= O negro, para a sociedade... a pessoa não tem uma noção antropológica da sua luta social. A participação dos negros é vista de forma folclórica e cheia de preconceitos pelo próprio negro e de brancos, e a Igreja está longe de ter uma relação inter-religiosa com as outras religiões. Nós podemos dizer que estamos como católicos e representamos a igreja. Não assumimos essa identidade cultural do povo do Amapá.

3. Você está participando com o aval do bispo de Macapá?

R= É uma participação como cidadão, e nunca perguntei para ele sobre sua posição. 100% do povo que está ali são católicos na consciência negra.

4. No caso do Marabaixo, coloca-se como uma manifestação cultural ou o Marabaixo é uma manifestação religiosa de cunho catolicismo popular?

R= É uma manifestação religiosa de cunho popular, do catolicismo popular.

5. Alguns católicos reclamam da sua participação?

R= Dom João recebeu do Acre uma carta de uma senhora, reclamando como o bispo deixava um padre católico participar de uma manifestação de Umbanda.

6. Segundo o Censo de 2010, existe uma diminuição da participação dos jovens negros nessas atividades religiosas. O que você acha disso?

R= Eu vejo uma informação contraditória, pois tem existido uma revitalização da participação dos jovens, não no nível que espera a maioria da sociedade negra. Apesar da adesão nas manifestações ser ainda pouca, existe um crescimento dessa participação. O que acontece é

que a população se afasta pelo preconceito que sofre, e muitos jovens perdem a sua essência da tradição.

7. A introdução de coisas novas pode ser a razão desse afastamento dos jovens?

R= A perda total do sentido religioso das festas, que é colocada como uma espetacularização, ou seja, realizar a tradição como um espetáculo, e isso está acontecendo com o Marabaixo e o batuque.

8. As políticas afirmativas dos Governos Federal, Estadual e Municipal têm ajudado as manifestações culturais e religiosas no Amapá?

R= Não existe nenhuma política do Estado, da Prefeitura e do Governo Federal que ajude os afro-brasileiros. Tanto do Governo, como da Prefeitura, não existe nada.

9- Existe uma encíclica católica que cria condições do diálogo inter-religioso com outras religiões. O que tem acontecido no Amapá, nesse sentido?

R= Por falta de pessoas que assumam essa dimensão do diálogo com o outro, o que impede é o preconceito de todos os lados, que dificulta essa aproximação.

10. A Semana da Consciência Negra é esse espaço de diálogo inter-religioso?

R= Não. É uma coisa isolada, onde eu não represento a Igreja. Eu não posso fazer isso sozinho.

11. Qual a importância da União dos Negros do Amapá como espaço de valorização do negro no Amapá?

R= A luta é desorganizada e é um espaço sem expressão. Os objetivos não foram atingidos, como está escrito no Estatuto da União dos Negros. Não se trabalha para isso se realizar, falta de uma política dos movimentos negros no Amapá, o que muitas vezes reduz a discussão dos indivíduos negros.

12. Falta uma ação coletiva dos negros do Amapá. A igreja está interessada na consciência negra?

R= É uma questão que não interessa à Igreja Católica. A igreja está interessada com a política partidária, o evangelismo. Isso não é preocupação da igreja.

ANEXO C

PÚBLICO-ALVO: BISPO DA DIOCESE DE MACAPÁ

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado C

IDADE: 54 anos

FORMAÇÃO: TEOLOGIA E FILOSOFIA

DATA: 02.05.2015

FUNÇÃO: SACERDOTE CATÓLICO

1-Você acha que o Marabaixo é uma religião?

R= Acho que não, é uma expressão popular. Talvez de origem das religiões africanas, expressão do povo que expressa o seu sofrimento. Deve ser respeitada e valorizada. Nós aceitamos na festa de São José, como padroeiro, a sua manifestação e acolhemos eles. Cada cultura tem a sua forma de sentimentos e deve ser valorizada.

2. A Igreja assiste à festa na União Negra do Amapá?

R= Nunca fui convidado. Todo povo tem direito à sua expressão de sentimentos para unir. O folclore serve como expressão de sua cultura e sua história. Os católicos precisam dialogar com essa cultura.

3. O Marabaixo, que tem elementos católicos e africanos, é expressão de uma religião?

R= Uma religião, em suas atividades, deve ser organizada e estruturada dentro de um padrão. Por exemplo, São Benedito é uma festa popular de expressão religiosa dos negros. São tradições nas festas católicas como do Espírito Santo e da Trindade.

4. O que acha dos elementos católicos como santuários onde estão os santos católicos e a murta – um cipó que amarra o mastro e são elementos africanos?

R= São tradições africanas dos escravos, que através do tempo foram juntadas com o catolicismo. Não sei bem a história do Marabaixo. Acredito no que eles fazem e muitas vezes vêm pedir à Igreja para nós rezarmos a Missa.

5. A maioria desses negros não é católica?

R= Devemos fazer uma diferença entre a fé da Igreja e a fé deles. Não se discute a religiosidade deles. Eles têm direito à sua religião.

6. O que você acha da participação do padre Paulo Roberto?

R= Existe uma pastoral dos afrodescendentes, que é o padre Francivaldo. A pastoral é uma iniciativa da Igreja para fortalecer o movimento dos negros e lutar contra o racismo e a discriminação.

7. O que você acha da missa negra rezada pelo padre Paulo?

R= Aqui na igreja sou eu quem reza a missa nas festas dos santos católicos. Não tenho muita informação sobre isso.

8. Essa prática da missa na Semana da Consciência Negra não é uma forma de diálogo da Igreja com as religiões Afro?

R= Sim, é positiva, não incentiva a briga, tem respeito e incentiva a fazer juntos a luta em favor do negro.

9. O que você acha das políticas para ajudar os negros?

R= Não sei falar sobre isso. Não sei o que o Governo faz para os negros. Não sei muito coisa.

10. Você acha que a União dos Negros do Amapá é um lugar sagrado?

R= Já fiz uma visita lá em 2007. Respeito o que eles acreditam nas suas religiões. São pessoas de boa vontade, são amadas por Deus. Eu respeito eles.

11. Já foi convidado a participar da Semana da Consciência Negra?

R= Nunca fui convidado.

12. O que acha da participação dos católicos no Marabaixo?

R= Acolhemos como católicos o uso da festa do Espírito Santo, em que eles usam a murta com que fazem como elementos vivos de sua fé.

13. O que acha do racismo e da discriminação?

R= Acho errado isso que fazem com os negros. Em 1988, fizemos a Campanha da Fraternidade para valorizar os negros.

14. Existe a possibilidade de a Igreja Católica se aproximar da Umbanda e do Candomblé?

R= Tenho respeito por eles, não tenho convivência. O Sincretismo religioso é uma mistura de tudo. Temos que saber o que é Católico, o que é da Umbanda. Eles têm toda liberdade de manifestar sua religião, e nós, a nossa.

15. Se for convidado para rezar uma missa no terreiro, você vai?

R= Não devo ir, pois se trata de uma expressão específica de louvar os seus mistérios. Não participo.

16. Você faria um culto ecumênico?

R= Infelizmente não. Não temos que confundir as coisas. Os mistérios de cada coisa são separados e confidenciais de cada religião.

ANEXO D

PÚBLICO-ALVO: REPRESENTANTE DA UMBANDA NO AMAPÁ

IDENTIFICAÇÃO:

NOME: Entrevistado D

IDADE: 61 ANOS

FUNÇÃO ESPIRITUAL: SACERDOTISA, NAÇÃO MINA NAGÔ

FUNÇÃO SECULAR: PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DA UMBANDA DO AMAPÁ

FORMAÇÃO: ENSINO MÉDIO

NOME DO TERREIRO: Terreiro de Mina Nagô Nossa Senhora das Graças. Av. Carlos Gomes, 573, Bairro Jesus de Nazaré, Macapá.

1- Quando assumiu a presidência da Federação de Umbanda do Amapá?

R= A partir de 2007. Fui chamada pelo Secretário da Secretaria Extraordinária dos Afrodescendentes do Amapá, o senhor José Libório e por Marilda Silva, que queriam reorganizar a Federação, pois estavam sem presidente, pois era a Dona Dulce, que estava morta há um ano. Foi feita uma reunião para discutir o novo estatuto da federação. Por motivo de organização, foram convidados para essa reunião 36 pais e mães de santo, em março de 2007. Por aclamação, fui eleita presidente da federação. Nessa reunião da escolha do presidente, estavam presentes 28 pais e mães de santo, 25 entre adeptos e simpatizantes. Hoje, A federação possui 132 sócios entre pais e mães de santo do Amapá.

2. Você acha que está aumentando o número de pessoas simpatizantes com as religiões afrobrasileiras no Amapá?

R= Está aumentando, pois, hoje, tem muitos pais de santo novos. No estado do Amapá, existem aproximadamente de 500 a 600 terreiros. Muitos trabalham escondidos, sem mostrar a sua cara, por causa de discriminação e preconceito.

3. Você acha que o Governo e a Prefeitura ajudam as religiões afro no Amapá?

R= O único governo que sempre ajudou e quer ajudar outra vez é o do governador Waldez Góes. Ele sempre ajuda nas festas de santos e nos terreiros. Com a volta dele ao Governo, já nos mandou chamar, pois quer ajudar a nós.

4. Nos terreiros, fazem cursos para os filhos e filhas de santos ou para os simpatizantes?

R= Sempre estamos desenvolvendo cursos, seminários, palestras sobre a Umbanda dentro do terreiro e fora. Fazemos cursos sobre ervas, os pontos dos guias e dos caboclos, dos orixás. Explicamos como se faz o batizado de um iniciante. Também para fazer a cabeça de um filho ou filha de santo, fazemos palestras...

5. Qual o tempo para uma pessoa se tornar um pai de santo na Umbanda?

R= Depende da pessoa. Se for uma pessoa dedicada, em até dois anos ela estará pronta para levar sozinho o seu terreiro. Porém na média fica de 2 a 5 anos. Para o filho de santo, geralmente é um ano.

6. Quantos filhos e filhas de santo existem em seu terreiro?

R= 31 entre filhos e filhas de santo. Em 2007, eu possuía 21 filhos e filhas de santo.

7. Como foi o seu início na Umbanda?

R= Eu comecei com 11 anos de idade, fazendo trabalho de Umbanda, com 10 anos já estava desenvolvida na mediunidade. A família era contra a minha iniciação na Umbanda, somente a minha mãe ficou do meu lado. Sofri muitas humilhações, discriminação. Hoje a minha mãe é evangélica.

8. Como é a sua relação com o padre Paulo, da Igreja Católica Apostólica do Amapá?

R= É uma relação ótima, pois ele não discrimina ninguém.

9. Você participou do encontro dos tambores na União dos Negros do Amapá?

R= Participei e sempre participo. Precisamos valorizar a nossa religião.

10. Você acha que a União dos Negros do Amapá é um lugar sagrado para as religiões afro?

R= É um lugar onde se realizam os eventos da Umbanda de do Candomblé e de outras religiões. É lugar dos cultos afrorreligiosos, é onde estão os assentamentos dos orixás.

11. Como é a relação da Umbanda com os adeptos da Marabaixo?

R= É muito boa. Nos eventos, participamos juntos da Semana da Consciência Negra. Nunca sentimos nenhuma discriminação por parte deles.

12. O que deveria ser feito para melhorar as atividades da União dos Negros do Amapá?

R= A diretoria deveria fazer um levantamento do está precisando na estrutura física da União dos negros e levar para o governador. Ela precisa restaurar tudo, os banheiros, os espaços administrativos; está faltando energia, água, está faltando tudo. Precisa de uma reforma geral. Fazer um museu, biblioteca, etc.

13. O que deveria fazer em termos de educação?

R= Fazer seminários para os estudantes, congressos com os negros do Amapá, cursos sobre os direitos dos negros, palestra para os simpatizantes, etc.

14. Como é a relação da Igreja Católica com a Umbanda no Amapá?

R= Hoje não existe perseguição, mas já existiu no passado, no período de 60 a 90 anos passados. Hoje quem nos persegue é a Igreja Universal. Eles estão usando as nossas ervas em seus cultos.

15. Quantos metros medem o seu terreiro?

R= São 8 metros de frente por 3 de comprimento. Temos 3 compartimentos, um para os convidados e para os caboclos falarem com os clientes, onde o caboclo bebe e fuma. Um segundo para fazer as trocas de roupas, e um terceiro para a cozinha onde se faz a comida para os orixás e caboclos e para as pessoas. Também uma casa de Exu, que fica na frente de sua casa de morada.

16. Como vocês fazem a educação para a comunidade?

R= Desenvolvemos trabalho com seminários na escola, dentro do terreiro para as pessoas de fora. Na rede nacional, para os afro-brasileiros, existe um plano de saúde chamado Renave, eu sou a coordenadora no Amapá.

17. Por que muitos pais de santo estão mudando de tradição, indo para o Candomblé?

R= Querem mais um grau. A minha nação é Mina nagô. Querem pegar os fundamentos do Candomblé para usar nos seus filhos e filhas.

18. Há algumas pessoas que são pai e mãe de santo dentro do Marabaixo?

R= Sim, algumas são da Umbanda.

19. Por que o IBGE afirmou com seus dados que os afrorreligiosos estão diminuindo no Brasil?

R= Acho que é discriminação. Precisam melhorar o questionário para sentir os afrorreligiosos. A discriminação leva muitos dos afrorreligiosos a não responderem que são da religião.

20. Existe uma boa relação com os católicos no Amapá?

R= Existe um bispo da Igreja Católica do Brasil que sempre vem realizar missa em nosso terreiro.

21. A senhora é feliz na sua religião?

R= Sim, pois desenvolvo a minha espiritualidade com muita alegria e persistência. Tenho amor no que eu faço.

22. Quantas pessoas atendem na Semana?

R= De 150 a 200 pessoas entre simpatizantes da Umbanda, do Candomblé, espíritas, católicos e evangélicos.

23. Vêm muitos políticos em seu terreiro?

R= Principalmente nas eleições, deputados, senadores, governadores, vereadores, prefeitos, etc. Eles às vezes ajudam financeiramente nessa época.

24. Quanto custa um trabalho?

R= Geralmente vai de R\$450,00 a R\$600,00. Tem muitas pessoas que não têm dinheiro. Nós fazemos caridade. A sociedade pensa que a gente engana as pessoas. Isso porque não conhece o nosso trabalho, falta divulgação.

ANEXO E

PÚBLICO-ALVO: FUNDADORES DA UNIÃO DOS NEGROS DO AMAPÁ

IDENTIFICAÇÃO:

NOME: Entrevistado E

IDADE: 58 ANOS

PROFISSÃO: ADVOGADO

FORMAÇÃO: CURSO SUPERIOR

QUALIFICAÇÃO NA INSTITUIÇÃO: SÓCIO-FUNDADOR, PRIMEIRO-PRESIDENTE

1. Quando foi fundada a União dos Negros do Amapá?

R= Foi fundada em 1987, por 7 pessoas que iniciaram a discussão.

2. Quais os objetivos da União dos Negros do Amapá?

R= Eram as questões filosóficas, a questão da negritude, os direitos dos negros, o resgate da história dos africanos no Amapá e no Brasil e a preservação das tradições do Marabaixo e do batuque. A legalização se deu em 1989, com o estatuto que foi publicado no Diário do Estado do Amapá. Participamos de vários eventos nacionais e internacionais. Tivemos ajuda da instituição do Pará, chamada de ADENPLA, Associação em Defesa dos Africanos no Brasil.

3. Quais os cargos que existiam escritos no Estatuto?

R= Eram as coordenações como: coordenação geral, coordenação cultural, coordenação social, coordenação de pesquisa, coordenação de esporte. Ligada à coordenação social estava a questão das finanças.

4. Como sobrevivia com as finanças?

R= Dependia das doações, principalmente do prefeito, que era negro, Azevedo Costa.

5. Vocês tinham o sonho de ter estrutura física?

R= Existia, mas isso foi conseguido com a Raimundinha Ramos, que teve que relacionar a instituição com partidos políticos.

6. Você concorda que existe um espaço religioso para os adeptos do Candomblé?

R= Nós tínhamos a ideia de defender todas as manifestações culturais dos negros e também as atividades religiosas. O objetivo nosso era congregar todas as atividades dos negros.

7. O que você acha do relacionamento da União dos Negros do Amapá com a política partidária?

R= Somente uma presidente não relacionou as atividades da UNA com a política partidária, foi a Maria José Libório, que teve autonomia em relação aos políticos. A Raimunda Ramos fez um grande trabalho cultural, mas vinculou a política partidária.

8. O que você acha da diminuição dos números de afroreligiosos no Amapá?

R= Eu acredito que, por conta do preconceito, muitos dizem que são católicos e não dizem a sua verdadeira religião. Muitos vivem nas duas religiões.

9. O que você acha das cotas para negros?

R= Eu sou contra, acho que limita a entrada do negro nas universidades, diminui a participação dos negros.

10. Quanto à entrada dos negros nas escolas?

R= O Governo do Estado tem regulado a entrada dos negros no Amapá, e sua participação é mais efetiva. O que é mais importante é incluir o negro na história da África.

11. O que você acha do crescimento do racismo hoje?

R= É preocupante, pois os negros estão desmobilizados. É preciso se organizar outra vez e partir para o enfrentamento.

12. O que você acha da atual administração da União dos Negros dos Amapá?

R= Não tem compromisso com as verdadeiras lutas dos negros, falta mais compromisso.

ANEXO F

PÚBLICO-ALVO: FILHO DE SANTO (PRATICANTE DE CANDOMBLÉ NO AMAPÁ)

IDENTIFICAÇÃO:

NOME: Entrevistado F

IDADE: 20 ANOS

DATA: 13.04.15

PROFISSÃO: AUXILIAR DE PRÓTESE DENTÁRIA

FORMAÇÃO: Ensino Médio completo

TEMPO DE CANDOMBLÉ: 3 anos

FUNÇÃO: Ogã Asogum (Pai da faca)

1. Quando iniciou sua prática no Candomblé?

R= Iniciei em 12.10.2011, quando fui convidado por um amigo para conhecer e participar de uma festa de caboclo. Depois da festa, me senti atraído pelo som dos tambores. O som dos tambores chamou atenção. Depois dessa festa, eu fui livremente, de forma espontânea, frequentar o barracão. Depois de dois anos fui aceito como ABIAN (leigo participante). Então fui suspenso, fui liberado para a participação nos locais internos do barracão. Então, o orixá Xangô autorizou a participar como adepto. Após esse tempo, eu escolhi fazer a iniciação. Fui iniciado como filho de Odé (Orixá Odé).

2. Qual foi o ritual para o iniciado?

R= É o isolamento de 16 dias, dentro do templo, sem poder ter contato com o mundo externo. Foi feita a Cura, onde fui raspado em 3 partes da cabeça. Um corte na frente da cabeça e dois nas laterais. Antes dos 16 dias precisa comprar todo material para fazer a Cura. São estes os materiais:

- 1) Um terno branco (Berger, sapatos, cueca, tudo branco);
- 2) dois bodes brancos;
- 3) oito galinhas brancas;
- 4) dois patos brancos;
- 5) um pombo branco;
- 6) duas picotas brancas;
- 7) uma saca de farinha de mandioca;
- 8) um litro de óleo de oliva;
- 9) um litro mel de abelha;
- 10) duas garrafas de cachaça;
- 11) um litro de vinho branco;
- 12) seis quartinhos;
- 13) um kit de louças (pires, pratos, copeira , faca);
- 14) seis velas brancas de sete dias.

Todos os dias, às quatro horas da manhã, levanta-se para tomar os banhos com ervas. Esses são os materiais para fazer os banhos: folhas de arueira, folha de Acoco, folhas de

sombra do mundo, milho (erô água de milho). Durante as sextas-feiras não ocorre nada. É o dia Efun, dia branco, língua Iorubá. Fica deitado o dia todo. Come peixes, carne branca. Nos outros dias pode comer as comidas normais, exceto carne que seja escura. No último dia, é a saída que representa o nascimento. A pessoa é apresentada à comunidade de candomblé como filho de santo. A partir dessa cura, são realizadas as obrigações. Após esse momento, a pessoa fica mais 16 dias sem tomar banho de sol. Precisa usar um chapéu. Nesse momento, não bebe bebida alcoólica, não pode fazer sexo. Depois desse momento, você é iniciado e tem autonomia de praticar o seu cargo, que, no meu caso, é ogã de asogum, Pai da faca. A partir desse dia passei a ser responsável pelos sacrifícios de animais.

3. Como são feitos os sacrifícios no ritual do Candomblé?

R= A partir do momento em que os animais entram para Ilê (casa), eles têm que ficar em descanso. No dia do sacrifício, são contados os fundamentos (contos dos orixás, que vão ser sacrificados). Depois dos santos, o Asogum corta o pescoço, para aparar o sangue. Depois de retirado o sangue, certas partes do corpo do animal são usados para sacrifício. Partes dos órgãos internos como bucho e tripas são jogadas nos rios ou florestas. O sangue é colocado nas quartinhas. Fica por dois dias e depois é feita a limpeza, e descartado nos rios ou florestas. Parte do corpo é usada para alimentação da comunidade. Só há sacrifícios de animais em festa dos orixás ou caboclo de orixá. Quando é na Umbanda, não se fazem sacrifícios.

4. O que o orixá toma como líquidos?

R= Alguns orixás bebem somente água.

5. Você é médio de incorporação?

R= Não. Eu não consigo ver e nem escutar nada. Somente um dia que estava no barracão sozinho eu vi os erés, que são os espíritos.

6. Quantos compartimentos o terreiro de Pai Marcos possui?

R= Existem sete casas para cada orixá, como as casas de: orixá Odé, Ogum, Exu, Oxum, Oxalá, Runcó, Sabajé. É uma casa para cada orixá. Também tem uma casa para os caboclos, um quarto do orixá roncó, onde também se trocam as roupas. O sacrifício é feito dentro de cada casa do orixá. O templo Xiré é o local onde se faz a dança do ritual dos filhos de santo.

7. Quantos anos demoram em ser um pai de santo?

R= 14 anos.

8. Existe disciplina para os filhos de santos?

R= Podem ser suspensos de suas atividades, ou ser expulsos por falta grave. A pessoa pode ser expulsa por rebeldia, quando não obedece ao pai de santo ou acha que sabe mais do que o pai de santo.

9- Existem cursos, educação para os filhos de santo ou clientes?

R= Existem vários cursos como: curso de cantos, curso de ervas, curso de alimentos para os orixás, curso de massagem, curso de percussão e outros tipos de curso, como aprender a língua ioruba.

10. Existe a participação de políticos do Estado?

R= Muitos políticos ajudam e participam das festas dos orixás. Vereadores, perfeitos, deputados federais e estaduais, governadores e vice-governadores.

11. A Associação da liga recebe recursos financeiros do Estado e da Prefeitura?

R= Recebe, e muitas vezes são realizados os projetos que são financiados por dinheiro público. Também fazem reclamações que o dinheiro é muito pouco.

12. Quantos filhos e pais de santo o pai Marcos possui?

R= Hoje tem 50 filhos no barracão. Em 2013, tinha 30. No geral são 25 casas de candomblé filiadas. Quando foi apresentado um projeto para conseguir dinheiro do governo, foi colocado 300 casas de pais de santo. Existem 25 pais de santo com casas e três mulheres que são mães de santo, mas não têm casa.

13. O que é colocado na casa de Exu?

R= Todos os assentamentos (moradas de exu). São colocadas velas de sete dias que ficam acesas durante todo o tempo. Também são colocados só os temperos como dendê, mel, cachaça, vinho, terra de cemitério. A casa de Exu fica na entrada do barracão.

14. Quantos metros possui o barracão?

R= São 44 metros de fundo e 35 metros de largura. Tem o local das plantas, que é um quintal que fica na frente do barracão, com ervas. Os pais de santo recebem dinheiro do pai Marcos quando recebe dos projetos de Governo e da Prefeitura.

15. Qual a cor dos participantes?

R= A maioria é de negros e pardos, poucos brancos.

ANEXO G

PÚBLICO-ALVO: SACERDOTE DA UMBANDA DO AMAPÁ

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado G

DATA: 20.11.2014

FORMAÇÃO: ENSINO MÉDIO

FUNÇÃO SECULAR: Oficial de Justiça

FUNÇÃO RELIGIOSA: Sacerdote da Umbanda

FUNÇÃO NA UNIÃO DOS NEGROS DO AMAPÁ: participa da Semana da Consciência Negra

1. Como você iniciou na Umbanda? Conte a sua história?

R= A minha história de vida como Francisco de Assis Carvalho começa com os meus cinco anos, quando apareceu a primeira manifestação e minha mãe me levou para benzer e afastar o mal. Depois cresci e comecei a trabalhar no mundo secular como oficial de justiça do exterritório do Amapá. Mesmo como funcionário público, continuavam as manifestações espirituais. Em 1967, da noite para o dia, larguei tudo e viajei para Belém do Pará. Isso aconteceu em transe, pois os guias me tomaram e quando acordei estava em Belém. Fiquei em Belém e andei em vários terreiros para desenvolver minha mediunidade. Fui preparado em Belém na linha de Umbanda e voltei para Macapá em 21 de maio de 1972. Meu guia de frente é Constantino, Baiano Grande, chapéu de Couro, e o contra chefe é cabocla Jarina; o chefe de frente é Ogum rompe mato; o padrinho de coroação é Mariana e marinheiro Ita. O Guia de gira no barracão é Zé Raimundo Buji Buá da Trindade. O Centro São Judas Tadeu foi criado em 27 de julho de 1972, cumprindo todas as obrigações da Umbanda aqui em Macapá, residindo há 42 anos. O Seu atendimento ao público se dá em todas as classes sociais e religiões. Atendo aqui pessoas evangélicas, católicas, espíritas, adventistas; vem qualquer pessoa que está com problemas. Geralmente é mais gente da alta sociedade e poucas pessoas populares. A minha felicidade é trabalhar para ajudar as pessoas necessitadas espiritualmente. Faço muitos trabalhos no cemitério, nas encruzilhadas, nos rios, nas cachoeiras e nas matas. Com meu dom, estou há 28 anos sem beber. A minha preparação foi em Belém do Pará, em um terreiro que ficava na Av. Conselheiro, bairro do Marco. A minha mãe de santo é Odília Machado, que tinha o seu terreiro chamado São Jorge. Na iniciação de minha corrente, fui preparado em todos os rituais da Umbanda, que tiveram as seguintes atividades: desenvolvimento Banho de cabeça, oferenda para orixás, fortificação do corpo, assentamento de cabeça, Amansia de cabeça, cruzamento de corpo. Depois da coroação, quando estava bem desenvolvido na mediunidade, sendo as minhas forças da mediunidade vidência e clarividência, incorporação, intuição. A vidência é capacidade de ver as coisas com os olhos fechados, vê algo no todo ou em parte, espiritual e material. A clarividência é quando se vê com os olhos abertos. Hoje só trabalho na linha branca para fazer o bem. Os orixás de Umbanda são santos como São Jorge (ogum), Oxóssi (São Sebastião), Xangô (São Jerônimo), Iemanjá (Nossa senhora da Conceição), Iassan (Santa Bárbara) e, como principal, Oxalá, que é Jesus, o Cristo.

2. Quando se filiou à Federação da Umbanda do Amapá?

R= Filiei-me à Federação da Umbanda do Amapá em 1972, e essa primeira foi desativada por problemas de gestão financeira. Participo de todos os eventos na cidade (inclusive o rufar dos tambores).

3. Qual a importância da criação da União dos Negros do Amapá?

R= Foi importante ter criado a União dos Negros do Amapá, porém é pouco utilizada para as atividades de todas as classes religiosas do Amapá.

4. Quantos terreiros existem no Estado do Amapá?

R= Hoje existem 500 terreiros, e registrados na federação, 350. Eu acho que a Umbanda está crescendo no Amapá. Isso ocorre porque o povo está sofrendo muito espiritualmente por falta de desenvolver a sua mediunidade. As pessoas não aceitam o dom que Deus deu e sofrem por isso.

5. Quantas pessoas você atende por dia ou semana?

R= Em nosso terreiro atendo nos dias de segunda, quarta e sexta-feira. 60 pessoas por dia. Os maiores problemas: doenças, negócios, questões amorosas. Não existe variação no atendimento por dia por causa do conhecimento que as pessoas têm do meu trabalho.

6. Qual a sua participação na União dos Negros do Amapá?

R= Participo na União dos Negros do Amapá, no dia de rufar os tambores, quando os pais de santo, inclusive eu, dançamos, e às vezes ocorre a incorporação nas festas à noite.

7. O que os pais de santo fazem antes de rodar no dia da festa?

R= No dia que vai ocorrer o rufar dos tambores tem uma pessoa que vai preparar o espaço de forma espiritual com enfeites, jogar banhos de cheiro, fazer a defumação. Quando existe a festa dos santos em outros terreiros, eu sou convidado.

8-Quais as festas de santos de que você participa?

R= Existem algumas datas de festa dos santos: São Sebastião é no dia 20 de janeiro; São Jorge é no dia 23 de abril; Iansã no dia 12 de fevereiro; Oxalá varia em muitas datas.

9. Existe um calendário das festas de santos na Umbanda?

R= O certo é que existe um calendário dos santos, e cada terreiro organiza o seu, mas existe um calendário que é geral para todos.

10. Quantos filhos e filhas de santo existem hoje e quantos no passado, em 2010?

R= Hoje possuo hoje 5 filhos de santo, mas já tive 20 e, às vezes, 40. Existe a falta de responsabilidade para os trabalhos na Umbanda, o jovem não quer ter responsabilidade.

11. A União dos Negros do Amapá é um lugar sagrado para os umbandistas?

R= Sim, pois ali estamos há mais de 20 anos participando da Semana da Consciência Negra, que é uma forma de valorizar a Umbanda e os negros no Amapá.

12. O que você acha da participação do padre Paulo Roberto rezando as missas do dia da consciência negra?

R= Ele é um amigo de todos nós, e respeitamos a sua vontade de conversar como católicos com a nossa religião.

13. Como você vê a participação dos jovens nas atividades religiosas das religiões Afro?

R= Vejo com muita preocupação, pois os jovens não querem nada, não têm responsabilidade para realizar as obrigações e as exigências da religião. Os jovens só querem ir para festas e namorar.



ANEXO H

PÚBLICO-ALVO: SACERDOTE DE CANDOMBLÉ

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado H

IDADE: 51 ANOS

FORMAÇÃO: CURSO SUPERIOR (DENTISTA)

FUNÇÃO RELIGIOSA: SACERDOTE DE CANDOMBLÉ

FUNÇÃO SECULAR: Presidente da Lira (Liga das Instituições Religiosas Afro-ameríndios)

DATA: 20.06.2014

1. Conte a sua história de como entrou no candomblé?

R= A minha história de vida de como iniciei a vida na Umbanda, primeiramente, e depois no Candomblé.

Os meus pais eram evangélicos e estava frequentando a igreja junto com meu pai e minha mãe. Estava indo muito bem minha vida, participando de todas as atividades da igreja. Aos 14 anos de idade, comecei a descontrolar-me, a ter desmaios e a sentir depressão. As pessoas da igreja oravam e não passava. Com certo tempo, o meu avô, que era pai de santo, morreu. Ele era um famoso pai de santo em Icoaraci, em Belém do Pará. No falecimento, eu estava com 12 anos de idade, no ano de 1976. Com essa idade fui batizado na igreja. Nessa idade, tinha sensação de medo, pânico, enquanto frequentava a igreja. Passei um ano sem estudar por causa dessa situação. Então meus pais me levaram para o pastor. O pastor orava e eu melhorava, porém, com o tempo, voltava tudo outra vez. Com 14 anos comecei a andar no bairro, próximo de minha casa e, ao escutar o barulho de um tambor, logo me atraiu o som. O terreiro ficava na Rua Bom Jardim, era do sacerdote Lucival Franco da Costa, conhecido por seu Vavá. Nesse dia tinha festa de caboclo. Fiquei encantado com o ritual e a sonoridade dos tambores e dos cânticos dos caboclos. O dono da casa chegou perto de mim e falou que eu tinha uma grande luz e que era um dos deles e pediu para que eu voltasse. No outro retorno, falou dos meus problemas e da minha descendência. Nesse período tomava antidepressivos quando voltavam os problemas que sentia. O pai de santo falou que eu precisava desenvolver e que isso ia passar. Esses problemas tinham a ver com a descendência de meu avô e que eu precisava continuar a herança da família. Comecei a frequentar escondido da família. Deixava as roupas em uma casa próxima ao terreiro, com dona Maria José, que também era adepta da Umbanda. Com 3 anos na casa do seu Vavá, aprendi os cânticos dos caboclos, os segredos, os fundamentos, a ritualística. Nesse tempo recebi o cargo de Pai pequeno da casa. Ai começaram os conflitos, pois existiam pessoas mais antigas que queriam assumir esse cargo.

2. Por que mudou de tradição da Umbanda para o Candomblé?

R= Quando chegou o ano de 1982, mudei de tradição, saindo da Umbanda e entrando no Candomblé linha keto.

3. Onde está localizado o seu terreiro?

R= Hoje possuo um terreiro no Congós, na Rua 8, onde possuo 60 filhos que frequentam o terreiro.

4. Quantos filhos e filhas de santo existem em seu terreiro?

R= Antes possuía 20 filhos e filhas de santo. Também existem 12 comunidades com terreiros em Macapá, são 10 terreiros, em Santana são dois. Existem, em Macapá, cerca de 400 pessoas da tradição Keto, espelhadas nas duas cidades.

5. O que você acha da diminuição dos adeptos das religiões afro apontada pelo IBGE?

R= O censo aponta uma diminuição das religiões afrobrasileiras, mas isso se dá pela vergonha que as pessoas têm de se aceitar essas religiões, que são discriminadas. Muitos fazem essa opção para escapar da discriminação no Amapá e no Brasil. No censo, muitos afirmam que são católicos ou espíritas.

6. Qual o motivo para criar a Lira?

R= A Lira (Liga das instituições Religiosas Afro-ameríndias do Estado do Amapá) foi criada para abrigar as pessoas de minha nação. Possui 240 casas registradas de Candomblé no Amapá. Cada casa possui pessoas aceitas como simpatizantes e os adeptos. Os clientes da casa, simpatizantes e adeptos formam um total de cerca de 1500 pessoas.

7. O Governo Estadual apoia as atividades do Candomblé no Amapá?

R= O Governo do Estado apoia coisas pontuais. Recebemos apoio do Governo e da Prefeitura, principalmente nas comemorações dos cultos ameríndios e africanos. Os eventos como educação religiosa, cursos, congressos, seminários, festas de orixás, fazemos um projeto e colocamos, por exemplo, 20 mil, e só recebemos 5 mil. Agora estamos com este projeto do Terreiro Empreendedor, para ensinar os pais de santo a serem mais profissionais e garantirem a sua sobrevivência como profissionais do Candomblé. Embora recebamos tão pouco da área pública, fazemos várias atividades para garantir o lado financeiro com cursos e ajuda dos simpatizantes que nos ajudam nas nossas atividades religiosas.

8. A União dos Negros do Amapá é um lugar sagrado para o Candomblé do Amapá?

R= Sim, lá nós temos os assentamentos dos orixás e todos os anos participamos da Semana da Consciência Negra junto com o Padre Paulo.

9. Como você vê a participação dos jovens nas atividades religiosas do Candomblé?

R= Eles têm participado ativamente e temos muitos jovens em nossas casas.

10. Como você vê a participação do padre Paulo nas atividades do Candomblé?

R= É uma pessoa excelente, muito amigo dos adeptos do Candomblé, às vezes vem rezar missa em nossas festas. E na Semana da Consciência Negra, participamos juntos da Missa rezada por ele.

11. Existe um avanço nas políticas do Governo para melhorar a vida do negro no Amapá e no Brasil?

R= Temos visto o sistema de cotas para o negro entrar na universidade, e aqui os deputados têm aprovado leis que ajudam a nossa identidade como pessoa. Foi criada a Secretaria Estadual dos Afros no Estado do Amapá.

12. Qual a sua posição em relação a não participação do Bispo da Igreja Católica de Macapá nas atividades da semana da consciência negra?

R= Temos que respeitar a sua posição, mas penso que no futuro essa relação vai melhorar. Já temos a participação de um padre católico negro que reza a missa nesses anos todos. Já é um começo.



ANEXO I

PÚBLICO-ALVO: SACERDOTE DO CANDOMBLÉ QUE PARTICIPA DA UNA

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado I

IDADE: 51 anos

FORMAÇÃO: Ensino Médio

FUNÇÃO: SACERDOTE DE CANDOMBLÉ

TERREIRO: DE MINA NAGÔ SANTO ANTÔNIO

DATA: 23.09.2014

1. Com quantos anos você começou a incorporar as entidades?

R= Com 12 anos, aqui no Amapá. Mas eu comecei a ter sintomas aos 7 anos. Logo veio a reação de meus pais, que eram católicos, e não aceitava de nenhuma forma essa situação. Eles diziam que era invenção, que era da minha cabeça, que era coisa de doido e, por isso, levava muitas surras. Minha família morava próximo da Igreja São Pedro e mudou de endereço. Fomos morar próximo de um terreiro, perto da caixa d'água, no Buritizal. Esse terreiro chama-se São Francisco de Assis, do pai de santo José Polásio, sacerdote de Umbanda. Ninguém sabia, ou seja, a minha família não sabia que ali existia um terreiro. Depois que começamos a morar, um certo dia começou o batuque de tambor . Nesse momento fui incorporado por várias entidades, e a família ficou chocada, chorando, e meu pai levou para a casa do seu Apolônio, que começou a me tratar da mediunidade. Depois de um certo tempo, eu era maltratado pelo meus pais e irmãos, que não aceitavam. Quando a minha família achou que não tinha mais jeito, fui expulso de casa. A partir daí comecei a viver em vários terreiros de Macapá. Então meu pai me procurou e me levou para casa, onde construiu uma tenda no quintal para mim. No quintal da minha casa trabalhei durante 10 anos. Depois fiz uma viagem para o Maranhão para fazer a cabeça ou coroação da cabeça no Tambor de Mina, na cidade de Ponderé, com o pai de santo Nicomedes. Depois fui fazer as minhas obrigações em Belém, em 1987, com o pai de santo Beto, do bairro Cidade Nova 6, WE, 72, casa 23, no terreiro de Santa Bárbara. Depois fiz outras iniciações em outras nações como Angola. Posteriormente fiz a iniciação no Tambor de Mina Vodou e Mina nagô. Depois de um certo tempo, fiz a minha migração da Umbanda para o Candomblé .Em 1995, fui feito aqui em Macapá, pelo pai Evandro de xangô, Pai Rodolfo de Oxossi. Depois continuei com as obrigações e fiz entrega de comidas para os orixás. Fiz também obrigações com o pai Bira, e a cabeça em 2013, na tradição do Candomblé. Hoje estou com o pai Edson de Oxum da Bahia. Aqui neste terreiro que estou hoje, que começou em 1989, foi criado o terreiro definitivo com ajuda dos caboclos e clientes. Hoje estou com 34 anos seguindo nessa religião. O barracão mede 5 metros de largura e 25 de fundo. Possui 4 cômodos. O primeiro quarto é para os caboclos; o segundo é para as consultas; o terceiro quarto é de ronco ou dos santos onde há a preparação; o quarto é

para trocar de roupas. Existe outra área que é do templo, que possui 4 metros de comprimento e 4 de largura. Também existe a casinha de Exu, onde ele é o guarda dos axés, é a segurança da casa. Os Exus são os guardiões do terreiro.

2. Quantos filhos e filhas de santo possuem?

R= Hoje há cerca de 10 filhas de santo e dez filhos de santo que não faltam aos compromissos, embora existam mais 20 que faltam muito. Atendemos 20 pessoas por semana. Antes, já tive 45 filhos de santo. O Meu santo frente é caboclo de Mina José Raimundo e Marinheiro

3. Você acha que está diminuindo o número de pessoas na Umbanda e no Candomblé?

R= Na minha visão está aumentando e tenho como critério para afirmar isso o número de outras casas que estão surgindo em Macapá e em outros municípios. O meu calendário é o seguinte: dia 11 de junho é a festa de José Raimundo e, no dia 12 desse mesmo mês, a festa de Santo Antônio. No mês de dezembro, fazemos a festa no dia 26, dia de São Benedito e, no dia 27, a festa do seu Marinheiro.

4. Quais as classes sociais que participam de seu terreiro ?

R= É mais a classe média, pois as classes pobres não podem comprar o material para fazer o trabalho. Mas muitas pessoas pobres nós ajudamos fazendo um passe e trabalhos para ajudar o necessitado. Existe muita discriminação contra as pessoas da Umbanda e do Candomblé. As pessoas do Marabaixo veem a gente como estranhos ou extravagantes. Olham com os olhos de estranho.

5. O Governo ajuda os pais de santo nas festas?

R= Os Governos ajudam muito pouco nas festas. O Governo sempre ajuda nas festas tradicionais como o Dia da Consciência Negra.

6. Você participa da festa da Consciência Negra na União dos Negros do Amapá?

R= Eu sempre participo da festa na União dos Negros do Amapá. Todos os anos eu participo com outros pais de santo dessa festa que valoriza os negros.

7. O que deve ser feito para melhorar essas festas?

R= Dar maior apoio tanto o Governo como a Prefeitura.

8. O que você acha do Padre Paulo?

R= É uma pessoa maravilhosa, um ser humano que respeita a nossa religião e dá respaldo às nossas festas religiosas, inclusive participa delas.

9. Por que as igrejas cristãs discriminam essas religiões?

R= Eles acham que é do demônio, diabólica e não aceitam que os caboclos não são demônios, mas sim entidades que ajudam as pessoas.

10. Você acha que os jovens estão se afastando das religiões? Quais seriam as causas?

R= É por que eles não querem aceitar a disciplina. Quando existe, no sábado, estudos dos fundamentos, eles têm que ficar o dia todo. E, muitas vezes, eles não querem ficar, eles querem namorar, ir para festas. Muitas vezes têm vergonha da namorada pela roupa branca que usam e pelos adereços como cordões no pescoço. Os jovens querem atividades que sejam alegres e querem viver uma vida livre e moderna. Estar de branco e com colares é cafona, têm vergonha da namorada.

11. Por que os censos de 2000 e 2010 apontam uma diminuição dos membros do Candomblé e da Umbanda no Brasil e no Amapá?

R= Acredito que muitas morreram e houve uma perda de muitos líderes. Vários pais de santo morreram e leva muito tempo para formar um. Há entre nós pouca solidariedade. Quando um de nós está doente, nenhum visita a gente. Não existe apoio dos irmãos de nossa religião. Existe decepção por falta de solidariedade e união do nosso povo.

12. Você acha que as igrejas neopentecostais têm tomado muitos adeptos das religiões afrobrasileiras?

R= Tem muitas pessoas que estavam sofrendo e foram para essas religiões e foram curadas. Muitos vão à Universal e ali recebem o apoio da igreja.

13. O Censo pode estar errado na contagem?

R= As pessoas têm vergonha de dizer que são do Candomblé ou da Umbanda, por causa da discriminação. Eu fui ao hospital com um amigo que era pai de santo, e a enfermeira perguntou se ele era meu pai. Eu falei que era pai de santo, elas ficaram horrorizadas e com medo.

14. A União dos Negros é um lugar sagrado?

R= Sim, pois o meu amigo Salvino já colocou os assentamentos lá, e lá existem as onze casinhas de orixás, aos quais ele dá assistência.

ANEXO J

PÚBLICO-ALVO: DIRETORA ADJUNTA DA ESCOLA AZEVEDO COSTA, ONDE 50% DOS ALUNOS SÃO NEGROS

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado J

IDADE: 39 ANOS

FORMAÇÃO: PSICÓLOGA

FUNÇÃO: Diretoria de Escola Estadual Azevedo Costa.

DATA: 28.04.2-2015

Religião: Católica

1. Quantos alunos do Ensino Médio estudam nos 3 turnos?

R= 1320 distribuídos em três turnos.

2. A escola tem feito trabalhos em conjunto com a União dos Negros do Amapá?

R= A UNA convida, e nós participamos. Quando foi a marcha pelas mulheres negras violentadas, nós colocamos os alunos para participar. Também a escola tem um grupo de Marabaixo constituído de alunos.

3. Vocês convidam os representantes da Umbanda e do Candomblé para darem palestras na escola?

R= Convidamos e fazemos ação social em conjunto com a União dos Negros do Amapá

4. O que vocês fazem para valorizar a cultura dos negros?

R= Existe um projeto antropológico, que faz o seguinte:

- a) trabalha os quilombos;
- b) Marabaixo;
- c) faz trabalho com enfoque nas mulheres negras;
- d) pesquisa o quilombo do Curiaú;
- e) pesquisa os pioneiros da cultura negra;
- f) faz amostra científica com os trabalhos sobre os negros;
- g) nas disciplinas de Geografia , História, Sociologia , Antropologia, trabalhamos esses componentes.

5. Como é realizado o Ensino Religioso?

R= Temos na sexta série e fazemos um ensino interdisciplinar. Agora, com a nova matriz, incorporamos os estudos da Amazônia e estudos amapaenses.

6. Existe discriminação na escola?

R= Não existe nenhum caso.

7. O que você acha do trabalho da União dos Negros do Amapá?

R= Ela está parada, deveria funcionar, mas existe a dívida que faz parar as atividades. A entidade está devendo energia. Quando precisa realizar qualquer evento, puxa a energia da escola. Falta uma pessoa que faça funcionar a instituição.

8. O Marabaixo é uma religião?

R= Isto é relativo. Não deixa de ser uma religião. Também é uma manifestação cultural e religiosa.

9. A União dos Negros do Amapá é um lugar sagrado?

R= É possível que sim, pois existem coisas do Candomblé.

10. O que deve ser criado da UNA?

R= Criar os museus, biblioteca, etc.

11. A maioria dos alunos é negra?

R= 50% dos alunos são negros, inclusive os funcionários da escola.

12. Qual a sua paróquia?

R= É a São Benedito, aqui no bairro do Laginho.

13. Existe uma boa relação dos negros do Marabaixo com os padres aqui do bairro?

R= Sim, principalmente com o padre Daniel. Ele recebe a comunidade negra nas festas do Espírito Santo e da Trindade.

ANEXO K

PÚBLICO-ALVO: PAI E MÃE DE SANTO DO ESTADO DO AMAPÁ, MÃE LUZIA DE SANTANA

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado K

DATA 12.04.2015

IDADE: 60 ANOS

FORMAÇÃO: ESTUDOU ATÉ A PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

PROFISSÃO: APOSENTADA

ENDEREÇO: Ramal da Olaria, número 120, bairro Elesbão, Santana.

Tel. 99139-8386

1. Você nasceu com o dom? Como começou?

R= Com sete anos comecei a sentir e ver os espíritos. Eu comecei há 30 anos, ou seja, em 1985. Com a manifestação fiquei de cama, quase morta, estava inconsciente, e meus familiares me levaram para a mãe Dona Antônia, de mesa branca, em Macapá, perto do SENAC. Ela falou que eu tinha o dom e que eu deveria fazer o bem e que precisava desenvolver a mediunidade. Então ela fez dois trabalhos para o desenvolvimento para puxar trabalhos. Posso fazer remédios, desfazer trabalho. Nesse caso tenho o dom da cura, faço garrafada para doentes, benzo as pessoas, faço medicação para cura com ervas, faço medicação para muitas doenças.

2. Você frequenta algum terreiro?

R= Eu sempre vou à Universal e me sinto bem. Também vou nos terreiros para as festas de santos e trabalho sozinha, tenho apenas uma ajudante. Não trabalho com os filhos de santo. Só tenho uma pessoa que eu ajudei em sua mediunidade, foi a jovem Mariana de Santana. Em Santana, no bairro Paraíso, tem a Fátima e a Isabel, que trabalham na linha de cura.

3. Quantas pessoas se trataram com a cura?

R= Cerca de mil pessoas.

4. Quais os seus guias de frente?

R= São os caboclos de cura. O guia principal é o caboclo Inácio, Mariana, Pena Verde, cabocla Jarina, caboclo José Raimundo.

5. Você tem alguém para continuar o trabalho de cura?

R= Não quero continuar o trabalho de cura e não deixo ninguém, somente um filho que tem o dom, mas não quer continuar. Ele tem o dom de cura.

6. A senhora é discriminada por seu trabalho como mãe de santo?

R= Aqui no bairro começaram a falar que eu fazia trabalho de feitiçaria para matar as pessoas. Mas agora não falam mais, pois as pessoas que falaram precisaram de mim.

7. Quem vem procurá-la para fazer trabalho?

R= São as pessoas doentes do bairro Elesbão, de Santana e de Macapá. Muitos políticos importantes me procuram: deputados, senadores, prefeitos de Macapá e de Santana.

8. Como os clientes fazem para fazer o trabalho?

R= Geralmente, o caboclo passa a lista de material para fazer o trabalho. Eles compram nas cabanas, e eu preparo e faço as rezas. Ele dá o que quiser pelo trabalho. Quanto aos políticos, eles me ajudam financeiramente.

9. Você acha que está crescendo o número de pessoas na Umbanda?

R= Está crescendo muito aqui em Santana e Macapá. Em Macapá sempre vou às festas de caboclos das mães de santo, dona Valda e dona Maroca.

10. Você faz os trabalhos de cura com ajuda de pessoas?

R= Trabalho sozinha e independente.

11. Já participou da Semana da Consciência Negra?

R= Nunca participei e não fui convidada.

12. Você acha que o Marabaixo é uma religião?

R= Acho que religião é a Católica.

ANEXO L

PÚBLICO-ALVO: ASSOCIADOS E FUNDADORES

NOME: Entrevistado L

IDADE: 58 anos

DATA: 02.02.2015

FORMAÇÃO: Curso Superior

Profissão: Advogado

Tempo de União dos Negros do Amapá – UNA, 29 anos. A União dos Negros foi fundada em 1986.

1. Qual a estrutura administrativa da União dos Negros do Amapá?

R= No início de 1986, a União tinha a mesma estrutura que tem uma associação, com Presidente, Secretário, Tesoureiro e Conselho fiscal. As primeiras reuniões foram feitas nas dependências do Clube de Futebol Macapá, localizado na Av. FAB, canto com a Jovino Dinoá. O advogado Paulo José foi o primeiro presidente.

2. Como era o processo de financiamento das atividades da Associação União dos Negros do Amapá?

R= Eram feitas as doações, venda de materiais, bingos. As verbas públicas vieram aparecer com o Governador João Capibaribe. Com as verbas do Governo, os interesses políticos começaram a prevalecer. As defesas dos direitos da raça negra passaram a ser politizadas. Mesmo nessas situações, as lutas contra o racismo, o preconceito foram bandeiras de lutas do movimento negro no Amapá. Havia uma previsão de que, em 21 de novembro de 1986, se realizaria a missa dos quilombos dos palmares. A orientação da Igreja Católica não queria participar dessa missa.

2. Como é a participação do movimento do Marabaixo no movimento negro do Amapá?

R= A intenção é realizar e celebrar as festas religiosas de caráter popular para fortalecer o movimento negro. Além do Marabaixo, também o batuque e outras manifestações afro-brasileiras que estavam relacionadas com os negros. Hoje, O Marabaixo perdeu o valor popular de atividade de resistência na luta racial contra a discriminação. Agora é um estilo de grandes shows que atende aos interesses do mercado. Foi incorporado o Marabaixo da instituição, que vem como uma manifestação cultural descaracterizada. É um Marabaixo de exibição folclórica que não segue as origens. A União dos Negros do Amapá é um centro de cultura para valorizar e resgatar os valores dos negros no Amapá.

3. Sobre as religiões afro, o que a União pensou fazer?

R= Embora a sustentação financeira sempre dependesse dos recursos da Prefeitura e do Governo, na parte das políticas públicas, não se encontram políticas específicas para os negros no Amapá. Agora só quem pode defender os negros são os próprios negros. O racismo tem aumentado nos últimos anos no Brasil.

4. O que leva à diminuição dos afrodescendentes no Brasil?

R= O Censo do IBGE é baseado em respostas que são induzidas. A mistura da raça não significa a extinção da raça negra. As pesquisas do IBGE são tendenciosas. A questão da genética é uma questão social. O clareamento da raça não significa a extinção. Hoje, no Brasil, a mistura é muito grande, e o IBGE não consegue captar isso.

5. Quais as leis e as políticas que foram feitas para melhorar a vida do negro?

R= As leis de Lula, com sua legislação criminal, não mudaram nada. A lei de cotas propõe o reconhecimento de que os negros são explorados, e precisa-se de uma lei para equilibrar essas relações. O negro continua socialmente oprimido. A lei de resgate da história do negro pode ajustar a igualdade social. Hoje o preconceito aumentou, e precisa-se urgentemente começar a resistência contra o racismo e preconceito. A lei do resgate da história ajuda o estudante a conhecer a história dos negros e o processo de exploração dessa raça no Brasil. Ela pode gerar um debate sobre o assunto da escravidão.



ANEXO M

PÚBLICO-ALVO: GRUPOS RELIGIOSOS DE MARABAIXO

NOME: Entrevistado M

IDADE: 68 ANOS

FORMAÇÃO: ANALFABETA

FUNÇÃO NO MARABAIXO: PRESIDENTE DO GRUPO

1. Como foi a sua história de vida?

R= Contou que, desde os 12 anos de idade, os pais dela dançavam Marabaixo. Disse que a sua religião é católica e é a de toda sua família. Fez sua comunhão na Igreja Católica, e todos os seus filhos são católicos e também os seus netos. Todos dançam o Marabaixo, inclusive seus netos. Fundou o grupo Folclórico Santo Antônio, que está registrado desde 2002, e é a presidente do grupo Dona Dica, e que está no poder desde quando foi criada entidade. A sede do grupo está localizado na Avenida São Benedito, número 80, distrito do Coração. Esse grupo representa o Marabaixo e também é um grupo quilombola. Esse Marabaixo ocorre fora do ciclo do Marabaixo e, geralmente, é no dia 11 de julho que inicia a comemoração de Santo Antônio. A festa e a cerimônia religiosa serão realizadas no barracão do Siriaco, nos dias de sexta-feira e sábado. Na ocasião serão oferecidas a gengibirra e cerveja, que serão vendidas aos participantes. Também será feita comida de um boi que foi doado pela comunidade. Aqui no Marabaixo, a minha irmã Maria Barros é a que reza a ladainha em Latim. Essa festa existe no Coração há 20 anos, porém iniciou-se em Macapá, nos altos do Matapi. Participam do grupo cerca de 100 pessoas que vêm de outros grupos. Ela acha que é importante para os negros do Coração fortalecerem a sua fé. Sobre a União dos Negros do Amapá, diz que está faltando apoio do Governo e da Prefeitura. Hoje, a União dos Negros do Amapá não tem energia, falta limpeza, falta fazer uma reforma no prédio. Sobre a presidente da União dos Negros do Amapá, não tem apoio do Governo e nem da Prefeitura.

2.O Governo ajuda o Marabaixo?

R=Na festa da coroação, o Governo deu uma ajuda de três mil reais, doada pela Secretaria de Cultura. Sobre o crescimento do número de pessoas no Marabaixo, falou que a participação dos jovens é muito pouca, embora exista um crescimento dos grupos de Marabaixo, pelo crescimento da população do Amapá. O Governo não dá apoio para fazer um projeto cultural para os jovens permanecerem no Marabaixo e só ajuda durante as festas de Marabaixo. O Governo só quer dar ajuda para quem fizer um grupo de Marabaixo e registrar. Disse que as cestas básicas do Governo Federal têm ajudado a criar grupos de Marabaixo em todo o estado do Amapá. Com ajuda, vai crescendo o Marabaixo. Me sinto feliz dançando Marabaixo e me sinto bem na Igreja Católica, que também aceita o Marabaixo. Todos nós brincamos com o Padre Paulo o Marabaixo, quando ocorre o rufar dos tambores. Participo do rufar dos tambores desde o momento em que foi criada a União dos Negros do Amapá. O ciclo do Marabaixo inicia-se em 19 de abril e termina em 22 de junho.

3. De qual Igreja Católica você participa?

R= Todos nós participamos no Coração da Capela São Francisco de Assis, que está em nosso distrito.

4. Quantas pessoas estão participando dessa festa religiosa?

R= Durante a festa da coroação, apenas 6 jovens, 5 crianças e 49 adultos.

6. Participa da Consciência Negra?

R= Todos os anos participamos na UNA.



ANEXO N

PÚBLICO-ALVO: FILHOS DE PAI DE SANTO DO TAMBOR DE MINA EM MACAPÁ

NOME: Entrevistado N

IDADE: 62 ANOS

FORMAÇÃO: CURSO SUPERIOR DE JORNALISMO

FUNÇÃO: JORNALISTA

1. Como começou o terreiro Santa Bárbara, de seu pai? Conte a sua história?

R= Segundo Humberto Moreira, jornalista, filho de João Batista Moreira, pai de santo, natural de Maranhão, São Luiz do Gonzalo, e sua mãe, Dulce Costa Moreira, natural de Muaná, Marajó, Pará, também mãe de santo, o terreiro Santa Bárbara foi criado em 1963, na Rua Professor Tostes, canto com a FAB, no bairro Santa Rita. As origens da sua prática de pai de santo vêm da sua família no Maranhão, pois todos participam e possuem terreiros no Maranhão e são todos conhecidos por seguir o Tambor de Mina. Desde pequeno que seu pai, João Batista, segue a religião da família. O senhor João Batista saiu do Maranhão para servir o Exército em Belém do Pará, onde conheceu dona Dulce. Namoraram e ficaram comprometidos. Quando deu baixa em 1943, o Capitão Janary, que era do Exército, convidou-o para trabalhar em Macapá. No final da saída do Exército, conseguiu chegar ao posto de Cabo. Sendo convidado para trabalhar em Macapá, viajou para encontrar com Janary, chegando antes de o avião Catalina pousar em Macapá, onde uma comissão esperava Janary. Aqui começou a trabalhar como motorista de transporte do Governo. Depois que estava trabalhando, decidiu casar e foi buscar dona Dulce para viverem juntos em Macapá. Casaram na Igreja São José. Em 1950, nasceu seu primeiro filho, que foi Humberto Moreira. Em 1953, Humberto tinha 3 anos, quando houve um acidente com seu pai, levando a óbito uma pessoa de Macapá, sendo colocada a culpa no seu João Batista. Em 1953, voltou para o Maranhão, onde foi viver próximo do Terreiro da família chamado de Santa Bárbara (IANSÂN). De volta à prática da Umbanda, passou vários anos no bairro pobre de São Luís, chamado de Vinhais. Ficou no Maranhão até 1957, quando resolveu voltar para Macapá. Ao chegar a Macapá, foi trabalhar como motorista do Governo. Depois que saiu do Governo, foi trabalhar na ICOMI, de 1958 a 1960. Ao sair da ICOMI, foi trabalhar na CEA, onde ficou 5 anos.

2. Quando foi fundado o terreiro em Macapá?

R=Em 1963 fundou o terreiro de Santa Bárbara, sendo responsáveis os pais de santo João Batista e Dulce Costa. Foi o primeiro terreiro tambor de Mina do Amapá. Antes, dona Dulce trabalhava em sua casa. E, muito antes, frequentou o Centro espírita Frei Evangelista, na Leopoldo Machado. Foi nessa época que começou a discriminação. Somente as pessoas pobres participavam, e muitas vinham à noite para não serem reconhecidas. Em 1960, os padres da Igreja Católica começaram uma campanha de difamação, dizendo que era coisa do diabo e que nenhuma pessoa devia ir lá. Depois, dona Dulce fez uma aproximação com o

Marabaixo, em que a dona Natalina era a festeira daquela época. Dona Dulce participou ativamente das festas do Marabaixo. Antes da criação do terreiro, Humberto Moreira estudou na escola paroquial de Macapá. O Padre Antônio Coco, que estava construindo a Igreja Nossa Senhora da Conceição. Ficou sabendo que o seu João Batista possuía uma caçamba e procurou para que este transportasse areia da Fazendinha para o Trem. Essa aproximação levou o padre a convidar o filho de João Batista para estudar na escola paroquial da Igreja Católica São José. Quando foi criado o terreiro em 1963, começou a discriminação, chamando-se Humberto de macumbeiro, feiticeiro, e toda a família foi perseguida em Macapá. Em 1969, surgiu outro terreiro, do caboclo João da Mata, sendo dirigido por Dona Maria do Socó, o qual ficava na Avenida Padre Júlio Maria Lombard, canto com a Rua Leopoldo Machado. Em 2007, morreu João Batista, e dona Dulce morreu em 2010, ficando o terreiro para as duas filhas, que também são mães de santo, Socorro e Jaguarema, as quais participam do Marabaixo. As duas possuem mediunidade e continuam a religião da família.

3.Existem diferenças entre o Candomblé e a Umbanda?

R=Como eleitor, pude observar que existem diferenças entre Umbanda e Candomblé. E essas diferenças têm a ver com a vinda dos negros traficados pelos Portugueses para o Brasil. Em cada região da África, existem religiões diferentes que dependem da localização geográfica. A maioria dos negros é banta da África. Muitos chegaram à Bahia, onde desenvolveram suas religiões. Para alguns cientistas sociais brasileiros, a Umbanda é uma religião criada no Brasil na síntese do Espiritismo com o Candomblé. Mas os praticantes negam essa afirmação dos sociólogos e antropólogos. Existem várias teses e dissertações de mestrado afirmando essa posição dos cientistas sociais. Alguns antropólogos afirmam que a verdadeira religião criada no Brasil foi a Umbanda. Essa é uma discussão acadêmica que vai perdurar por muito tempo, pois a briga entre sociólogos e antropólogos é histórica. Essa matriz religiosa está ligada aos afrodescendentes que chegaram ao Brasil por meio da força, dominados pelos brancos, para a reprodução do capital na América Latina. Até hoje essa concepção religiosa é perseguida em todo o território nacional. Por isso, com os 25 anos da criação da Fundação dos Palmares, os negros do Brasil lutam para exigir os seus direitos de cidadão como qualquer brasileiro. O Governo do Amapá sempre ajudou os negros nas suas festas. O respeito a sua religião é garantida na Constituição Federal e na Declaração dos Direitos Humanos, criada em 1947. Quanto à União dos Negros do Amapá, a mamãe sempre participou das festas da consciência negra. Temos a UNA como um lugar sagrado para os Afros.

ANEXO O

PÚBLICO-ALVO: REPRESENTANTE DOS QUILOMBOLAS NO AMAPÁ

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado O tel.: 99118-4636.

IDADE: 34 ANOS

DATA: 11.12.2014

FORMAÇÃO: SUPERIOR

FUNÇÃO NOS QUILOMBOLAS: Coordenadora das mulheres negras quilombolas nacionais

1. Como a Coordenação desenvolve os quilombos no Amapá?

R= Sou coordenadora das Comunidades Quilombolas do Amapá, que representa o Governo Federal e descrevo as atividades dessa instituição na região. Falo que essas atividades estão aqui desde 2002, com a parceria do Fórum das Comunidades Negras e Quilombolas Rurais. Na época, era a Hilda Ramos. Estou na frente desde 2011. A função dessa instituição é trabalhar pelos direitos das mulheres quilombolas, fortalecer as suas lutas e valorizar os negros e as negras no Amapá. Temos outras atividades importantes como a formação do indivíduo na defesa de sua terra, que é propriedade dos quilombolas, defesa na ação que cerca as comunidades em conflitos agrários, educação desses indivíduos, a atenção à saúde do negro e a outras atividades que garantam os direitos dos negros.

2. Quantos quilombos existem no Amapá ?

R= São 256 quilombos com possibilidades de serem legalizados, mas hoje temos 80 comunidades legalizadas. Essas outras comunidades precisam saber e defender os seus direitos de quilombolas.

3. Existe relação dos quilombos com o Marabaixo? E pergunto: quantos quilombolas existem no Marabaixo, na área da União dos Negros do Amapá?

R= São 45 como comunidades que dançam o Marabaixo. Na área da União dos Negros do Amapá, estamos trabalhando com o nosso escritório, que nos foi cedido pela União dos Negros do Amapá para fazer essas atividades.

4. Os jovens negros estão se afastando do Marabaixo?

R= Dentro dos grupos existe um vazio de atividades para continuar essa tradição e não tem como incentivar os jovens a continuarem essas atividades culturais e religiosas.

5. Qual o apoio do Estado e das prefeituras para as atividades do Marabaixo?

R= Só existe uma ajuda quando ocorre a Semana da Consciência Negra. É só nesse período.

6. O que o Estado e as Prefeituras podem fazer pelos negros?

R= Na análise de plano de gestão sobre a igualdade racial do Estado, não existe uma política pública para os negros no Amapá. Não existe apoio do Governo e das Prefeituras para as atividades dos negros no Amapá.

7. A União dos Negros do Amapá é um lugar sagrado?

R= Sim, mesmo porque é o lugar onde os afros celebram os seus Orixás e santos.



ANEXO P

PÚBLICO-ALVO: SACERDOTE DO CANDOMBLÉ

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado P

IDADE: 63 ANOS

FORMAÇÃO: Ensino Médio

FUNÇÃO: Presidente da Federação de Candomblé do Amapá, fundada em 1980.

TERREIRO: Unzo Noandalunda Kisimbe Sunsará Primeiro

OUTRA FUNÇÃO: Presidente da Associação Beneficente Yale da Oxum Apará-ABYOA.

1-A União dos Negros do Amapá é um lugar sagrado?

R= É um lugar sagrado, pois estão assentados materiais dos 13 orixás.

2. Segundo IBGE, existe uma diminuição dos adeptos da Umbanda e do Candomblé no Brasil e no Amapá, está acontecendo à mesma coisa?

R= Aqui no Amapá está crescendo. Veja! Na minha casa, tínhamos no ano de 2000, 20 filhos de santo, e no ano de 2015, temos 40 filhos e filhas. Quanto a pais de santo, temos dez pais de santo.

3- Os governos têm ajudado o movimento das religiões Afro no Amapá?

R= O Governo passado não ajudou, muito mais o atual está ajudando financeiramente e já ajudou no seu Governo passado. Falo do governador Waldez. Esse governador me ajudou na construção do meu terreiro. Hoje o terreiro possui 35 metros de fundo por 30 metros de largura.

4. Quantos orixás existem no terreiro e quais os seus nomes?

R= São dez orixás, e os nomes são: IZILA, ICUXÉ, CABILA, CAFUZE, CATENDÉ, QUITEMBO, AGURÚ, ZAZE, MATUMBO, DANDOLENGA, MICAIA, ZANBARADA. Todos são da nação de Angola, e os nomes são Bantos.

5- Quantas vezes você vai sacrificar e assistir aos orixás da União dos Negros do Amapá?

R= Eu faço sacrifício uma vez por ano e dou assistência toda semana lá.

8. Como é sua relação com o Bispo de Macapá?

R= O Bispo nunca conheci, mas com os padres Paulo e Aldenor tenho uma boa relação.

9. Você acha que o Bispo poderia participar da Semana da Consciência Negra?

R= Sem dúvida, mas ele nunca participou. Temos de respeitar a sua decisão.

10. O que você acha do atual presidente da União dos Negros do Amapá?

R= Não tem competência para continuar no cargo, estamos trabalhando para tirar ele.

9- Existe muito preconceito por parte dos católicos em relação às religiões dos Afros?

R= Existe uma discriminação, mas, no tempo, tem diminuído.

10. O que acha das políticas públicas para o negro pelo Governo Federal?

R= O Governo Dilma e Lula ajudaram muito a nós, os negros.

11. O que deveria fazer para melhorar a vida do negro no Brasil?

R= A proposta das religiões afro é abrir espaço para apresentar a nossa religião para as universidades, as escolas e a sociedade.

12. O Governo Federal criou um projeto de lei em que é obrigatório ensinar a história e a cultura da África?

R= Já existe em passos lentos.

13. O senhor já foi convidado para dar palestra sobre a sua religião no Amapá?

R= É raro o convite. Mesmo como presidente da Federação dos Cultos Afro-brasileiros do Amapá, que foi fundada em 2002, com 8 pessoas, temos dificuldades para trabalhar o componente curricular nas escolas.

14. Quais os animais com que você faz sacrifícios?

R= Cabritos, pombos, patos, picota, galinhas e outros.

15- Quanto tempo é necessário para formar um pai de santo e um filho?

R= São sete anos para um filho e, para o pai de santo, mais sete anos. O filho de santo pode, depois de formado, formar outros filhos de santo. Hoje a nossa casa tem 86 pais de santos.

16. Quando é necessário o sacrifício de animais?

R= Se faz sacrifício quando os orixás solicitam e depende do orixá. Também depende do trabalho.

17. Como foi que você iniciou no Candomblé?

R= Aos doze anos comecei incorporar as entidades. A reação de meus pais foi levar para um curador em Igarapé Mirim do Pará, onde fui preparado. Depois fui para a cidade de Belém, para maior conhecimento e desenvolvimento da mediunidade. Depois fui para o Rio de Janeiro, onde fui preparado pelo baiano João da Silva.

18. Quanto se gasta para fazer um trabalho no Candomblé?

R= de R\$ 100, 00 a R\$ 2.000,00 reais. E um trabalho de cura ou feitura de cabeça depende da qualidade do orixá, que vai de cinco mil a sete mil. Atendemos 20 a 30 pessoas como clientes por semana.

19. Como se dar a educação dos conhecimentos do Candomblé?

R= É somente tradição oral.

20. Como é sua relação com os políticos?

R=Temos uma boa relação. Aqui vem todo tipo de políticos, vereadores, deputados, senadores, governadores, vice-governadores, prefeitos, etc.



ANEXO Q

PÚBLICO-ALVO: REPRESENTANTES DO GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ

IDENTIFICAÇÃO

Nome: Entrevistado Q

Data da Entrevista: 26.09.2014

Idade: 56 anos

Formação: Pedagogia

Função: Secretário de Cultura do Estado do Amapá

1. Quais os projetos para os afrodescendentes no Amapá?

R=Nós temos vários projetos que estão sendo desenvolvidos. Alguns são projetos fixos, como a Semana da Consciência Negra no Amapá, Encontro dos Tambores, festas tradicionais, Festa de São Tiago, ajuda aos terreiros para suas festas, festas juninas, festa dos santos no interior no meio rural, ciclo do Marabaixo, festa do Espírito Santo e da Trindade, festa no Curiaú, calendário das festas tradicionais, etc.

2. Quais os investimentos em termos de percentuais ou valores?

R=Temos para investir este ano, segundo o orçamento aprovado pela Assembleia e pelo Governo do Estado, R\$ 15 milhões. Embora precisemos de muitos mais, pois a demanda é grande.

3. Quais as políticas afirmativas para os afrodescendentes do Amapá?

R=Foi aprovada na Assembleia Legislativa uma lei que falta ser regulamentada pelo Governo do Estado. Além dessa lei, procuramos ajudar na implementação de projetos que levam a fortalecer a identidade dos afrodescendentes como o projeto “Terreiro Empreender”, que tem como objetivo tornar o Pai de Santo mais eficiente nas suas atividade religiosa e a conseguir renda que possa garantir uma vida digna e a reprodução da cultura religiosa para os seus descendentes. Existe outra secretaria que também cuida dos afrodescendentes, que foi criada pelo Governo somente para atender a essa etnia no Estado do Amapá, que é a Secretaria dos Afrodescendentes, que também possui políticas afirmativas para esse grupo.

4. Quais os grupos de Marabaixo que são beneficiados pela ajuda financeiro da Secretaria?

R=Existe um calendário, que é chamado de Ciclo do Marabaixo, onde nós patrocinamos alguns grupos, que são: o grupo do Pavão, Julião Ramos, da tia Natalina, Tia Dica dos Congós, do Mestre Jacundá. São Apenas cinco grupos principais, mas sempre estamos ajudando os grupos que fazem suas festas religiosas fora do ciclo e muitas vezes ajudamos o grupo do Coração, que faz o Marabaixo no mês de julho em homenagem a Santo Antônio. Muitos grupos não são ajudados porque não têm o documento do estatuto e o registro na Receita Federal. Mas, quando estão legalizados, nós ajudamos.

5. Qual é a colaboração com a União dos Negros do Amapá?

R=Nós ajudamos no mês de novembro, na festa da Consciência Negra, onde ocorre o Rufar dos tambores , quando são realizadas atividades de Candomblé, rodas de terreiro de Umbanda, Roda de Marabaixo, Missa em homenagem ao herói Zumbi. Nós utilizamos o espaço para a realização dessas atividades e não fazemos nenhuma intromissão nas atividades da União dos Negros do Amapá.

6. Quais as atividades que a Secretaria da Cultura está fazendo para continuar essas manifestações culturais e religiosas?

R=Existe a Secretaria de Educação, que procura desenvolver nas escolas atividades educativas que fortaleçam os valores da cultura dos afrodescendentes nos aspectos culturais e religiosos. Os professores são obrigados a desenvolver a tolerância religiosa e a respeitar as religiões dos afrodescendentes como o Candomblé e a Umbanda.

7. Como você avalia a participação do Padre Paulo na Semana da Consciência Negra?

R=Acho positivo que um padre da Igreja Católica possa rezar a Missa junto com as outras religiões, mostrando um diálogo religioso com os da Umbanda e do Candomblé. Embora no passado não fosse assim, pois o Marabaixo foi perseguido pelos padres católicos. Mas hoje a Igreja Católica vê o Marabaixo como fazendo parte da religião católica. Todos os que praticam o Marabaixo são católicos. Hoje os padres de origem brasileira são mais tolerantes nessa aproximação dos elementos africanos com a Igreja Católica.

8. Quais as atividades que a secretaria pretende desenvolver no futuro?

R=Nós desenvolvemos um projeto onde lançamos um livro com fotografias das atividades dos afrodescendentes, que teve como nome: “O Rufar dos tambores” para fortalecer a cultura desse grupo étnico que chega a 70% da população amapaense entre negros e pardos. Existem muitas políticas que são desenvolvidas no sentido de conservar e preservar a base de sobrevivência de grupo, como a desenvolvida pelo PRONATEC, direcionada para as comunidades com mais vulnerabilidade social, onde se criam turmas para esse grupo social. Existem órgãos federais que também atuam nas políticas afirmativas no estado do Amapá.

9. Nos casos dos terreiros de Umbanda e Candomblé, o que a Secretaria faz para essas religiões?

R=Nós não intervimos diretamente, mas, quando somos procurados, nós ajudamos com ajuda financeira para as festas dos santos e dos Orixás.

ANEXO R

PÚBLICO-ALVO: COORDENADOR GERAL DO CENTRO UNIÃO DOS NEGROS DO AMAPÁ

IDENTIFICAÇÃO

NOME: Entrevistado R

IDADE: 49 anos

FUNÇÃO: Coordenador

FORMAÇÃO: Técnico em Contabilidade

DATA DA ENTREVISTA: 06.11.2014

1. Quais as principais atividades do Centro União dos Negros do Amapá?

R=É um espaço de resistência contra a discriminação e o preconceito racial, e nossas principais atividades são desenvolver atividades que valorizem a cultura e a religião dos negros no Amapá. Hoje nós temos um projeto da Rede Globo que ensina Matemática e Português para as crianças negras. O Centro também serve de sede para a coordenação geral das mulheres negras quilombolas do Amapá.

2. O Centro é considerado um lugar sagrado para as religiões afro?

R=Aqui nós temos assentamentos de objetos do Candomblé, onde existem onze casinhas para os orixás, e o responsável é o sacerdote Pai Salvino, que vem todos os meses fazer sacrifícios. No mês de novembro, se faz a Semana da Consciência Negra, onde se apresentam os sacerdotes do Candomblé, da Umbanda e da Igreja católica. A Missa é rezada por um padre de nome Paulo Roberto, que é negro.

4. Você acha que o número de adeptos do candomblé, da Umbanda e do Marabaixo tem diminuído?

R= Vem aumentando a cada ano. O número de participantes tem aumentado.

5. Quanto aos jovens e às crianças e à participação deles, você acha que tem diminuído ou aumentado?

R=Tem aumentado, em todas as atividades, nós temos jovens e crianças nelas.

6. O Governo do Estado do Amapá tem ajudado as atividades das festas religiosas e das atividades culturais do centro?

R=Tem ajudado muito pouco, somente no período das festas dos santos que ele ajuda os terreiros individualmente, mas, na festa do Centro, somente na Semana da Consciência Negra, no mês de novembro.

7. Por que os centros não estão atuando totalmente na sociedade?

R=Temos uma dívida grande com a companhia de energia, que é muito grande, resultado de administração passada e não podemos pagar. Para realizar nossas atividades, pegamos energia da escola ao lado, Escola Azevedo Costa.

8. O Marabaixo é considerado uma religião?

R=Para alguns sim; outros consideram como uma manifestação folclórica; para outros é uma dança; para outros é uma religião sincrética, pois tem coisas dos santos católicos e tem coisas das religiões africanas.

9. O negro é discriminado e perseguido no Amapá, pois a população chega a 70% de negros?

R=Existe muito preconceito e perseguição, e boa parte dos negros, no censo, não se colocam como negros, por causa da perseguição existente desde o Período Colonial no Brasil.

10. Qual a sua religião?

R=Sou negro, vou à Igreja Católica, mas tenho em minha casa os meus santos.

11. Como funciona a estrutura administrativa e organizacional do Centro?

R=Vou entregar uma cópia do estatuto, e lá estão escritas as funções administrativas e as funções e atividades do Centro.

ANEXO S

NOME: ENTREVISTADO “S”

IDADE: 53

PROFISSÃO: PROFESSORA

FUNÇÃO: COORDENADORA DE POLÍTICAS PARA MULHURES NEGRA DO IMENA

DATA 12.01.2016

1. O que motivou a criação do Instituto de Mulheres Negra do Amapá?

R= Debater a questão da mulher negra no Amapá.

2. Quando foi criado o Instituto?

R= Foi criado em 1988, começou oficialmente e legalmente em 2000.

3. Quantas mulheres participaram da fundação?

R= 25 mulheres negras que resolveram lutar pela causa dos negros no Amapá.

4. Quais as lutas do Instituto?

R= Lutamos contra o racismo, o sexismo, a discriminação, pelo empoderamento da mulher negra e pelas questões de acesso da mulher no mundo do trabalho e da educação.

5. Quais as conquistas recebidas pelo Instituto?

R= a) Coordenação das lutas das mulheres negras do Amapá; b) primeiros seminários para discutir o racismo nas instituições públicas no Estado do Amapá; c) criação de comitês políticos nos municípios para atuar de forma ampliada; d) criação da rede contra a violência da mulher negra em todos os municípios do Estado; e) discussão das políticas públicas para os negros no Estado; f) luta pela educação e pela complementação da lei 10.639 com o núcleo de educação étnico-racial do Estado do Amapá; g) apresentação do projeto de lei para a cota no Estado do Amapá na área da educação e do emprego; h) aprovação do dia 21 de julho, dia da mulher negra, como lei do Estado e i) Participação da criação do Conselho Municipal e Estadual da Igualdade Racial.

6. A União dos Negros do Amapá é um local sagrado para as religiões Afroamapaenses?

R= Sim, mesmo porque essa instituição foi criada para abrigar as manifestações dos negros no Amapá.

7. Os governos Estaduais e Municipais têm contribuído para o acesso dos negros e das negras a educação?

R= Sim, mesmo porque a população do Amapá é praticamente 70 % negra. Os Governos Lula e Dilma têm facilitado, com as bolsas e o Fies, a entrada dos negros aqui nas universidades locais.

8. Quanto à Igreja Católica, ela tem contribuído para o avanço do movimento negro e da religiosidade dos negros?

R= Sim, Com sua pastoral dos Afrodescendentes, os padres da Igreja São Benedito têm nos apoiados em todos os sentidos nas nossas lutas.

9. Quanto a Padre Paulo Roberto, que reza a missa no Dia da Consciência Negra, ele tem ajudado o IMENA?

R= Sempre está ajudando. Ele e o Padre Francivaldo da Igreja São Benedito são parceiros na luta e nos têm ajudado na pastoral afro e no Movimento Negro no Amapá.

10. Qual a participação do IMENA nas ações das mulheres no Amapá?

R= No ano de 2015, fizemos varias ações, inclusive a marcha das mulheres negras contra a violência, entre outras lutas.

11. O que você acha das ações da União dos Negros do Amapá?

R= Tem deixado a desejar, pois o atual presidente não faz nada e suas ações só acontecem no Dia da Consciência Negra. A UNA virou um local para política partidária, a preocupação é o aparelhamento da instituição pelo novo Governo.

ANEXO T

NOME: Entrevistado T

IDADE: 52 ANOS

PROFISSÃO: ECONOMISTA DOMÉSTICA

FUNÇÃO: DEPUTADA ESTADUAL

IMENA – Diretoria de Comunicação

1. Quando iniciou o movimento negro?

R= A partir de 1981, nos movimentos sociais do estado, no processo de redemocratização do estado. Também participei da criação do IMENA em 2000.

2. Quando entrou na política partidária?

R= Em 2008 fui eleita vereadora e, em 2012, eleita deputada estadual. Antes desses cargos políticos, fui superintendente do INCRA no Amapá e ajudei na legalização dos principais quilombos do Estado do Amapá. São 4 comunidades tituladas.

3. Quais os projetos aprovados para melhorar a vida dos negros no Amapá?

R= Um dos principais foi a criação do Conselho Municipal dos Direitos da População Negra e, depois, das Mulheres Negras; a lei que apoia as festas religiosas dos negros; a lei para colocar no currículo a lei 10.439, de acordo com as tradições local; feriado para o Dia da Consciência Negra do município de Macapá. Como deputada, aprovamos a lei de cotas para o emprego público de 20% durante 20 anos; aprovamos políticas contra a discriminação racial.

4. Você considera a União dos Negros do Amapá como um santuário sagrado?

R= Sim, porém, deveria ir mais além, no sentido de articular as lutas dos religiosos para serem respeitados e lutarem contra a intolerância religiosa.

5. Quais as propostas para a questão de acesso das negras e dos negros à educação?

R= Contribuímos para que os bebês negros já saiam com os registros em suas mãos. A lei Maria da Penha, para os homens que praticarem violência contra as mulheres negras. Criamos e ajudamos a rede das fulanas, que são mulheres da Amazônia, envolvendo todas as mulheres ribeirinhas. Temos solicitado para o Governo Estadual abrir espaço para os negros nas escolas municipais e estaduais.

6. Quais as ações contra o racismo e a discriminação contra os negros?

R= Estamos apresentando propostas contra discriminação e o racismo nas escolas do Amapá, onde seriam feitas palestras nesse sentido.

7. O que você está fazendo para implementar a lei que obriga o ensino da história e da cultura da África nas escolas?

R= Estamos fiscalizando o Governo Estadual no sentido de viabilizar o ensino, pelos professores de História, de conteúdos como uma forma de cumprir a lei federal.

8. O que deveria ser feito na União dos Negros do Amapá?

R= Deveria apresentar propostas de ocupação do espaço que está ocioso com o envolvimento das escolas para conhecer a história do negro no Amapá. O atual presidente está associado ao governo do PDT e precisa fazer uma política de autonomia em relação à política partidária. A atual secretária da secretaria especial dos afrodescendentes, a qual antes era coordenadora das mulheres de um programa federal dos Governos Lula e Dilma, por meio do qual cada mulher recebia uma cesta básica, poderia ajudar nesse processo.

9. Como você tem ajudado o IMENA?

R= Nós temos usado o gabinete de deputada para contribuir com recursos para os projetos da instituição, com apoio em várias ações.

10. A Igreja Católica tem ajudado o Movimento Negro no Amapá?

R= Em muitas parcerias, sim. A Igreja tem ajudado, mas não existe uma participação mais efetiva da maioria dos padres, por causa da discriminação. Algumas mulheres são católicas.

11. Você acha correta a presença dos objetos dos Orixás na União dos Negros do Amapá?

R= Acho correto, pois precisamos valorizar as nossas raízes religiosas e precisamos resgatar muitas práticas religiosas que foram perseguidas durante muito tempo. Precisamos ter liberdade para professar as nossas religiões.

ANEXO U

PROJETO DE LEI EM DEFESA DA MULHER NEGRA

Arquivado

Antônio Waldez Góes da Silva
Governador
João Bosco Papaléo Paes
vice-Governador



Macapá-Amapá
16 de Dezembro de 2015 - Quarta feira
Circulação: 18.12.2015 às 15:00h
Tiragem: 500 exemplares com 28 páginas
Nº 6100

Diário Oficial

Estado do Amapá

PODER EXECUTIVO

LEIS

LEI Nº 1963 DE 16 DE DEZEMBRO DE 2015

Dispõe sobre a obrigatoriedade de distribuição de dispositivo de segurança conhecido com "botão do pânico", para mulheres vítimas de violência doméstica, mesmo com a medida protetiva, em todo o Estado do Amapá.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ,

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado do Amapá aprovou e eu, nos termos do art. 107 da Constituição Estadual, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É obrigatória a distribuição de dispositivo de segurança, conhecido com "botão do pânico", para mulheres vítimas de violência doméstica mesmo com a medida protetiva, em todo o Estado do Amapá.

Art. 2º O uso do dispositivo será determinado pelo Poder Judiciário, que selecionará os casos de mulheres agredidas que necessitam de uma vigilância mais rigorosa da aproximação do agressor.

Art. 3º Ao ser acionado o botão do dispositivo, por uma mulher em risco iminente de ser agredida, dispara um alarme na Unidade Policial mais próxima, que deslocará uma viatura para atender a ocorrência.

Art. 4º O Poder Executivo regulamentará esta Lei no prazo de 120 (cento e vinte) dias contados da data de sua publicação.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Macapá, 16 de dezembro de 2015.

ANTÔNIO WALDEZ GÓES DA SILVA
Governador

DECRETOS

DECRETO Nº 5613 DE 16 DE DEZEMBRO DE 2015

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 119, inciso XXII, da Constituição do Estado do Amapá, c/c o art. 28, da Lei Complementar nº 0084, de 07 de abril de 2014, e tendo em vista o contido no Ofício nº 491/2015-PRESI/AL,

RESOLVE:

Designar o TEN CEL PM Jones Miguel Pereira da Silva, Matrícula SIAPE nº 1484656, para ocupar o cargo em comissão de Chefe do Gabinete Militar.

Macapá, 16 de dezembro de 2015

ANTÔNIO WALDEZ GÓES DA SILVA
Governador

DECRETO Nº 5614 DE 16 DE DEZEMBRO DE 2015

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 119, inciso XV, da Constituição do Estado do Amapá, e o previsto no art. 1º, § 2º, da Emenda Constitucional nº 079, de 27 de maio de 2014, c/c o art. 54 da Lei Complementar nº 0084, de 07 de abril de 2014 (Estatuto dos Militares do Estado do Amapá), e tendo em vista o contido no Processo nº 28740.000999/15-DP,

RESOLVE:

ANEXO V

ESTATUTO DO IMENA



REGISTRO DE PESSOAS JURÍDICAS
A certidão de registro deste documento encontra-se
no verso da última folha que o compõe
Folha nº 01

INSTITUTO DE MULHERES NEGRAS DO AMAPÁ-IMENA

ESTATUTO SOCIAL

Capítulo I

- Da Denominação, Fundação, Fins, Duração e Sede

Art. 1º - Instituto de Mulheres Negra do Amapá, também designado pela sigla **IMENA**, foi fundado em de 03 de junho de 2000 é uma organização política de mulheres negras, sem fins econômicos, sem vinculações religiosas, organização não governamental de assistência social, democrática e sem nenhuma vinculação político-partidária nem discriminação de qualquer natureza; tem número ilimitado de sócias, prazo de duração indeterminado e sede a Av. Professora Cora de Carvalho, 579, Bairro Central, CEP 68.908.040, no município de Macapá, estado do Amapá.

Art. 2º - O IMENA tem como finalidade o combate do preconceito, discriminação racial, sexismo e pela universalização efetiva dos direitos humanos, inerentes à cidadania, prioritariamente a marginalização das populações negras.

Art. 3º São objetivos do IMENA:

I - Promover a solidariedade e a igualdade entre homens e mulheres sem distinção de raças, etnia, cor, idade, classe, orientação sexual, religião, descendência, origem nacional ou regional, estado civil, estado de saúde, filiação, deficiência física, condição de egresso;

II - A defesa dos direitos dos cidadãos negros, especialmente mulheres e jovens, e o incentivo a sua integração no mercado de trabalho e na sociedade civil organizada;

III - Sensibilizar amplos setores da sociedade contra as práticas de discriminação racial ou sexual, através da denúncia responsável e da informação bem fundamentada,

IV - Lutar pela preservação e conservação do meio ambiente natural e apoiar pessoas e entidades empenhadas nessa luta contra a depredação da natureza;

Parágrafo único: Para efeito do que dispõem o inciso II, são cidadãos negros os que se definem ou são designados por negros, pardos, pretos, pardos ou mestiços de descendência africana.

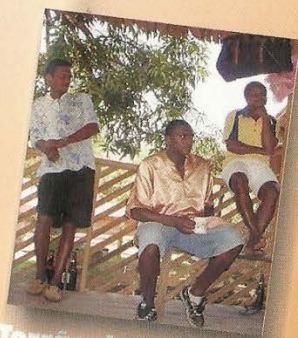
Art. 4 - Na persecução de seus fins, o IMENA atuará;

I - Desenvolvendo e estimulando estudos, pesquisas e diagnóstico da situação da mulher negra e das relações raciais, culturais e de gênero na sociedade brasileira, enfatizando: este viés na análise das condições sociais e políticas mais gerais;

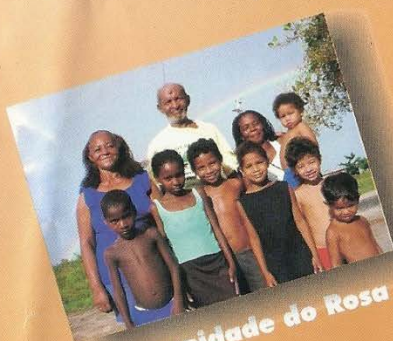
bcf
Lorena Alves Figueira
Advogada OAB 1372 AP

ANEXO W

AÇÕES DE EDUCAÇÃO AFIRMATIVA EM FAVOR DAS MULHERES NEGRAS

Comunidades onde o programa
será desenvolvido

Torrão do Matapi



Comunidade do Rosa



Campina Grande

Realização



Apoio



DFID

Colaboração

Comunidade do Rosa
Torrão do Matapi
Campina Grande

ANEXO X

DEPUTADA CRISTINA ALMEIDA – REPRESENTANTE DOS NEGROS

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/06/2016.

Macapá - Amapá - Brasil / Ano 1/2016 - Edição 1

Informativo

Mais Perto de Você

Cristina Almeida Deputada Estadual PSB 40

“Projeto de Lei aprovada que destina 20% das vagas oferecidas em concursos públicos à população que se auto declara preto ou pardo no Amapá”. Pág. 03

GABINETE ITINERANTE "Compromisso e Participação"

ANEXO Y

LEI ESTADUAL QUE CRIA A SECRETARIA DOS AFROS

LEI Nº 0811, DE 20 DE FEVEREIRO DE 2004. - Dispõe sobre a O... <http://www.sre.ap.gov.br/index.php/2004/7809-lei-n-0811-de-20-de-...>



ESTADO DO AMAPÁ
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Referente ao Projeto de Lei nº 0004/04-GEA.

LEI Nº 0811, DE 20 DE FEVEREIRO DE 2004.

Publicada no Diário Oficial do Estado nº 3224, de 25/02/2004.

Autor: Poder Executivo.

(Alterada pelas Leis 0909, de 01.08.2005; 0974, de 03.04.06; 1073, de 02.04.07; 1173, de 31.12.2007; 1246, de 10.07.2008; 1335, de 18.05.2009; 1558, de 09.09.2011)

Dispõe sobre a Organização do Poder Executivo do Estado do Amapá, o seu Modelo de Gestão, cria as Secretarias Especiais de Desenvolvimento Setorial, Secretarias de Estado, Secretarias Extraordinárias, Órgãos Estratégicos, Órgãos Vinculados e Colegiados, cria o processo decisório compartilhado e altera a estrutura da Administração Estadual, cria e autoriza a extinção de Cargos de Direção e Assessoramento Superior e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ,

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado do Amapá aprovou e eu, nos termos do art. 107 da Constituição Estadual, sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I

DA ADMINISTRAÇÃO ESTADUAL

CAPÍTULO I

DO MODELO DE GESTÃO

Art. 1º. O modelo de gestão gerencial do Poder Executivo, inspirado na filosofia de participação e parceria com todos os segmentos da sociedade, tem como premissas básicas a ética na condução dos interesses públicos, a responsabilidade sobre todas as ações governamentais, gerando transparência e compromisso com o crescimento econômico e social, o equilíbrio ambiental e fiscal, a regionalização do desenvolvimento, a integração das ações para redução das desigualdades socioeconômicas e espaciais e a solidariedade para buscar o bem-estar da população.

Art. 2º. O Poder Executivo Estadual adotará processo decisório compartilhado, por

ANEXO Z

CONTINUIDADE DA LEI QUE CRIA A SECRETARIA DOS AFROS

LEI Nº 0811, DE 20 DE FEVEREIRO DE 2004. - Dispõe sobre a O... <http://www.sre.ap.gov.br/index.php/2004/7809-lei-n-0811-de-20-de-...>

XVI - Secretaria de Estado da Ciência e da Tecnologia;

XVII - Secretaria de Estado da Justiça e Segurança Pública.

**** o inciso XVIII foi acrescentado pela Lei 1073, de 02/04/07.**

Art. 10. As Secretarias Extraordinárias são responsáveis pela coordenação e elaboração de planos estaduais temáticos, avaliação e monitoramento da execução das ações do governo, promoção da sinergia e da integração entre os órgãos governamentais, dos órgãos internacionais, dos governos federal, estadual e municipal que tratem de assuntos inerentes aos seguintes temas de Competência:

I - Secretaria Extraordinária de Governo em Brasília;

**** o inciso I foi alterado pela Lei 1073, de 02/04/07.**

II - Secretaria Extraordinária de Políticas para os Afrodescendentes;

III - Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas;

IV - Secretaria Extraordinária de Políticas para a Juventude;

V - Secretaria Extraordinária de Políticas para as Mulheres.

Art. 11. Órgãos estratégicos de execução são responsáveis pelo assessoramento interdisciplinar ao Governador e Secretários Especiais de Desenvolvimento Setorial e pela execução das políticas, dos programas e ações socioeconômicos, de gestão pública, zelando pela integração com os demais órgãos governamentais e pela parceria com órgãos internacionais, dos governos federal, estadual e municipal que tratem de assuntos inerentes às seguintes áreas de Competência:

I - Gabinete do Governador;

II - Assessoria Especial do Governador;

III - Gabinete de Segurança Institucional;

IV - Centro de Apoio à Coordenação Setorial;

V - Administração Regional de Governo;

VI - Defensoria Pública do Estado;

VII - Auditoria Geral do Estado;

VIII - Ouvidoria Geral do Estado;

IX - Procuradoria Geral do Estado;